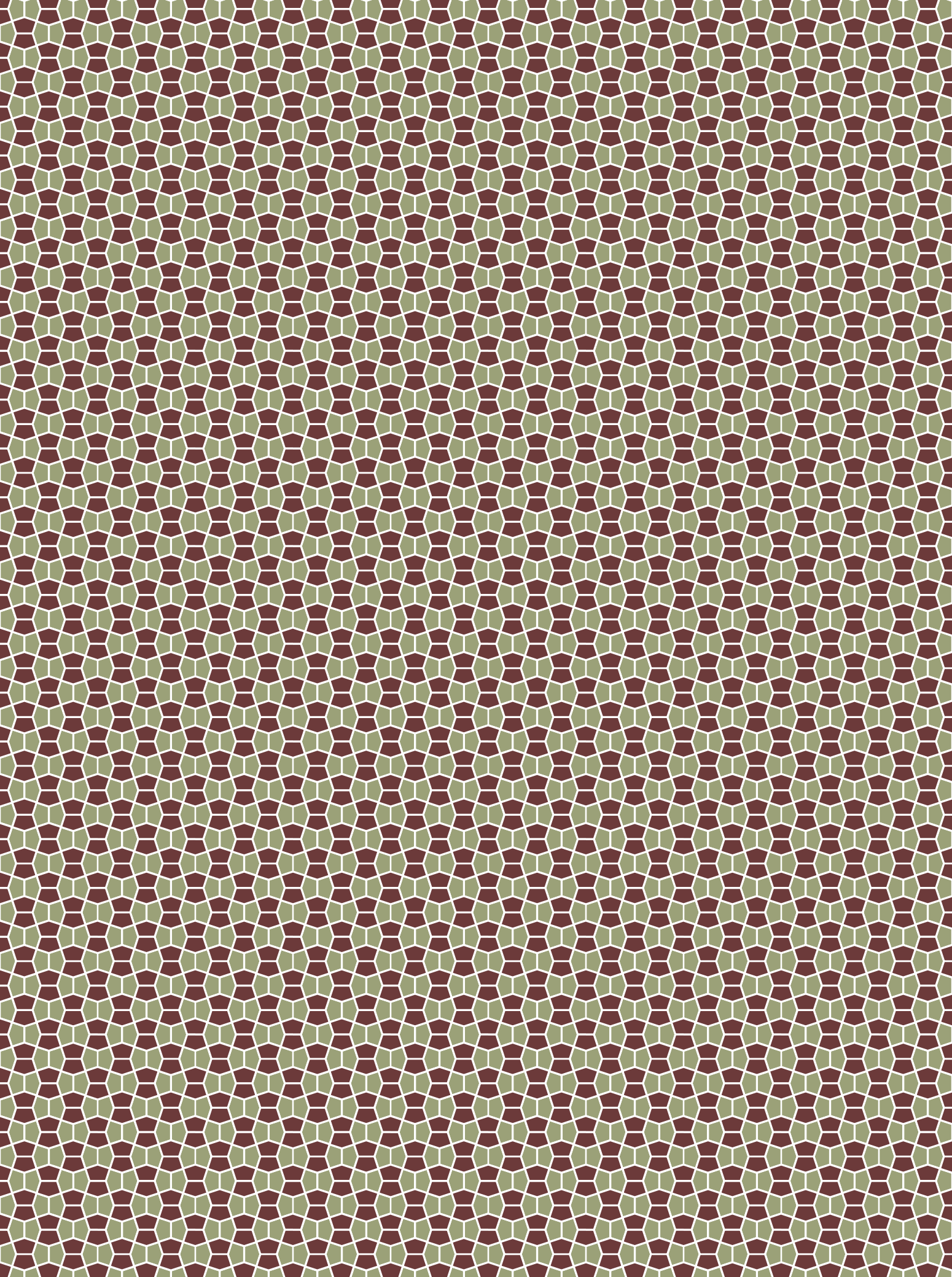


***Claudia Albuquerque***

A black and white close-up portrait of an elderly man with a serious expression, wearing a suit and tie. The background is dark and out of focus, suggesting a library or study.

***Waldemar***  
***do Ceará***  
***e dos Alcântaras***



**Waldemar**  
**do Ceará**  
**e dos Alcântaras**



# **Waldemar**

**do Ceará  
e dos Alcântaras**

***Claudia Albuquerque***

2012 ANO DO CENTENÁRIO DE  
WALDEMAR ALCÂNTARA

  
FUNDAÇÃO  
WALDEMAR ALCÂNTARA



# Sumário

- Nos caminhos da memória 6
- Dois ou três pontos sobre Waldemar 7
- 1** *Quando chove em São Gonçalo* 11
  - Aparências enganam 20
- 2** *Estudante na Bahia, médico no Ceará* 25
  - Feito feijão com arroz 32
- 3** *Novas descobertas no Sertão Central* 37
  - Não há lugar como esse... 46
- 4** *Uma década agitada* 51
  - Minha casa tem um brasão 58
- 5** *Seguindo a vocação familiar* 65
  - Denominador comum 72
- 6** *Secretário de Raul Barbosa* 77
  - Sempre cabe mais um 86
- 7** *Os pilares de uma faculdade* 91
  - As garotas de Waldemar 100
- 8** *Um novo roteiro para o Nordeste* 105
  - Estação Brasília 110
- 9** *A União pelo Ceará e o Governo de Virgílio* 113
  - Comidas e manias 122
- 10** *A vida no Planalto Central e o Governo do Ceará* 125
  - Abril era nosso 138
  - Cronologia 141
  - Bibliografia 142
  - Sobre a autora 143

# Nos caminhos da memória

Os livros, da mesma forma que os filmes, quadros e fotografias, são como tábuas de salvação em que podemos nos agarrar contra as marés do esquecimento. A memória é a bússola, o sentido é a ancoragem, o pretérito também é futuro. Sobre esse tema, o cineasta Luis Buñuel fez um comentário interessante: “É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos desta, para perceber que é esta memória que faz toda a nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada”.

Num país constantemente acusado de ter pouca ou nenhuma memória, a Fundação Waldemar Alcântara vem empreendendo uma navegação sistemática contra o esquecimento. As técnicas utilizadas são a reedição de obras raras e o lançamento de livros como este. Waldemar Alcântara, médico, político, professor, pioneiro em várias frentes e homem voltado ao bem comum, é um personagem que carrega em si boa parte da história cearense.

Falar sobre ele é recordar os primeiros passos da Faculdade de Medicina do Ceará e do Instituto do Câncer. É entender como funcionava o sistema de saúde pública em meados do século xx. É participar das legislaturas de 1947, 1950, 1954, 1966... É ter a compreensão do que o BNB representou para o Estado quando aqui se instalou. É a chance de costurar as mudanças de um lugar com as escolhas de um homem. Porque o tempo e a história são feitos assim, de pequenos percursos e passagens individuais, até que deságuam num oceano de sentidos coletivos.

Para nós, é uma alegria resgatar a biografia desse homem íntegro, múltiplo, vocacionado, presente em nossas vidas e em nossas histórias. Nosso pai, Waldemar Alcântara, personagem de uma narrativa individual que também é pública. Este livro fala de Waldemar para os que privaram de sua intimidade, para os que só o conhecem “de nome” e para os que jamais tiveram contato com a sua história. As biografias, no edifício das recordações, são pequenos fragmentos a nos salvar da confusão dos tempos.

Que os mais velhos se reconheçam e os mais novos se inspirem na luta de Waldemar, um homem do Ceará, dos Alcântaras e da história.

*Luiza, Lúcio, Lúcia e Lília*

Alcântaras de nascimento e por convicção



# Dois ou três pontos sobre Waldemar

Waldemar Alcântara era um conservador de espírito democrata, um pessedista que conviveu com udenistas e um arenista, amigo de emedebistas. Homem do sertão adorava os dias de chuva. Com fama de sisudo, era capaz de largas gargalhadas. Amante da ordem, sabia surpreender. Quando senador da Arena, falou em favor da legalização da maconha e tocou os trabalhos da Comissão Coordenadora de Estudos do Nordeste (Cocene), angariando elogios até mesmo dos jornais independentes.

Por razões como estas, foi muito prazeroso percorrer a história do Ceará pelos passos do biografado, que viveu quase 80 anos entre São Gonçalo, Quixadá, Fortaleza e Brasília. Para reconstituir os seus caminhos como deputado estadual, deputado federal, secretário de Educação e Saúde, vice-governador, governador e senador, recorri a entrevistas com ex-colaboradores, familiares e amigos. Na bibliografia consultada, foi de fundamental importância o livro “Doutor Valdemar: o Médico, o Político”, de Blanchard Girão.

Lançado em 1992, quando alguns personagens importantes da trajetória de Waldemar ainda estavam vivos — a mulher Dolores, o irmão Clodoaldo, os companheiros de partido como Almir Pinto e os amigos da medicina como José Carlos Ribeiro, Newton Gonçalves e Walter Cantídio — o livro de Blanchard é referido várias vezes neste trabalho, que, ao citá-lo, mantém a grafia utilizada pelo autor (Waldemar com “V”).

Como jornalista, me interessam as pessoas e as histórias que elas contam. Waldemar nasceu em 1912, no mesmo ano em que caiu a oligarquia acciolina. Viu o fim da República Velha, a eclosão da Revolução de 30, a imposição do Estado Novo, a redemocratização de 1945, o início e o fim do regime militar. Foi deputado estadual constituinte em 1947, personagem atuante da controversa União pelo Ceará, senador na nova Capital Federal e médico fundador de instituições como a Faculdade de Medicina, o Instituto do Câncer e o Instituto dos Cegos.

Formado na Bahia em 1938, quando o Brasil voltava os olhos para os seus sertões abandonados e tentava sistematizar uma política de atendimento público, Waldemar adotou o sanitarismo como destino médico. Mais tarde, nas pelepas políticas, teria a oportunidade de trabalhar de uma outra forma pela mesma causa. Em alguns momentos foi bem sucedido, em outros não.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me receberam e me passaram informações, com muita disposição e cordialidade, especialmente os filhos, netos e familiares de Waldemar. O apoio logístico e a liberdade de pesquisa foram fundamentais para esse relato, cujo título foi retirado do poema homônimo de autoria de Beatriz Alcântara.

*Claudia Albuquerque*



## Waldemar do Ceará e dos Alcântaras

Pessoas há, como flores do campo,  
surgem firmes por entre terra e verde,  
ao vento se inclinam, ao sol revelam a cor  
ao calor e à chuva expandem toda sua vigência,  
em harmonia multiplicam tanta invulgar sabedoria  
que brilhantes se voltam para a arte de fazer surgir o novo.

Meu sogro, homem-flor do agreste sertão nordestino do Ceará,  
a tolerância e o universo do saber, engrandecidos, por tão rara doação  
agradecem a generosidade, em festa, pelo centenário de seu nascimento.

MARIA BEATRIZ ROSÁRIO DE ALCÂNTARA, ABRIL DE 2012





# 1

---

---

## *Quando chove em São Gonçalo*

---

---

**“Meu pai era um homem muito ligado ao sertão. Uma mania bem característica dele era essa: na primeira chuva que caía, ele juntava todo mundo, botava dentro do carro e nós íamos para São Gonçalo. Lá, ele tomava banho de chuva, banho de riacho... Fosse que dia fosse da semana, isso era invariável: na primeira chuva forte, rumávamos para o interior.”**

LÚCIO ALCÂNTARA, FILHO

**“Banhos de chuva no pátio da casa, para os quais éramos sempre convocados; banhos de tanque ou de piscina; banhos de rio ou de riacho; isso tudo fazia a alegria do meu pai.”**

LÍLIA MARIA DE ALCÂNTARA E FRANÇA, FILHA



**C**erca de 55 quilômetros separam o município de São Gonçalo do Amarante da capital cearense. De carro, a distância pode ser percorrida em pouco mais de uma hora por artérias asfaltadas, ao longo das quais desfilam cordões de carnaúbas, serrotes, alagadiços e perfilados coqueirais. A cidade tem menos de 45.000 habitantes e está encravada na microrregião do Baixo Curu, atraindo levas sucessivas de visitantes

para praias e lagoas quase sempre banhadas de sol.

O turismo trouxe um novo alento à acanhada economia agropastoril, mas outras frentes já vinham sendo abertas na praia da Taíba — cujas areias brancas ostentam as enormes hélices de um parque eólico, o primeiro do mundo construído sobre dunas — e também no Pecém, distrito em que um complexo industrial e portuário movimentava mercadorias e promessas.



Longe do burburinho, a Igreja de Nossa Senhora da Soledade emana discretíssimo charme no distrito de Siupé, enquanto os fiéis rezam em honra ao padroeiro na Igreja da Matriz, ponto a partir do qual se esprou a cidade.

Os turistas que seguem para as praias optam em geral pela CE-085, oficialmente batizada Rodovia Governador Waldemar Alcântara e popularmente conhecida como Estruturante. Ela vai flanqueando o litoral sem penetrar no coração da sede — a não ser que o motorista corte o percurso com a entrada numa rotatória, aquela cuja referência vem a ser um busto de Waldemar Alcântara.

Outro caminho é a BR-222, com abertura para a CE-423. Nesse caso, o visitante logo verá à sua direita, rumorejante e luminosa, a velha lagoa da Prejubaca, com suas carnaúbas e águas mornas. E mais adiante, à esquerda, a Rua Capitão Procópio, que marca o antigo centro gonçalense, miolo ilustre do lugar. O tempo trouxe mudanças, mas a cidade permanece pequena na memória dos que a viram sem asfalto e sem calçamento.

*“Vivíamos nas casas uns dos outros, porque era tudo da mesma família. Cada casa de um lado da rua... Papai e os tios eram muito influentes na cidade. O Waldemar, mais velho que eu, foi estudar fora e voltou doutor, mas nunca abandonou São Gonçalo. Tinha as festas da igreja; banda de música no coreto; casamento em casa, com muita comida... Era um tempo bom!”*  
(Cleomar Brasileiro Alcântara, a Dadá, cunhada e prima de Waldemar).

Atualmente, como antes, os moradores de São Gonçalo se localizam com extrema facilidade: aos pés da Igreja Matriz existe uma praça, ao lado da praça uma casa de cinco portas, e na frente da casa, um pé de benjamim. É o benjamim do Dr. Waldemar, marco relevante de um mapa sentimental que eclode no velho centro. Lugar de sombra e descanso onde, em todas as ocasiões de retorno à terra natal, Waldemar Alcântara se sentava para ouvir notícias, saber das ocorrências e desfiar amenidades. A filha Lúcia recorda que esses momentos se repetiram décadas a fio:



Busto de Waldemar Alcântara sinalizando a entrada de São Gonçalo do Amarante (CE).  
JÚLIO ALCÂNTARA



Casa da família  
em São Gonçalo  
do Amarante (CE).

JOANA FRANÇA

*“Acho que, se dependesse do meu pai, ele teria passado os últimos dias de vida em São Gonçalo. Durante anos, depois que ele morreu, eu encontrava pessoas que me perguntavam: ‘Vocês ainda estão indo a São Gonçalo? Lembro tanto do Dr. Waldemar debaixo do benjamim! Eu passava e o via lá’. Muita gente guarda essa imagem dele”.*

Dentre essas pessoas está o jornalista Lúcio Brasileiro, que desenvolveu uma relação de afeto com o velho médico e político desde que integrou a ala jovem do partido de Waldemar, o PSD:

*“Quando ele já estava adoentado, passei com Amarílio Macedo em sua casa de São Gonçalo, e o encontrei na varanda. Fiz-lhe tomar uma dose de Cointreau garganta adentro. Dona Dolores não gostou nada”.*

A neta Ana Luiza, filha de Luiza Maria, primeira dos quatro filhos do casal Waldemar e Dolores, também guarda lembranças do avô sob a sombra:

*“Quando íamos para São Gonçalo, a casa dos meus avós ficava perto da praça, bem na passagem de carros e pessoas. A gente ficava sentado embaixo do pé de benjamim, ele numa cadeira de balanço. As pessoas sempre paravam para cumprimentá-lo, conversar um pouco, contar alguma novidade do local, como se fosse uma parada obrigatória. Era muito interessante a reverência de todos frente à presença dele, naquele lugar. Assim que chegávamos, ele chamava os netos e dava umas moedinhas para comprarmos bombons na loja do tio Clodoaldo, irmão dele. Isso sempre acontecia, então já esperávamos por esse momento”.*

Do bombom ao tecido, da bacia ao brinquedo, do enfeite à toalha: o mundo inteiro cabia na loja do tio Clodoaldo, que vendia até remédios, quando ainda não existiam farmácias na cidade. Nos fundos daquele mercadinho superabarroto de novidades, um armazém guardava o estoque de cera de carnaúba da família, negócio propício a uma região pródiga em carnaubais nativos. O mesmo local recebia blocos de cera adquiridos de pequenos produtores do entorno, para posterior comercialização em Fortaleza.

## A valentia dos Praíbas

Quando José Waldemar Alcântara e Silva nasceu, no dia 12 de abril de 1912, era bastante provável que estivesse chovendo.



“Abril, chuvas mil”, rima o dito popular. Mas não ficaram registros familiares sobre isso. A igreja de São Gonçalo era outra, bem menor e mais humilde. A praça não tinha fonte luminosa, quiosque, lanchonete, brinquedos ou acesso à internet, como hoje anuncia a Prefeitura local.

O Pecém, a 19 km da sede, assim como a Taíba, a 25 km, eram remotas aldeias de pescadores. O trajeto para a capital desdobrava-se empoeirado, lento, penoso. O Brasil vivia as crises da República Velha, que se agravariam nos anos 20 até a eclosão da Revolução de 1930, com um novo capítulo da história sendo escrito pelo controverso Getúlio Vargas, que aboliu alguns vícios e estreou outros.

Com uma população de um milhão de habitantes, o Ceará acabava de dar adeus ao domínio político de Nogueira Accioly. Puída pela corrupção e degradada pela violência, a oligarquia acciolina caiu com estrondo pouco antes do nascimento de Waldemar, no dia 24 de janeiro de 1912, graças a um movimento popular seguido de um golpe apoiado pelo presidente

Hermes da Fonseca, que defendia uma polêmica “política das salvaçãoes”, com violentas interferências regionais.

Na pacatez da vilazinha com duas ruas principais e uma igreja no centro, o silêncio era quebrado pelas festas de São Gonçalo e do Coração de Jesus, os casamentos e batizados, as comemorações familiares, os dramas e pastoris. Ou pelas contendas por terra e desavenças de clãs. O menino Waldemar era filho de Raimundo Nonato da Silva, o Doca Praíba, e neto do desbravador José Ferreira da Silva, o Cazuzza, dono do sítio Praíba, ou Paraíba.

O clã dos Praíba possuía terras e influência desde Caucaia até os limites de Itapipoca. “Tão marcantes devem ter sido as ações de José Ferreira da Silva à frente do sítio Praíba, que esse topônimo não tardou a virar o designativo das filhas e netos desse afidalgado colonizador”, explica F. S. Nascimento no livro “Praibas do Cauípe — 250 Anos de História Política”.

Raimundo, o Doca, pai de Waldemar, filho de Cazuzza com Maria Madalena da Silva, fincou raízes em São Gonçalo do



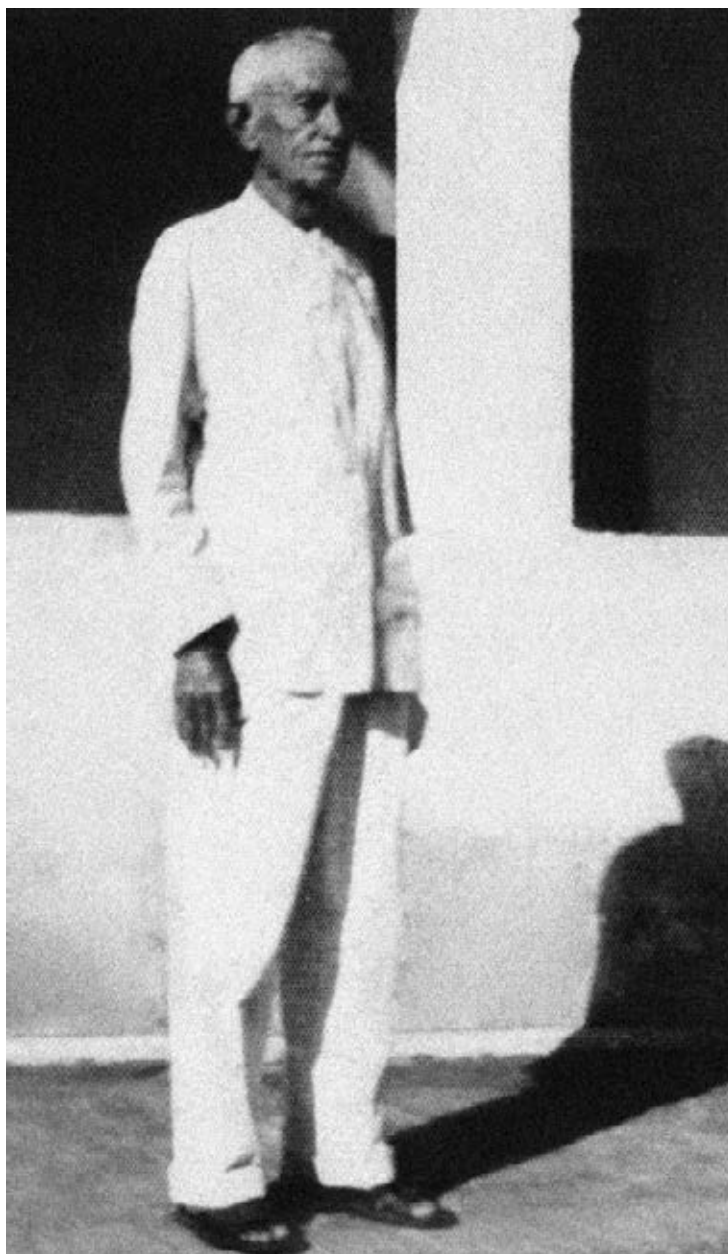
Conversa sob o pé de benjamim.  
ARQUIVO DA FAMÍLIA

Amarante, então um núcleo insignificante que por algum tempo se chamou Anaceta — a “aldeia dos anacés”, ou dos índios que dominaram a área antes que o bacamarte dos coronéis falasse mais alto.

Ali as notícias chegavam com a lentidão dos animais de carga. Mesmo quando explodiam atritos com os homens de Accioly, nem de longe se viu algo como o que aconteceu em Fortaleza, cidade de 70.000

Doca, pai de Waldemar.

ARQUIVO DA FAMÍLIA



habitantes, onde os protestos contra a oligarquia acciolina provocaram centenas de mortes, com direito a tiroteios, trincheiras e depredações de praças e bondes.

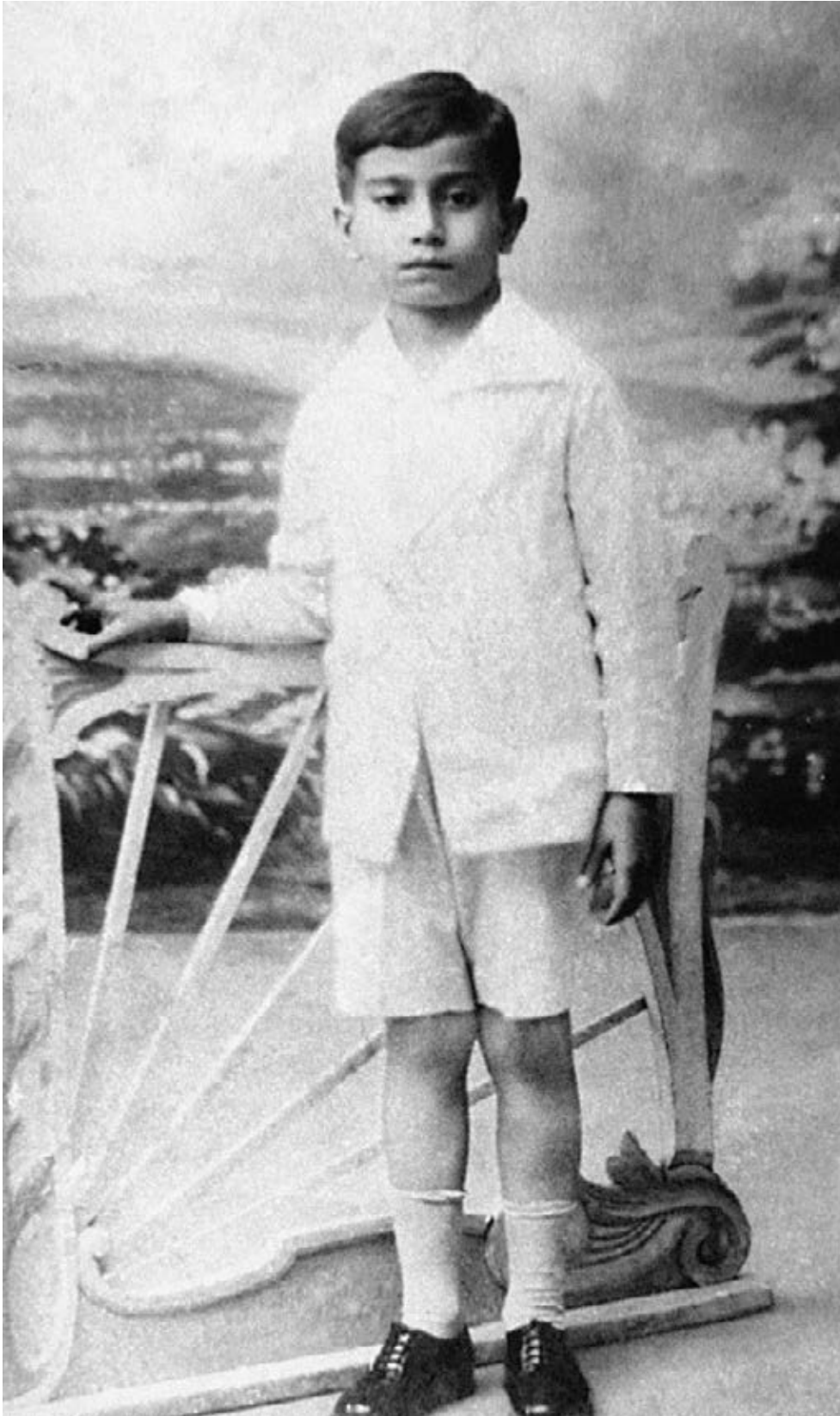
Sisudo, Doca era um homem tipicamente interiorano, de vida espartana, ligado à terra e às coisas do sertão. Zelava por sua propriedade, criava gado, plantava cedro, fazia açudes, dormia com as galinhas e acordava antes do sol. Trabalhou até perto da morte, com mais de 90 anos, sem nunca perder a lucidez.

Na juventude casou-se com uma moça bonita e tranquila, Luiza de Alcântara e Silva, a Luizinha, filha de um dos fundadores de São Gonçalo, José Procópio de Alcântara. Juntos, tiveram quatro filhos: Jonas, Gilberto, Waldemar e Clodoaldo.

Concentrado em seus próprios negócios, cuidando da família e enfrentando as oscilações climáticas, Doca não quis perpetuar a fama de braveza dos Praíba, que atravessou décadas e despertou em Almir Pinto, antigo quadro do PSD e amigo de Waldemar, um comentário divertido:

*“Dizem que os Paraibas, sua origem paterna, eram homens indômitos, valentes, até mesmo dados a motins e tumultos naqueles ínvios rincões do Curu e vizinhanças. Não sei até que ponto isso é verdade, mas se assim era, Waldemar trouxe nas veias mais sangue dos Alcântaras, filho que era de Luíza, uma mulher conhecida pela generosidade, e sobretudo do major Adelino, um homem bom, sereno, acolhedor”.*

O major Adelino Alcântara era irmão de Luiza e, portanto, tio de Waldemar. Homem habilidoso, com política nas veias, teria sua influência turbinada a partir da década de 30 do século passado, quando se vinculou às correntes comandadas por Menezes Pimentel e José Martins Rodrigues. Alguns anos depois, um Waldemar já formado em medicina teria no tio Adelino seu grande incentivador para o ingresso na política.



Waldemar criança.  
ARQUIVO NIREZ

## Uma rua de família

Na infância, Waldemar e os três irmãos, Jonas, Gilberto e Clodoaldo, aprenderam o ABC e a tabuada na Escola Pública do Arraial da Lagoinha, que o povo preferia chamar de escolinha da dona Ernestina. Pioneira, Ernestina Cordeiro de Almeida dirigia o modesto estabelecimento, que abrigava toda a meninada local, inclusive uma prima de Waldemar, a irrequieta e desembaraçada Dolores, filha do tio Adelino com Maria Brasileiro.

Waldemar e Dolores, que engatariam um longo namoro seguido de um casamento de mais de 50 anos, eram filhos de uma elite de origem rural, bastante conservadora e ciosa de seus domínios. Dolores perdeu cedo a mãe. E o major Adelino, viúvo, casou-se com Iracema, uma irmã mais nova de sua falecida mulher.

“Isso era comum. As famílias casavam muito entre si e não se dispersavam”, considera Fernando Alcântara Mota, que tenta explicar uma rede intrincada de relações sanguíneas: “O pai do Waldemar era irmão do meu avô paterno. A mãe do Waldemar era irmã da mãe da minha mãe. E o pai da mulher do Waldemar, a Dolores, era irmão da minha avó também. Minha mãe era prima legítima do Waldemar, assim como o meu pai”.

A rua principal era literalmente familiar. Doca e Luiza moravam de um lado, Adelino e Iracema moravam do outro. A filharada crescia solta, na travessia livre do chão de terra. “Então quando a gente não encontrava um primo numa casa é porque estava na outra. Era só gritar”, se ri Cleomar, a Dadá, única das irmãs de Dolores que ainda vive.

Clodoaldo, o filho mais novo de Doca, já falecido, garantiu ao jornalista Blanchard Girão, no livro “Dr. Valdemar: o Médico, o Político”, que seu irmão Waldemar era muito compenetrado nos estudos. Por isso começou a ter aulas com o juiz de Direito de São Gonçalo, Manuel Sales Andrade,

que era amigo da família. A escolinha de dona Ernestina não ia muito além das primeiras séries primárias, e nesse tempo Doca já pensava em mandar o filho para Fortaleza.

Quando surgiu a vontade de ser médico, é impossível de dizer, mas Clodoaldo arrisca um palpíte: “O Dr. Jurandir Picanço tratava de uma parenta nossa. Vinha por isso costumeiramente a São Gonçalo. Pessoa distinta, muito fina, elegante em sua roupa branca. Aquilo me impressionava muito. E acredito que também ao Waldemar. Acho que a influência pela medicina veio pelo conhecimento com o Dr. Jurandir Picanço”.

Apesar de terem apenas dez anos de diferença — Jurandir é de 1902 e Waldemar de 1912 — é possível que a memória não tenha traído Clodoaldo. Formado na década de 20, talvez Jurandir tenha estado na casa dos Alcântaras quando Waldemar era um rapazote de 14 ou 15 anos. O fato é que em 1948, os dois doutores, Waldemar e Jurandir, estariam juntos no “grupo dos cinco”, que idealizou e ergueu a Faculdade de Medicina do Ceará.

## Fortaleza no horizonte

Em 1928, antes de completar 16 anos, o garoto de São Gonçalo vai estudar em Fortaleza. Lá, ele encontra uma cidade que se expandia e modernizava, com bondes elétricos desde 1914 e um sistema de esgoto inaugurado no ano anterior. Ainda incipiente, o sistema cobria o atual Centro, despejando os dejetos diretamente no mar, na Praia Formosa.

Desde 1925 um coreto coberto enfeitava a Praça do Ferreira, que alguns anos depois trocaria esse palco de música pela Coluna da Hora. Ali perto, na Rua Major Facundo, o Cine Majestic atraía moças e rapazes para as sessões em p&b de clássicos românticos e comédias ingênuas. Os moradores mais abastados descobriam as delícias

dos banhos de mar na então longínqua Praia de Iracema, até bem pouco tempo chamada de Praia do Peixe.

Os pais providenciaram para que Waldemar ficasse hospedado na casa de um amigo da família, Clóvis Cabral Cruz, que era parente do telegrafista de São Gonçalo. Chegando à cidade, o garoto ingressou no renomado Colégio Castelo Branco, do professor Silas Ribeiro, que o tornou apto a enfrentar os temidos exames do Liceu do Ceará, o melhor ginásio da cidade. Melhor, mais cobiçado e mais concorrido, o Liceu ofertava ensino público gratuito de qualidade aos que conseguissem se esgueirar pelo funil das provas de português, aritmética, geografia, história e ciências.

Waldemar entrou em 1929, mas em 1931, a pedido do professor César de Adolfo Campelo, um de seus mestres e também amigo da família, transferiu-se para o recém-criado Ginásio São João. Matemático respeitado na época, César levou os seus melhores alunos para o novo educandário, na tentativa de chamar a atenção para a excelência do ensino. O ginásio abriu em 1930, com pouco mais de 100 alunos, no

ano seguinte contava com 173 estudantes, e em 1938 já tinha mais de 700 matriculados.

Em 1932, Waldemar obteve o seu certificado de conclusão do ensino médio, então chamado de Curso de Humanidades, e já podia ingressar numa faculdade. Ele embarcou na aventura acadêmica pela então agitada Ponte Metálica da Praia de Iracema, que na época servia ao transporte de bens e passageiros. O Porto do Mucuripe só receberia o primeiro navio em 1953. Com Waldemar embarcaram os amigos Banward Bezerra, Walter Borges e Romildo Mendes. Em Salvador, onde foi estudar medicina, ele se hospedou na pousada que o pai de Romildo abriu para receber os estudantes cearenses.

Durante seis anos, São Gonçalo se transformaria no local das férias. Espaço de chuvas, banhos de rio e recordações de infância. “Nunca vi alguém gostar tanto de um lugar como ele, principalmente no inverno. E ensinou esse amor aos filhos, porque nós adorávamos ir para lá. A casa dos meus avós, o pé de benjamim, as conversas na rua, a companhia dos primos, a fartura do interior... Imagino a falta que meu pai sentiu quando foi morar na Bahia!”, especula a filha Luiza.

Praça do Ferreira,  
Fortaleza (CE).  
ARQUIVO NIREZ



---

---

# APARÊNCIAS ENGANAM

Homem de aparência reservada, não muito expansivo, com fama de austero, Waldemar Alcântara gostava de ouvir, congregava aliados e era capaz de longas conversas. “Além de largos sorrisos”, garante o engenheiro Luís Marques, que o conheceu por intermédio do pai — Joel Marques, também deputado do PSD —, tendo depois convivido com Waldemar em várias fases da vida profissional.

O educador César de Adolfo Campelo, que foi seu professor na época do Ginásio São João, disse a Blanchard Girão que o aluno era “um moço velho”. O médico e professor Newton Gonçalves (1917-1994), que trabalhou ombro a ombro com Waldemar na Faculdade de Medicina, Instituto do Câncer e outros projetos importantes, também deixou seu testemunho: “No auge de uma discussão, Waldemar tinha aquela risada clássica, que era a sua maneira de esfriar os ânimos. A discussão e as desavenças desapareciam, ou pelo menos eram adiadas”.

Para o ex-governador Adauto Bezerra, havia uma desconexão entre essência e aparência: “No Waldemar, o aspecto interno não correspondia ao exterior. Eu o conheci melhor na época da União pelo Ceará. Ele era do PSD, eu da UDN. Eu era

muito ligado ao Virgílio, de quem Waldemar se aproximou nesses anos. Lembro dele falando com aquela voz grave: ‘Virgílio, esse menino vai longe!’. Virgílio muitas vezes chamava-o de Waldema. Quando convivemos mais, eu como governador e Waldemar como vice, nunca tivemos qualquer palavra de desagrado um para o outro. E nunca ninguém ouviu



Waldemar, estudante do Ginásio São João.  
ARQUIVO FWA

um comentário discordante da inteireza de caráter dele”.

Enir Albuquerque, que foi secretária de Waldemar quando ele era diretor de Crédito Rural do BNB, classifica-o como “um chefe exigente no cumprimento da norma, mas sumamente cordial”. Nadyr Maia Osterne, que também o secretariou no banco, explica que “ele era fechado à primeira vista, mas se você tinha coragem de chegar perto, ele se abria”. Já a Dra. Rebecca Mourão, chefe do serviço de radioterapia do Instituto do Câncer, ajuíza que Waldemar sabia misturar calma e determinação na fala. “Sempre ao chegar ao ICC, ainda em um pequeno prédio, passava pela sala da Física e dava um bom dia a todos, perguntando como estava o trabalho”.

Ex-funcionária da Faculdade de Medicina, Aída Araújo Coelho lembra que o Doutor “tinha um vozeirão de dar medo, mas sabia ouvir. E era irônico, tinha sua dose de humor. Foi um pai para mim”. As outras garotas da Faculdade, hoje aposentadas, também recordam da fama de mal humorado do chefe, que nunca foi além das aparências. “Ele era um homem sério. Nós o chamávamos, sem ele saber, de ‘cara de tamanco’, ou seja, cara dura. Mas era generoso, tinha um coração do tamanho do mundo. Gostava de conhecer as pessoas e de confiar nelas”, afirma Cleide Ancilon de Alencar Pereira, a primeira bibliotecária da Faculdade.

Sua colega Neide Cavalcante Theophilo detalha: “Trabalhei diretamente com o Dr. Waldemar o tempo todo que ele passou na Universidade. Era culto, de conversa boa. Dava carona para todos os funcionários que trabalhavam diretamente com ele. Ficava nos esperando até o expediente encerrar. Ele se impunha sem agressividade”, pontua. Um exemplo dessa “imposição natural” é dado por Maria Madalena Brasileiro Mota, prima de Waldemar e também sua funcionária: “Às vezes, estávamos todos na cantina da Faculdade, quando ele chegava silenciosamente, e então saía



todo mundo correndo. Não dizia nada, mas só a pisada já assustava”.

Madalena chama também a atenção para o estilo discreto de Waldemar: “Minha mãe, tia dele, era viúva e eu era a última filha. O Waldemar tinha aquele costume de fazer visitas. Na época do Natal, alguns dias antes ele começava as visitas aos amigos e à família. Acho que ele fazia uma seleção das casas. Numa dessas, minha mãe deve ter dito que eu estava terminando serviço social e que precisava de uma ocupação... Ele aguardou aquilo e me ajudou, no tempo certo e à maneira dele”.

O jornalista Lustosa da Costa, que o conheceu em 1959, quando Waldemar já tinha tido experiências bem sucedidas como deputado, diretor da Faculdade de Medicina, secretário de Educação e Saúde e cofundador de entidades como o Instituto do Câncer e o Instituto dos

Na antiga Faculdade de Medicina: Vitalina Frota Leitão, Neide Theophilo, Aída Araújo Coelho, Elze Monteiro de Brito.

ARQUIVO DA FAMÍLIA

Cegos, ressalta a habilidade do político e doutor para dizer não:

*“Lembro-me de haver exagerado na imparcialidade ao dar depoimento sobre ele, como meu personagem da cena política, dizendo-o sem simpatia e sem votos — o que levou o então deputado Roberto Pessoa a me repreender: aquilo não foi coisa de amigo não. De fato, não era simpático, mas apesar da aparência, era de fácil trato e imbatível na competência de dar um não, principalmente aos pedidos de emprego. Sabia agradar inclusive aqueles que não podia ajudar”.*

O também jornalista Lúcio Brasileiro conta outra boa história:

*“Waldemar Alcântara não era ainda presidente do PSD, quando teve seu retrato apostado na modesta sede da Mocidade Pessedista Walter de Sá Cavalcante, à qual, eu ainda garoto, pertencia. Ao agradecer a homenagem, ele disse:*

*— Tal qual Nereu Ramos, minha cara não é feia nem bonita. Tenho a cara que Deus me deu!*

*Outra vez, muitos anos depois, fazendo uma alusão a Virgílio Távora, que era casado com Luiza, e Flávio Marcílio, que era marido de Nícia, me disse:*

*— O problema não é o Virgílio, o problema é o Flávio. Acontece que a Luiza manda no Virgílio, a Nícia manda na Luiza e o Flávio manda na Nícia”.*

O ex-senador Almir Pinto (1913-1991), médico e político como Waldemar — inclusive seu colega na bancada do PSD à Assembleia Constituinte de 1947 — deixou um depoimento a Blanchard Girão em

que recorda com humor o dia em que Waldemar, então o deputado estadual mais votado do PSD, chamou o governador Faustino de Albuquerque de “vampiro de Londres”. Faustino, da UDN, tratava os adversários de forma pouco cortês, especialmente no interior, e não gostou nada do comentário. “Faustino ficou azedíssimo e daí por diante não mais perdoou o Waldemar”, relembra Almir.

Esse tipo de brincadeira, porém, era evento raro na vida de Waldemar. Paulo de Tarso Montenegro Barrocas, procurador do município de Fortaleza, que quando criança conheceu Waldemar e mais tarde manteve contato estreito com a família, opina sobre as vantagens de ser reservado: “Na minha opinião, Dr. Waldemar foi lançado candidato a deputado estadual pelo PSD porque era sério, correto e habilidoso. O homem das missões de apaziguamento, sempre paciente e conciliador, o para-choque do partido, ouvindo muito e falando pouco”.

O filho Lúcio Alcântara tece suas considerações particulares sobre o pai político:

*“Era homem da soma, da conciliação. Nos partidos a que pertenceu nunca fez bloco, ou organizou facção. Talvez por isso tenha sido chamado a ocupar tantos cargos importantes nos partidos e na vida pública. Era um ponto de convergência. Não obstante, há depoimentos que o dão como homem de grande coragem pessoal. O desprendimento não era sinal de falta de personalidade. Pelo contrário, gostava do debate, instigava a controvérsia, inclusive em rodas sociais e familiares. Bem humorado, no contacto pessoal desmentia a fama de reservado que sua fisionomia fechada inspirava. Sem transparecer ambição política chegou a tantas funções importantes naturalmente, como se não as procurasse, em função talvez de uma liderança moral e intelectual que o marcou”.*



Diógenes Nogueira, também ex-deputado pelo PSD na época, preferiu chamar a atenção para o que ele considerava o espírito democrático do Doutor:

*“Quando o Dr. Tancredo Neves, amigo particular de Waldemar, assumiu o posto de Primeiro Ministro durante o sistema parlamentarista aprovado para garantir a posse do presidente João Goulart, enviou-lhe um telegrama pedindo para ele indicar os nomes para ocupar os três órgãos mais importantes da administração federal em nosso Estado. (...) Waldemar poderia perfeitamente ter feito a indicação solicitada, apenas, quando muito, consultando aqueles amigos mais íntimos. Mas assim não procedeu. Convocou a executiva do partido e os deputados da legenda para uma reunião de emergência. (...) Foi o assunto ampla e democraticamente debatido, chegando-se a um denominador comum” (Em depoimento ao livro “Dr. Waldemar: o Médico, o Político”).*

A sobrinha Ielda Alcântara, filha do irmão Jonas, morou com o casal Waldemar e Dolores quando era adolescente: “Fui terminar o ginásio em Fortaleza, e emendei com a Faculdade de Medicina. Eles me acolheram como filha, só tenho a agradecer. O tio Waldemar era calado, mas suave”. As aparências realmente enganam. Luiza, a filha mais velha de Waldemar e Dolores, reforça: “Ele não era grosseiro, nunca foi. Tinha aquele jeitão dele, mas era louco pelos filhos e respeitava muito a minha mãe, a maior política da família”. Lúcia, a filha que se formou médica, conta uma história ilustrativa:

*“Uma vez, de madrugada, eu e meu marido levamos papai para o hospital, para uma internação às pressas, um sufoco! Na UTI, um homem ao lado gritava, pedindo água desesperadamente: ‘Me deem um*

*copo d’água, pelo amor de Deus’. Ao que meu pai — com edema agudo de pulmão, ou seja, com os pulmões encharcados de água — retrucou jocosamente: ‘Uns com tanto, outros com tão pouco!’. Isso dá uma mostra do senso de humor muito peculiar dele”.*

E para encerrar, Lília, a caçula, relembra o efeito inesquecível de um sorriso especial:

*“Como todos dizem, o sorriso do Waldemar não era nada fácil. Por isso era extremamente valorizado. Quem recebia dele um sorriso, tenho certeza, tinha noção da real dimensão daquele presente. O maior e o mais bonito que vi escancarar-se no rosto do meu pai foi quando, no dia 19 de dezembro de 1969, alta madrugada, o locutor de rádio pronunciou o meu nome entre os aprovados no vestibular da Universidade de Brasília (UnB). A fotografia daquele sorriso e daquele abraço eu nunca vou esquecer”.*



Waldemar Alcântara.  
ARQUIVO FWA





# 2

---

***Estudante  
na Bahia,  
médico  
no Ceará***

---

**“Atentai, ó vós que estais a pisar este chão. Este chão é sagrado. Este chão, este solo, esta terra são ungidos, são consagrados, são abençoados pelos deuses da Medicina. Este é o chão do Santuário da Medicina primaz do Brasil.”**

DIZERES DO PROFESSOR ANTÔNIO CARLOS NOGUEIRA BRITTO,  
EM PLACA AFIXADA NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

**“Aquele que só medicina sabe, nem medicina sabe.”**

JOSÉ DE LETAMENDI



Quando desembarcou na Baía de Todos os Santos, aos 20 anos de idade, o jovem Waldemar Alcântara encontrou os casarões coloniais e ladeiras íngremes do centro histórico de Salvador, onde a Faculdade de Medicina da Bahia recebia alunos de todo o Brasil, especialmente dos Estados vizinhos. Agitada, a capital baiana ganhava os primeiros edifícios de apartamentos e também as novas instalações do Elevador Lacerda, que facilitavam enormemente a vida dos transeuntes.

Funcionando num grande prédio de feições neoclássicas, em pleno Terreiro de Jesus, a mais antiga escola superior do Brasil nasceu como Escola de Cirurgia da Bahia em 1808, viu sua biblioteca ser devastada por um incêndio em 1905, reinaugurou o prédio reformado em 1909 e estendeu seus cursos para o campus do Canela em 1968. Marco relevante da cultura baiana, foi lá que se acendeu a primeira luz elétrica de Salvador, no dia 2 de julho de 1844.

Com mestres rigorosos, prestígio incomparável e o orgulho de formar notáveis,

Vista da cidade de Salvador (BA), a partir da Baía de Todos os Santos.

ARQUIVO IBGE



a Faculdade de Medicina era um espaço circunscrito de discussões científicas, políticas e filosóficas. Entrar em suas salas de aula era mais que garantir um canudo, era ingressar num clube restrito de imenso prestígio social.

Na década de 1930, quando Waldemar estava entre os alunos matriculados, a escola era dirigida por José Aguiar Costa Pinto, médico doutorado em Saúde Pública na Universidade John Hopkins, em Baltimore —centro irradiador de novas tecnologias, experiências científicas e pesquisas avançadas nos EUA. A “West Point da saúde pública”, como era conhecida a universidade americana, recebia grupos de médicos brasileiros para pós-graduação, com bolsas financiadas pela Fundação Rockefeller.

Esse fato influenciou grandemente o pensamento acadêmico nacional, que se distanciava da sua antiga fonte francesa para se tornar cada vez mais impregnado da racionalidade e do pragmatismo norte-americanos. À frente do Governo da Bahia estava o militar cearense Juracy Magalhães, que se notabilizou por decisões polêmicas, como a legalização do jogo do bicho em troca de subsídios para creches e hospitais, e por frases de tonalidades discutíveis. Um exemplo conhecido: “O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”.

Uma das muitas histórias pitorescas que se contam sobre Juracy envolve a Faculdade de Medicina na época de Waldemar. Dizem que certa vez ele mandou prender os estudantes que assobiaram para um grupo de mulheres na Praça da Sé. Isso porque uma lufada indiscreta de vento levantou as saias que estavam no caminho quando elas se dirigiam à igreja, arrancando gritos maliciosos da estudantada reunida.

Uma dessas senhoras — azar supremo! — era a mulher de Juracy, então interventor federal. Ao saber do ocorrido, o furioso chefe mandou levar os engraçadinhos para a Secretaria de Segurança Pública,

exigindo que eles pedissem desculpas — o que não aconteceu.

O prédio rosado da Faculdade de Medicina descansa desde sempre ao lado da Igreja da Sé, onde o vento continua balançando os vestidos das moças distraídas. Após um prolongado período de abandono, o edifício onde Waldemar desvendou os segredos da profissão abriga novamente a diretoria da Faculdade e recebe, no mês de dezembro, os alunos formados em várias e diferentes turmas. Todo final de ano é assim: num ritual festivo, doutores de todas as idades percorrem os suntuosos corredores acadêmicos, após tradicional missa na Sé, celebrando a formatura dos que já passaram por aquelas salas de aula.

Na terceira década do século passado, quando Waldemar recebeu sua formação acadêmica, a saúde pública tinha fincado raízes na educação sanitária, que já passara pelas campanhas de Oswaldo Cruz e a descoberta da doença de Chagas por Carlos Chagas. O Brasil voltava os olhos para os seus sertões abandonados e os seus “jecas tatus”, tentando sistematizar uma política de atendimento público. Nos corredores da academia, em Salvador, os alunos discutiam a aplicabilidade dos ensinamentos acadêmicos à realidade do País, fixando o saber médico como forma

Waldemar com os colegas da Faculdade de Medicina da Bahia (BA).

ARQUIVO DA FAMÍLIA



de confrontação e enfrentamento dos grandes problemas nacionais.

*“Fomos alunos do professor Fernando São Paulo, que procurava moldar os futuros médicos para destinos diferentes. Havia, segundo ele, duas terapêuticas distintas — uma para o médico do interior, outra para os da capital. O doente pobre do sertão tinha de ser cuidado dentro da sua realidade, inclusive da falta de medicamentos que só existiam nas capitais. Graças a esses ensinamentos, tivemos condições de fazer uma medicina consentânea com o estado de pobreza e abandono do nosso rurícola” (Almir Pinto, em depoimento ao livro “Dr. Valdemar: o Médico, o Político”).*

Um dos companheiros de Valdemar era Almir Pinto — mais tarde secretário de Estado, prefeito, deputado e senador. Nascido em Lavras da Mangabeira, era apenas um ano mais jovem que Valdemar e seu contemporâneo de academia.

Ao longo da história, o namoro entre a medicina e a política rendeu adeptos apaixonados, que precisaram em algum momento decidir para onde pendia a balança. Juscelino Kubitschek oscilou entre a carreira médica e o ingresso na vida pública até optar em definitivo pela vocação política. Os amigos Valdemar e Almir, nessa época, sonhavam apenas em vestir seus jalecos brancos e consolidar seus nomes na profissão.

## Madeleines na mesa

Durante os anos de curso, Valdemar voltava ao Ceará nas férias, demorando-se pouco em Fortaleza, onde o tio Adelino tinha fixado residência para que os filhos pudessem estudar. Logo depois, seguia para São Gonçalo, onde encontrava a casa dos pais com seu relógio na parede, tamarindos no quintal, primos reunidos, cozinha industriosa, cumeeira alta, cisterna com pano de morim, coalhada acrescida de farinha, cuscuz feito na hora e todos os requintes do acolhimento sertanejo.

Doca e Luizinha nunca trocaram o interior pela capital. Ele gostava de se sentar numa cadeira ao pé do benjamim que também seria adotado pelo filho Valdemar. Muitos anos depois, um dos netos de Doca e Luizinha, Lúcio Alcântara, descreveria no livro “A Casa da Minha Avó” os ladrilhos de fundo vermelho e rosáceas brancas que colorem o chão da sala. A casa foi reformada sem perder suas características originais, que incluem portas a interligar os quartos, como elos de madeira numa corrente invisível de lembranças. “Na mesa austera da casa da



O tamarineiro da casa da família em São Gonçalo do Amarante (CE).

JOANA FRANÇA

minha avó não havia madeleines, mas a coalhada no prato fundo é puro Proust”, poetiza Lúcio.

Em 1938, o formando Waldemar ainda não pensava em filhos, mas já tinha planos de casamento com a prima Dolores. No dia 4 de dezembro daquele ano, depois de muito labutar em cima dos livros de anatomia, diplomou-se médico, com solenidade em Salvador, e logo em seguida voltou para a sua terra. Tinha 26 anos, um diploma prestigioso e um mundo de possibilidades futuras.

Nessa época, já somando quase dois milhões de habitantes, o Ceará estava se reestruturando politicamente, com o ex-governador Menezes Pimentel transformado em interventor desde 1937. O Estado Novo instituído por Getúlio Vargas transpirava nacionalismo por todos os poros, centralizando o poder em nome da estabilidade e intervindo na economia em prol do crescimento.

Apesar das turbulências políticas, o retorno foi agradável para o jovem médico. Como o resto do Ceará, São Gonçalo ainda era uma cidade animada por superstições sertanejas, paredes com retábulos de santos e cadeiras nas calçadas. As tradições vinham de longe e se estendiam no andar preguiçoso do ano. “Aqui estou em vossa casa/Em figura de raposa/Não vos venho pedir nada/Mas o dar é grande coisa”, ouvia-se em todas as ruas no dia de reis.

Segundo conta a tradição familiar, o recém-formado foi recebido da Bahia com uma festa memorável. Memorável e longa: foram três dias de música e comida farta, um verdadeiro acontecimento no lugarejo adormecido, que nessa época ainda tinha Paracuru e Trairi como distritos. Exultante, o major Adelino comemorava também o término do curso militar de um de seus filhos, José Brasileiro.

Dadá, a irmã mais nova de Dolores, ainda recorda dos detalhes dessa festa, que aconteceu na casa de Doca e Dicinha

(como os sobrinhos chamavam Luiza, mãe de Waldemar). “Mataram porco, galinha, boi, aquelas coisas de antigamente. A casa era aberta, entrava todo mundo. Tinha uma mesa enorme com bolos e doces. Foram três dias para acabar a comida, mas as pessoas eram educadas e todo mundo se conhecia”.

Entre os mais animados estava a jovem Dolores, que em breve estaria celebrando seu casamento com o primo médico. “Dançava-se nas salas, nos alpendres, nos quartos”, recordou ela a Blanchard Girão (no livro “Dr. Valdemar: o Médico, o Político”).

O professor César Campelo, orgulhoso do ex-pupilo, esteve lá. Outro presente na celebração que marcou a pequena São Gonçalo foi o primo Fernando Alcântara Mota, que na época tinha apenas oito anos. “Não dá para esquecer daquela festa, porque foi um verdadeiro acontecimento em São Gonçalo. Imagine: um filho da cidade que voltava, formado médico. Depois dele, outros, das novas gerações, se formaram, como eu e meus e irmãos, que fizemos engenharia. Mas Waldemar foi um pioneiro”.

O Dr. Gilmário M. Teixeira, professor aposentado da Faculdade de Medicina da UFC, era um meninote quando compareceu ao evento: “Meu primeiro encontro com Waldemar foi dado por uma condição fortuita que me levou, ainda aluno do Liceu do Ceará, a estar presente à festa com que sua família e a comunidade de São Gonçalo o recebiam como recém-formado. Não o conhecia então, já que apenas o vi através da ótica de meus devaneios pela medicina — o que me levava a apreciá-lo por causa do charme que, à época, envolvia a figura de um jovem médico”.

## Nas páginas do Ceará

Na época dessa festa de formatura, São Gonçalo possuía 199 prédios e 1.200

habitantes, segundo a compilação de “O Ceará”, obra publicada em 1939 por Antônio Martins Filho e Raimundo Girão. O algodão, a cera de carnaúba, a cana-de-açúcar e a farinha de mandioca geravam a renda da comunidade e aqueciam o pequeno comércio local, que também se valia de couros, peles e produtos da pecuária. Existiam duas fábricas de beneficiamento de algodão e 10 fábricas de aguardente no entorno. Iniciava-se a criação de gado zebu e holandês.

*“A cidade de São Gonçalo é pequena, porém, muito simpática, e cresce dia a dia num ritmado surto de progresso, graças à força de vontade de seu povo, todo empenhado no desenvolvimento material e mental do futuroso núcleo urbano. Compõe-se de 5 ruas e uma praça, no centro da qual se encontra a Igreja de São Gonçalo. Dispõe dum bom mercado.*

*Acha-se a pouca distância da Lagoa da Prejubaca, interessante reservatório que dá muita graça a seus arredores. Aí funcionam as Escolas Reunidas e uma escola rural. O Gabinete de Leitura de São Gonçalo constitui um animado centro de vida cultural e tem em via de conclusão um prédio próprio, talvez o melhor da cidade”. (“O Ceará”)*

Ainda muito longe de resolver carências básicas e enfrentar suas catástrofes climáticas, o Ceará alimentava as expectativas de mudanças na chama populista e patriótica acesa por Getúlio. Uma boa mostra do espírito da época está no texto assinado por Cruz Filho para o já citado “O Ceará”. Ao fazer uma síntese histórica do Estado, diz o autor sobre o momento em que viviam os cearenses:

*“O Ceará (...) terminou agora, afinal, a fase romântica da sua evolução política. O atual momento psicológico e econômico do mundo novo (...) já não comporta o espírito hemiplégico do liberalismo abolido. Graças à perícia e ao denodo das mãos titânicas do presidente Getúlio Vargas, que ora amoldam e afeiçoam o barro plástico da Nacionalidade à concretização dos seus altos destinos, foi extirpado do organismo da Nação o câncer da politicalha, que por longo tempo lhe carcomeu e aviltou o caráter e as instituições. Novos, amplos horizontes rasgam-se para o Brasil. Por seu turno, compete ao Ceará, uma vez entregue ao Governo Central a imperiosa solução do problema das secas, a tarefa de integrar-se em absoluto no ritmo do novo regime”.*

Na mesma publicação alguns observadores já lamentavam a chegada de novidades invasivas, como João Nogueira, que em sua crônica reclama que “o cinema e outras diversões modernas acabaram com certas delicadezas entre nós, como por exemplo as visitas que as famílias faziam entre si”. Menos reticente às mudanças, Raimundo Girão louva a modernidade crescente do Estado. E exagera: “O homem das caatingas e das serras viaja de automóvel, escuta no rádio as novidades de Nova York e de Londres e comenta com desempenho as atitudes de Chamberlain e Roosevelt”. Algumas páginas adiante, um poema de Martins D’Alvarez evoca a alegria desse mesmo homem das caatingas diante da chuva:

*“Chuí! Chuí!  
— Deixa chover...*

*Deixa a chuva vadiar!  
— A terra está se empapando.  
Esta casa é uma peneira.*



— Menino, tira tua roupa  
Bota o balde na biqueira.

(...)

*Chegou o reumatismo  
— telegrama de fatura;  
milho verde, feijão verde, leite gordo.  
canjica, pamonha, coalhada escorrida...  
Mulheres fartas, meninos fartos  
vão chegar sangue nas veias,  
vão chegar carne nos quartos...*

Muito provavelmente “O Ceará” esteve nas mãos de Waldemar nos primeiros anos de retorno ao lar. Grande comprador de livros, ele era um leitor disciplinado, que ao longo da vida manteve nas várias casas onde morou uma bem organizada biblioteca. A filha Lília lembra que no seu gabinete caseiro de trabalho se destacavam coleções de encadernação luxuosa, como uma edição da Grande Enciclopédia Larousse e o dicionário Caldas Aulete.

Entre as obras de referência, encontravam-se também romances famosos e ficção em geral. “Dialogando com as estantes de livros, havia, no mesmo ambiente, um console de design moderno equipado com um toca-discos hi-fi, abastecido com muitas coleções de música clássica, muitas delas distribuídas pela Reader’s Digest, editora da famosa revista Seleções, da qual ele era leitor assíduo”, rememora Lília.

Não à toa, Luiza, a filha bibliotecária, recebeu do pai leitor o empurrão necessário à escolha da profissão. “Foi ele que começou a falar em biblioteconomia para mim, Na época eu nem pensava nisso, Fortaleza ainda não tinha Faculdade na área. Acabei indo fazer o curso no Rio de Janeiro”, reconstitui Luiza, que no período carioca acabou se aproximando mais de Waldemar. “Foi uma fase ótima, apesar de não querer deixar minha família. Ele ia muito ao Rio, por causa dos compromissos

políticos, e nós saíamos para almoçar, ficávamos conversando... Estivemos muito próximos naqueles anos”.

Lúcia, a filha médica que empenharia muito do seu tempo aos cuidados com o pai adoentado, recebeu dele uma coleção intitulada Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura, de 1973. Na capa de um dos livros, até hoje se lê a dedicatória rabiscada com a letra angulosa de Waldemar: “Lúcia, quando você, a mais dedicada das filhas, sentir que as nossas vivências passaram às recordações, tenha-nos sempre perto, toda vez que abrir esse monumento à cultura, para levar a verdade e a luz a seus filhos e a todos os que cruzarem o seu caminho”.



Histórico curricular  
de Waldemar  
Alcântara, quando  
aluno da Faculdade  
de Medicina da Bahia.  
ARQUIVO FWA

---

---

# FEITO FEIJÃO COM ARROZ

Dona Dolores.  
ARQUIVO FWA



— A Dolores era muito mais política que o Waldemar!

Dez entre dez pessoas que conheceram o casal de São Gonçalo repetem essa frase com a ênfase e a convicção de quem profere uma verdade eterna, espécie de mantra compartilhado por amigos, familiares, políticos, médicos, funcionários da universidade e do BNB, gente de Quixadá, de Fortaleza, de Brasília: A Dolores, veja bem, era mais política que o Waldemar.

E também perspicaz, enérgica, arguta, antenada: os adjetivos que definem a filha do major Adelino, casada por mais de 50 anos com o primo da mesma idade, giram em torno desta órbita.

Ela gostava de se informar sobre os bastidores políticos, estava sempre disposta a receber convidados, comandava com mão de ferro as rotinas da casa e dava o suporte emocional necessário ao marido.

Tinha suas próprias opiniões formadas, mas, à moda antiga, cuidava da vida privada para que ele se entregasse à vida pública. Quando a família morava na Avenida Bezerra de Menezes, pedia que os meninos parassem de andar de patinete na calçada, só para não incomodar a sesta de Waldemar.

*"Aparentemente, de tudo se encarregava a nossa mãe — da casa, dos filhos —, de sorte que raros casos, somente aqueles mais graves, chegavam à instância superior ainda pendentes de providência ou decisão. Do varejo cuidava ela, sempre ligada em liberar ao máximo o marido para tarefas 'mais nobres' — o exercício da política e dos cargos que ocupou. Nesse particular, na tarefa de administrar, triar, matar no peito, deixando livre o tempo e a mente do homem público, a Dolores era campeã. O zelo dela era tamanho que, estando meu pai reunido com alguém no seu gabinete para tratar de assunto importante, a casa nem respirava" (Lília Maria de Alcântara e França).*

Dolores perdeu cedo a mãe e foi criada pela tia Iracema, com quem seu pai casou depois de enviudar. Em São Gonçalo, estudou na mesma escolinha da dona Ernestina,

que recebia toda a meninada local. Depois foi para o Colégio Santa Doroteia, em Fortaleza, onde Adelino montara uma casa na Avenida do Imperador. Waldemar, que nessa época já estava no Ginásio São João, passou a viver com a família do tio, e daí surgiu o namoro dos primos adolescentes.

As opiniões são unâimes: o que Waldemar tinha de reservado, Dolores tinha de extrovertida. Ao longo da vida em comum, os opostos se complementaram. Para Francisco de Assis Santiago, que começou a trabalhar como ajudante-de-ordens de Waldemar em 1975, quando este foi empossado vice-governador do Ceará, a equação era simples: "Trabalhei quinze anos com ele, tive uma convivência intensa com o casal. Impossível imaginar o Dr. Waldemar sem a Dona Dolores, e vice-versa". Feito feijão com arroz.

O ex-governador Aduino Bezerra retoma o velho mantra: "Conheci muito a Dolores! Era inteligente e mais política que o marido e o filho. Falava muito, gostava

Solenidade na Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará (APESC).  
ARQUIVO FWA



de sentar do meu lado, conversávamos demais. Ela me dizia: Adauto, gosto de você porque você me escuta!”.

Maria Altina Gondim Rocha, cuja família é de Quixadá, onde o casal morou logo depois do casamento, classifica Dolores como a “relações públicas da dupla”, embora reconheça a habilidade de Waldemar no trato de situações delicadas, a despeito da fama de carrancudo. “Foi ele quem fez o pedido de casamento para o meu pai, em nome do meu noivo”. O noivo era José Maria Moura Rocha, sobrinho

do padre Luís Braga Rocha, o vigário de Quixadá que se tornaria grande amigo de Waldemar e Dolores.

Ielda Alcântara Bezerra, a sobrinha que durante um longo tempo morou com a família, confirma a fama de organizada da matriarca: “Tia Dolores era exigente, sobretudo na arrumação da casa. Ela chegava a medir a distância dos armadores para calcular o tamanho da rede. Tudo era ajustado e pesado. Uma das casas deles era toda pergolada, para ser fresca, e vivia limpa”.

Dona Dolores e  
Doutor Waldemar.  
ARQUIVO DA FAMÍLIA



O filho Lúcio prefere definir a mãe com outro par de adjetivos: conciliadora e prestativa. “Se alguém tivesse um problema que confiasse a ela, minha mãe assumia aquilo como se fosse um problema pessoal, fazia tudo para resolver. Nas reuniões políticas que aconteciam lá em casa, muitas vezes os ânimos se acirravam, e nas contendas mais apaixonadas, acontecia de alguém se levantar e ir embora. Então minha mãe ia para a rua trazer a pessoa de volta: ‘Venha cá, fique calmo, vamos voltar’, ela dizia. Outros pediam para ela interceder em algum assunto, e ela sempre intercedia”.

Por causa do temperamento de Dolores e das funções de Waldemar, o apartamento deles em Brasília era uma espécie de consulado do Ceará no Distrito Federal, funcionando noite e dia. Por ali passaram muitos hóspedes ilustres, alguns deles cativos da apreciada hospitalidade da “pensão da Dolores”: dois reitores da UFC — o Dr. Walter Cantídio e o Dr. Pedro Barroso —, cada qual a seu tempo, em sucessivas viagens oficiais; médicos, como a Dra. Glaura Ferrer e o Dr. Régis Jucá, em congressos; além de muitos outros amigos e familiares, a trabalho ou a passeio. Isso mantinha a casa sempre animada.

Outra grande atração de Brasília, na época em que Waldemar estava no Senado, era a Mansão Ceará — o sítio de Virgílio e Luiza Távora, local de encontro dominieiro de vários desgarrados em missão pública. É Lúcia quem conta:

*O Virgílio tinha uma coisa com a mamãe! Só a chamava de “chefinha”, e era ela quem tomava conta dos detalhes, para que não faltasse nada. Levava até paçoca feita em casa, porque tinha carregado um pilão de pedra para o apartamento de Brasília.*

*— Chefinha, hoje nós vamos levar Fulano, Sicrano, o Beltrano — ele dizia daquele jeito dele, referindo-se*

*aos convidados. E os convidados eram os ministros, os senadores, os empresários, os militares, os embaixadores — Chefinha, está chegando mais gente. Você não acha que vai faltar comida?*

*— Não vai faltar, Virgílio! Tem comida pra todo mundo! — ela respondia.*

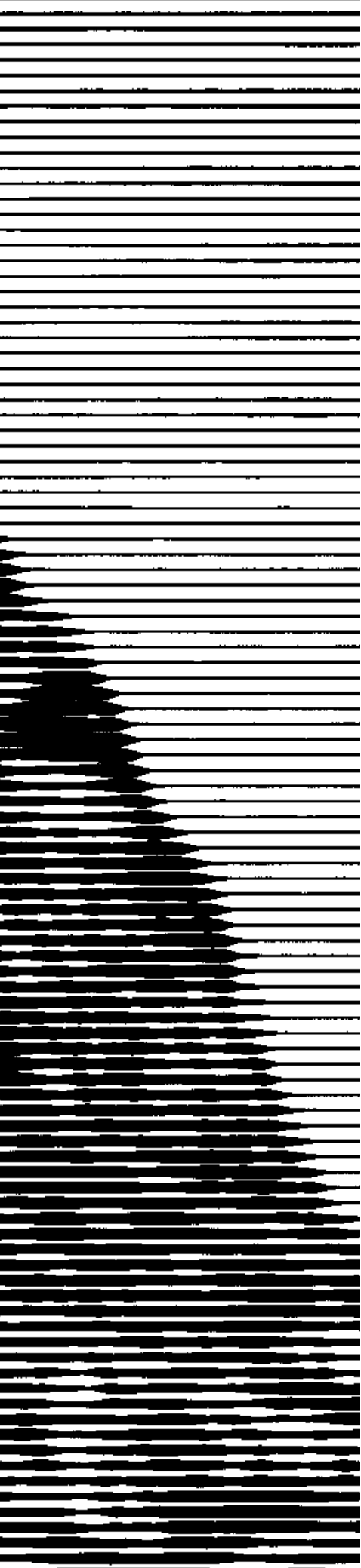
Isabela Maria Augusto Aguiar, filha do deputado Vicente Augusto, outro grande amigo do casal, guarda lembranças das paragens brasilienses: “A paçoca lá de casa era pilada na casa deles. Lembro de uma mesa enorme que mantinham na sala do apartamento. Olhando para a mesa, eu não entendia por que aquele tamanho todo, já que a única filha que morava com o casal naquela época era a Lília. Mas ela me dizia com simplicidade:

*— Minha filha, essa mesa é pra caber todo mundo! — Uma resposta que combinava perfeitamente com o espírito de congregamento da irrequieta Dolores.*



Dona Dolores com a filha Lúcia nos braços e os filhos Lúcio e Luiza.  
ARQUIVO DA FAMÍLIA





3

---

*Novas  
descobertas  
no Sertão  
Central*

---

**“Na década de 30, eu estudava no Ginásio São João, situado na Av. Santos Dumont, dirigido pelo grande educador César de Adolfo Campelo, que acompanhava de perto a aprendizagem e os problemas dos alunos. Um dia estava recebendo do César — como ele gostava de ser chamado — uma aula de matemática, quando entra na sala de aula um jovem elegante, charmoso, bem vestido.**

**Eles se abraçam e o César comenta:**

**— Suzana, esse rapaz foi meu aluno e vem trazendo o canudo e o anel de doutor. Ele se formou médico pela Faculdade de Medicina da Bahia.**

**Dirige-se em seguida ao rapaz:**

**— Waldemar, essa é a Suzana Dias, muito inteligente e estudiosa, mas em matemática é zero à esquerda!**

**Fiquei vermelha, sem dizer uma só palavra e sem imaginar que um dia ainda seria uma grande amiga do Doutor e da sua mulher, Dolores.”**

SUZANA DIAS DA COSTA RIBEIRO



**A**ntes de subir ao altar, mobiliar a nova casa e mergulhar numa outra etapa, Waldemar decidiu fazer um curso em Fortaleza com o respeitado sanitarista Dr. Vergílio Gondim de Uzeda, que participou da organização do atendimento sanitário no Estado, defendendo, no fim dos anos 30, as mudanças implantadas em 1933 pelo também sanitarista Amílcar Barca Pellon. A “reforma Pellon” ficou famosa

por instituir uma estrutura tentacular de atendimento distrital, no intuito de controlar e prevenir as epidemias em território cearense.

Na época, a sistematização de um modelo público de atendimento à saúde ainda estava se recuperando de antigos vícios e lacunas. Durante muitos anos, o Brasil enfrentara surtos sistemáticos de malária, varíola e febre amarela, provocados por um caldo indigesto de pobreza extrema, ausência de saneamento, falta de higiene básica, problemas de abastecimento d’água, baixo índice de educação e, sobretudo, pela inexistência de um modelo sanitário eficaz.

Um grande passo foi dado no início do século, com a nomeação de Oswaldo Cruz à Diretoria do Departamento Federal de Saúde Pública, que se notabilizou em 1904 pela campanha contra a febre amarela — ainda que o povo carioca tenha se amotinado contra a vacinação obrigatória, num episódio fragoroso que ficou conhecido como “A Revolta da Vacina”.

Carlos Chagas, sucessor de Oswaldo Cruz a partir de 1920, expandiu as ações contra a tuberculose, a lepra e as doenças venéreas. Mas o Brasil ainda era um país

Quixadá (CE):  
o acude do Cedro  
e a pedra da  
Galinha Choca.  
ARQUIVO NIREZ





doente. Além das enfermidades já citadas, também a difteria, a febre tifoide, o tétano e a poliomielite apresentavam altos índices de infestação, angariando pouca atenção do ponto de vista preventivo.

Em 1930, a taxa de mortalidade infantil no Nordeste chegava a 193 óbitos por mil nascimentos — uma verdadeira catástrofe, só comparável aos indicativos dos países africanos mais miseráveis. Na década seguinte, quando Waldemar Alcântara começou a sua vida profissional, esse índice seria de 187 crianças mortas para mil nascidas vivas. Número ainda escandaloso, apesar da sensível melhora em relação à década anterior.

Os três meses de curso sobre saúde pública com o Dr. Uzeda foram definitivos para a escolha do sanitarismo como destino médico, embora quatro anos mais tarde, em seu consultório de Fortaleza, Waldemar tenha atendido também como cardiologista.

## Troca de alianças

O casamento com Dolores aconteceu no dia 20 de maio de 1939, poucos meses após da chegada de Waldemar ao Ceará. Foi outra grande festa à moda sertaneja, com fartura, algazarra e informalidade, mas as fotos não resistiram ao tempo, às mudanças de residência, à umidade, ao mofo, às traças — de modo que o vestido branco da noiva sobreviveu apenas na memória dos que estiveram na celebração.

“Mamãe nunca gostou de guardar nada, nunca teve apego às memórias. Era uma mulher que vivia o presente, gostava de organização e espaços livres. Não temos nenhuma cartinha que papai tenha escrito a ela, nem foto dela jovem”, lamenta a filha Luiza.

Porém, Lúcia lembra que existe um fragmento poético do passado. “Uma das únicas lembranças antigas que temos é um retratinho da época que meu pai era

estudante de medicina na Bahia. É a foto de uma casa, com uma inscrição na parte de trás, feita por ele: ‘Você quer vir morar nessa casa?’”.

Suzana Dias da Costa Ribeiro, que se tornou uma grande amiga do casal por intermédio do marido, José Carlos Ribeiro, um dos pioneiros da Faculdade de Medicina junto com Waldemar, lembra de uma grande festa acontecida em São Gonçalo. Essa festa teria sido o noivado de Dolores e Waldemar, pouco antes da formatura do Doutor.

Naquele ano Suzana ainda era interna no Colégio Imaculada Conceição, de onde só saía no 1º e no 3º domingo de cada mês. Nesses dias abençoados de liberdade, a garota ficava hospedada numa casa na Praça dos Voluntários, hoje Praça da Polícia, onde a rapaziada se reunia para namorar.

Junto com Suzana estava sua irmã Rosa, mais velha que ela, e “muito animada, do tipo que adora dançar”. Rosa era próxima de umas garotas da família Veríssimo, que haviam sido convidadas para a comemoração na casa dos Alcântaras. Assim, sem muita formalidade, uma delas propôs à irmã de Suzana:

— Rosa, vamos para São Gonçalo! Vai ter uma festa de noivado muito animada lá!

Rosa não precisou de muita insistência para concordar, levando com ela a irmã mais nova. “Chegamos em São Gonçalo à noite e ficamos na casa da dona Iracema, mãe da Dolores. Lá encontrei Elerisa Ellery, que estava à frente do cardápio de sobremesas. Fiquei deslumbrada com a variedade da mesa. Era uma daquelas mesas enormes, igual à que existia na minha casa no sertão norte. Na manhã seguinte, houve a consolidação do noivado, com uma missa na igreja da praça e depois um almoço seguido de dança, em casa mesmo”.

Nesse ponto, talvez a memória tenha pregado uma peça na lúcida e meticulosa Suzana, que durante 30 anos foi professora de didática e prática de ensino, tendo trabalhado no Instituto de Educação ao lado

de Lauro de Oliveira Lima. É possível que essas lembranças se refiram ao casamento e não ao noivado de Waldemar, já que ela se recorda de Dolores “toda vestida de branco”, arrumando-se em um quarto cheio de moças.

— Entre elas, algumas falavam: Dolores, não lhe disse que o namoro do Waldemar na Bahia era coisa passageira? — detalha Suzana.

O fato é que Waldemar e Dolores haviam rompido a relação durante certo tempo, quando ele estava na Bahia. Reataram no penúltimo ano de curso, quando Waldemar pediu a mão da noiva ao major Adelino — por carta, já que a timidez e a distância impediam uma abordagem direta. Com o consentimento dado, o estudante retornou para o noivado, nas férias do último ano de Faculdade.

Também é possível que essas lembranças se refiram à festa de formatura de Waldemar, já que Suzana recorda da presença do professor César Campelo e de “muitos rapazes de Fortaleza”. Não importa. Era uma típica festa dos Alcântaras de São Gonçalo, com os convidados invadindo salas e quartos, derramando-se pelas calçadas e esgueirando-se pelo longo corredor que levava (e ainda leva) ao quintal. A casa, conforme a etiqueta interiorana de antigamente, era aberta a todos.

Na época, Suzana já namorava com um rapaz que conhecera numa sessão do Cine Majestic, José Carlos Ribeiro, mais tarde ginecologista e obstetra de renome. Ativo e engajado, ele foi um dos doutores do “grupo dos cinco” da Faculdade de Medicina. Anos depois daquela festa em que entrou de penetra, Suzana se casaria com José Carlos, aproximando-se do casal de São Gonçalo.

*“O José Carlos foi um amigo-irmão do Waldemar. Quando ele e Dolores moravam na Bezerra de Menezes, nós íamos visitá-los e, às vezes, saíamos*

*de lá de madrugada. Nossos filhos conviveram todos. Eu faço aniversário no dia 31 de dezembro, então é muito difícil comemorar, por causa das providências de final de ano, mas eu fazia um jantar de aniversário junto com o Ano Novo, e o casal sempre ia. Dolores tinha alma de político, era a mediadora dos grandes conflitos. Trabalhamos juntas no Projeto das Pioneiras Sociais, da dona Sara Kubitscheck. E o Waldemar era extraordinário. Apesar das aparências, na intimidade sabia contar piadas, conversava, era agradável”. (Suzana Dias da Costa Ribeiro)*

## Na terra dos monólitos, um médico popular

No dia 13 de janeiro de 1940, cerca de oito meses depois do casamento, Waldemar assumiu o cargo de médico sanitário do Departamento de Saúde Pública do Estado do Ceará, em Quixadá, município de 36.708 habitantes (8.210 deles na sede), onde novas oportunidades se abriam.

Quem o nomeou foi Francisco de Menezes Pimentel, então interventor federal. Os interventores eram os encarregados da administração dos Estados, ou seja, governadores escolhidos diretamente por Getúlio Vargas após a Revolução de 30.

Na época, Quixadá destacava-se como o 3º produtor cearense de algodão, com uma safra média anual de 2.085.600 quilos. Na base da economia também estava o cultivo de milho, feijão, mandioca, arroz e cana-de-açúcar, além da pecuária e da indústria extrativa, que tinha bons resultados com o óleo de oiticica, a cera de carnaúba e os curtumes.

O livro “O Ceará” descreve a cidade como uma das “maiores e mais movimentadas” do Estado, ligando-se à capital pela Estrada de Ferro de Baturité. Um núcleo urbano de “ruas alinhadas, de praças

amplas e dois modernos jardins públicos, com edificações residenciais de bom gosto e prédios públicos de certo realce arquitetônico”, detalha o levantamento feito por Raimundo Girão e Antônio Martins Filho. “A iluminação é elétrica”, informam.

Na terra dos monólitos, do açude do Cedro e das fazendas de criar, Waldemar assumiu a chefia do novo posto de saúde, o primeiro da área. Junto com ele foi o Dr. Pedro Borges, encarregado do setor pediátrico. Nessa época, ainda longe da política, Waldemar mergulhou intensamente em seus afazeres médicos. No interior, não havia como optar por uma especialidade. Os doutores se envolviam com todo tipo de atendimento: faziam partos, tratavam de pneumonias, curavam verminoses e, nas emergências, faziam uso do bisturi.

Foram três anos agradáveis, de acordo com os relatos que sobreviveram. Luiza, a primeira filha, nasceu em 1941. Dolores

teve o parto em Fortaleza, mas o casal permaneceria em Quixadá até 1942.

*“Quase que a gente ia para São Benedito, que também estava vago. Eu já tinha até cuidado de roupas de frio, mas na última hora apareceu também a vaga de Quixadá. As duas vagas apareceram num quadro de Departamento de Saúde e os interessados deveriam indicar a preferência, sem perder tempo, Waldemar escolheu o Quixadá”*  
(Dona Dolores, em depoimento a Blanchard Girão).

Como médico formado, Waldemar teve contato mais estreito com as carências, costumes e superstições do povo, criando logo mecanismos que facilitavam o atendimento. “Os trabalhadores do açude do Cedro tinham uma verdadeira veneração por ele, que ia sempre atendê-los lá mesmo,

Quixadá (CE):  
estação de trem.  
ARQUIVO NIREZ



nas moradias na beira do açude. Ele ia de charrete, a bolsa de médico sobre o colo”, diz Pery Barrocas, já falecido, em depoimento ao livro “Dr. Valdemar: o Médico, o Político”.

Pery Barrocas era gerente do Banco de Crédito Comercial, mais tarde Bradesco, e sua mulher, Dalva Montenegro Barrocas, dava aulas no Grupo Escolar Dr. José Jucá, primeira escola de Quixadá (hoje Escola de Ensino Fundamental José Jucá). O casal teve um relacionamento fraterno com os vizinhos de São Gonçalo. O filho Paulo Barrocas confirma o dado.

“Dona Dolores e minha mãe ficaram muito amigas, e meu pai fazia parte da rodinha de pôquer do Dr. Waldemar, da qual só participavam homens. O casal ficou pouco tempo em Quixadá. Eu era criança, mas lembro bem deles, até porque depois de irem embora, continuaram visitando a cidade com uma certa frequência. Portanto são 69 anos de amizade familiar conservada”, afirma Paulo, hoje procurador do município de Fortaleza.

As rodinhas de pôquer do Dr. Waldemar aconteceram em diferentes fases da existência, com os mais diversos participantes. Na época em que Pery, o pai de Paulo, fazia parte, o Doutor recém-casado

estava se adaptando ao dia-a-dia de atendimento aos doentes numa cidade sem muitos recursos.

“A pobreza ia toda para o consultório dele”, lembra Pery em seu depoimento. A irmã mais nova de Dolores, Dadá, ainda viva, também recorda de pessoas batendo na porta do médico, a qualquer hora do dia. “Eu passava as férias em Quixadá com eles, e lembro bem do povo pedindo consulta na porta de casa”.

O Dr. César Oliveira, atual diretor do Hospital de Maracanaú, diz que cresceu ouvindo histórias sobre Waldemar em Quixadá, contadas por seus pais e avós, que o conheceram naqueles primeiros tempos de medicina rural.

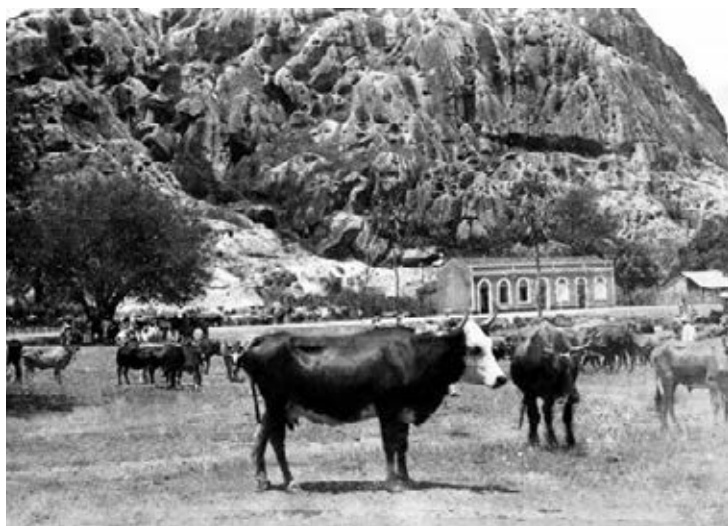
“O Dr. Waldemar e o Dr. Pedro Borges — que foi com ele para cuidar do setor pediátrico do posto de saúde — chegaram a fazer um parto em cima de uma mesa. Como convém aos médicos do sertão, eles aprenderam a lidar com todo tipo de carência e situação de emergência”, sentencia César Oliveira, lamentando a morte da mãe, que teria muito o que contar sobre a fase quixadaense de Waldemar e Dolores.

Além de chefiar o posto de saúde, Waldemar clinicava em seu consultório particular. “Mas era tudo atendimento de favor, não me lembro de alguém que lhe pagasse consulta”, intervém Zilcar Gomes, antigo morador, ainda vivo na época do lançamento da biografia escrita por Blanchard.

Outro velho habitante, Benjamin Oliveira, reforça as informações:

*“O Doutor costumava passar remédio simples, aqueles antigos, como pílula de Mattos, que era só o que existia no lugar. Receitava mel de abelha com limão para as gripes fortes, e outros remédios caseiros que os pobres podiam adquirir. Mas havia alguns que nem isso podiam obter. Então o Doutor dava os remédios que ele mesmo passava”.*

Quixadá (CE): Gado.  
ARQUIVO NIREZ



Juca Gomes, também agricultor, afirmou em 1991: “Era o médico de todo mundo daqui. Principalmente o médico dos pobres. Atendia a todos e nada cobrava de quem não podia pagar. Mas, embora havendo outros médicos por aqui, ele atendia também os ricos. Lembro do Dr. Tomaz Pompeu e do Francisco Queiroz, dois dos maiores fazendeiros de Quixadá naqueles tempos”.

## Figuras de destaque

Francisco Queiroz Pessoa, o coronel Chico Queiroz, era um fazendeiro de posses em Quixadá, muito afeiçoado ao jovem doutor, que prestava atendimento médico a ele e a sua mulher, Júlia Holanda Queiroz, a dona Julinha.

Anos mais tarde, eles doariam o palacete onde moravam para a paróquia de Quixadá, a fim de que se fizesse um educandário na cidade, com a condição de que o nome da instituição de ensino fosse Ginásio Valdemar Alcântara. Isso aconteceu em 1954 (hoje é o Colégio Valdemar Alcântara, que continua funcionando na Rua Francisco Enéas de Lima, no centro de Quixadá).

Quando o coronel Chico e dona Julinha se mudaram para Fortaleza, ocuparam a casa onde hoje funciona o Centro de Cultura Germânica. Os filhos de Waldemar e Dolores lembram que aos domingos, dia em que a família fazia um périplo pela cidade, visitando vários locais, o casarão ensombrado de seu Chico e dona Julinha era sempre um dos pontos de parada.

“Eles não tinham filhos; papai é que resolvia os problemas, inclusive acompanhou o seu Chico para um tratamento de vista no Rio. Depois que ele morreu, papai continuou dando atenção à viúva. Foi ele quem praticamente negociou a venda da casa para a Reitoria. Eu sempre cito esse exemplo, porque meu pai tinha

uma procuração deles pra tudo”, resume Lúcio Alcântara.

Grande conhecedor da história e da política de sua terra, ainda que tenha saído de lá muito jovem, Paulo Barrocas traça um panorama dos poderosos e influentes de então:

*“O PSD era muito forte em Quixadá. Havia grandes lideranças, como o Dr. Eliezer Forte Magalhães, que foi prefeito duas vezes e deputado outras três (depois ele iria para a UDN, mas no início era do PSD). Outro pessedista importante de Quixadá era o Sátiro Gomes de Lima, um grande proprietário, dono da fazenda Faustino. Ele era meu padrinho e muito amigo do Dr. Waldemar. A mulher dele, Celeste Albuquerque, era chefe dos Correios da cidade. Também eram pessedistas de destaque o José de Queiroz Pessoa, o Zezinho Queiroz, o Francisco Honório Correa, o Lauro Feitosa Marinho, o Pedro Julio da Silva e o José Anastácio de Aguiar”.*

Comerciante em Fortaleza, o quixadense João Moisés Ferreira era proprietário da rede de farmácias Pasteur e da Ceará Drogas e Representações. Paulo Barrocas lembra que na matriz da Pasteur, localizada na Praça do Ferreira, era servido diariamente, às nove da manhã, um café, do qual participavam o proprietário e várias autoridades: desembargadores, deputados, vereadores...

*“O Dr. Waldemar também frequentava o café-da-manhã da Farmácia Pasteur. Quando o Raul Barbosa, ex-governador do Ceará e depois diretor do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) nos Estados Unidos, vinha a Fortaleza passar férias, o Sr. João Moisés sempre promovia o encontro dos dois velhos amigos no seu gabinete da Pasteur”.*

## Um pessedista enrustido e uma professora vocacionada

De todos os amigos do casal Waldemar e Dolores em Quixadá, talvez o mais emblemático fosse o padre Luís Braga Rocha, vigário da cidade, um homem de visão ampla e pioneiro de várias frentes. Pessedista enrustido e não-confesso, de acordo com Paulo Barrocas e outras testemunhas, ele teve grande influência política, a partir de sua ação social.

Sem filiação partidária, apesar da simpatia oculta, o padre foi uma espécie de “prefeito sem mandato”, um homem decidido e articulado, que ajudou a mudar a fisionomia do município, especialmente na área de saúde e educação.

Nascido em Caucaia, ele chegou a Quixadá no início da década de 30, em pleno entusiasmo dos 24 anos. Nem bem tinha se instalado, se viu às voltas com as consequências da seca de 1932, uma das maiores catástrofes climáticas do século XX, que reduziu a condições sub-humanas milhares de famílias sertanejas.

Oito anos depois, quando Waldemar se instalou na região, o padre Luís estava fundando a Sociedade Quixadaense de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância, para então começar a campanha que permitiu a construção do Hospital Maternidade Jesus Maria José, cuja ala inicial seria inaugurada em 1953.

O vigário de Quixadá — tido por Dom Hélder Câmara como “o homem mais inteligente que já passou pelo Seminário da Prainha”, de acordo com a professora quixadaense Teresa Rocha, que nos conta essa história — organizava quermesses, fazia leilões, cobrava dos poderosos, envolvia a comunidade e angariava a simpatia de todos os profissionais de saúde.

Waldemar se tornou seu amigo e apoiador, assim como o Dr. Anastácio Eudásio Barroso. Eudásio, aliás, foi o introdutor da cesariana em Quixadá, reduzindo significativamente a taxa de mortalidade materna

no município, do qual também foi prefeito e deputado. Muito popular, chegou a ser chamado pelas mulheres agradecidas de “santo Eudásio”.

Uma história ilustrativa da amizade entre o padre Luís e Waldemar Alcântara aconteceu durante a repressão getulista. Como muitos membros do clero de então, o padre Luís tivera uma queda, nos anos 30, pelo integralismo de Plínio Salgado, que propagava o slogan “Deus, Pátria e Família”, conquistando setores médios, empresários e parte do operariado nacional.

O partido integralista desapareceu em 1937, após a instauração do Estado Novo de Getúlio, que passou a perseguir os antigos aliados. Quando o padre foi chamado pelas autoridades para prestar contas de suas posições passadas, o amigo Waldemar foi o único que o acompanhou.

Na biografia sobre o Doutor escrita por Blanchard Girão, uma antiga moradora de Quixadá, dona Mocinha Gomes da Silva, diz lembrar-se de Maria de Lourdes, a irmã do padre, na casa do Doutor e sua mulher. Segundo Mocinha, Maria de Lourdes “passava horas com a menina deles. Uma garotinha muito alegre”. A menina era Luiza, a primeira filha do casal.

O nome do padre Luís Braga Rocha está ligado à fundação do Colégio Valdemar Alcântara, assim como à Maternidade Jesus Maria José, à Escola de Artes e Ofícios e outras instituições importantes de Quixadá.

“Ele era uma espécie de delegado de ensino da cidade; representava todos os empreendimentos sociais de lá. Foi um bandeirante. Chegou jovem, cheio de ideias, defendendo a educação como alavanca para o desenvolvimento. Fundou dois colégios: o feminino e o masculino. Mas, acima de tudo, foi o fundador da cidade no sentido social e democrático”, acredita Maria Tereza de Albuquerque Rocha e Sousa, professora aposentada de filosofia e ex-pró-reitora da UECE.

Nascida em Quixadá em 1937, Tereza Rocha era muito pequena quando os Alcântaras andaram por lá. O pai dela, Jonas Bezerra da Rocha, trabalhava como gerente da fábrica de beneficiamento de algodão de Abraão Baquit, imigrante árabe que adotou o Quixadá como segunda terra.

“Não tenho lembrança do Dr. Waldemar nessa época de Quixadá, mas ouvia falar do grande médico que ele foi. Meu tio, Sátiro Gomes de Lima, fazendeiro e pecuarista, foi como um irmão dele na cidade. Nós crescemos ouvindo os mais velhos comentarem sobre isso”, pontua ela.

Aplicada, Tereza saiu de Quixadá aos 11 anos, para estudar em Fortaleza, no Colégio Santa Cecília, fundado por sua tia e madrinha, Almerinda de Albuquerque. Logo que se formou, foi chamada para substituir uma professora no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em sua cidade natal.

“Nessa época, o padre Luís Braga deve ter me observado e me indicou para fazer um curso de Administração Escolar em Minas Gerais”, lembra Tereza, então com 22 anos. O curso era um projeto do MEC junto às Prefeituras, uma espécie de estágio para aprofundar o processo de erradicação do analfabetismo em duas cidades-piloto: Quixadá e Morada Nova.

“Passei uma década no interior da região, indo e vindo entre os vários empreendimentos. Fundamos e construímos escolas nos dois municípios. Nós fizemos uma verdadeira revolução cultural”, orgulha-se a educadora, que como agente cultural do Mobral ajudou também a fundar bibliotecas em todo o Estado.

Por causa do trabalho, a jovem professora Tereza acompanharia muitas vezes o padre Luís Braga Rocha à casa de Waldemar e Dolores na Av. Bezerra de Menezes, em Fortaleza, já no início dos anos 1960.

*“Apesar de muito nova, eu era metida. Eles falavam de política, educação, economia, e eu dava a minha opinião. O Dr. Waldemar gostava de ouvir, e perguntava muito sobre o meu trabalho em Quixadá. Ele tinha a percepção do todo, uma cabeça política bem estruturada e sinceridade de propósito. Fazia um trabalho realmente voltado para os outros e não para si. Muitos anos depois, quando ele foi governador, eu telefonava sempre para saber da saúde dele e de Dona Dolores. Tenho um irmão médico, Flávio, que estudou com a Lúcia, filha deles. Dona Dolores era delicada, animada, acolhedora. Não tive com eles uma convivência de festejos intensos, porque canalizava todos os meus esforços para o trabalho, era ocupada e estava sempre viajando, mas tive muito afeto pelo casal”.*

---

---

# NÃO HÁ LUGAR COMO ESSE...

Quando Waldemar e Dolores foram embora de Quixadá, continuaram voltando com os filhos todo começo de ano, no mês de janeiro, para a festa de Jesus, Maria e José. A família ficava hospedada no sítio Faustino, do amigo Sátiro Gomes de Lima, às margens plácidas do açude do Cedro.

O interiorano Waldemar estudou na Bahia, morou em Fortaleza, teve compromissos políticos no Rio, viveu em Brasília e visitou capitais de todo o país, “mas nada disso importava: ele tinha o sertão entranhado nas veias”, frisa a filha Luiza.

Tão entranhada estava a vida rural no gonçalense Waldemar que, quando ele foi senador, chegava de Brasília e ia direto, do aeroporto Pinto Martins para a fazenda Santa Lúcia, no Trairi, onde os filhos já adultos também iam passar o final de semana.

Na memória de todos, o ritual se repetia, sem pressa e sem convenção: Waldemar costumava sentar-se no alpendre, os moradores iam chegando para conversar, os convidados se espalhavam pelas redes... E havia um grande tanque para banhos refrescantes.

*“Ele era louco por aquilo, louco mesmo! Tínhamos uma casa simples, que não era dessas casas antigas de fazenda. Era apenas uma casinha que papai dizia que seria do vaqueiro quando se fizesse outra, mas a outra nunca foi feita. Uma casa pequena, onde todo mundo entrava. Nós íamos demais, eu já médica, com filho nascido. Aquilo ele amava, apesar da estrutura acanhada” (Lúcia Alcântara).*

Muitos espaços verdes ocupam as lembranças dos quatro filhos de Dolores e Waldemar. Antes da Santa Lúcia, houve o Mundo Novo, nas cercanias de São Gonçalo, um sítio com cajueiros enormes, piscina, jogos de mesa e até “um quarto de brinquedos com armário só para guardar toda a tralha (bolas, raquetes e que tais) das crianças”, como lembra Lília, que esmiúça o amor do pai pelo sítio:

*“Ali realizou muitos sonhos — dele e nossos —, além de algumas experiências bizarras, como a implantação de um sofisticado aparato de criação de frangos, tudo montado*



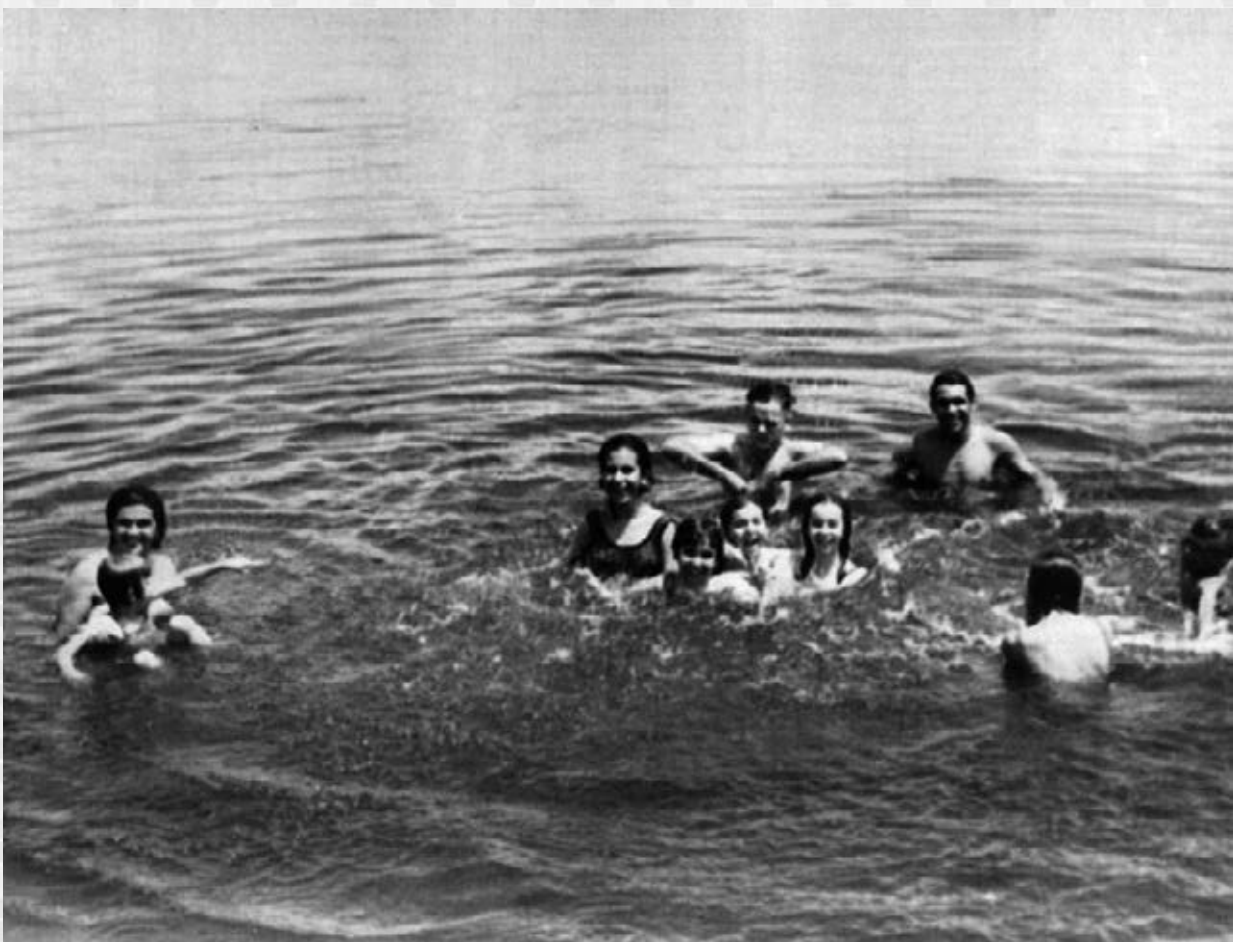
*segundo os melhores manuais da época. Não tivesse eu presenciado, seria difícil acreditar nessa história dos frangos. Se não me engano, havia também uma criação de porcos — um projeto, todavia, bem mais modesto do que o das aves. Muitos eventos foram feitos nesse sítio, com grande número de convidados, principalmente gente ligada à Faculdade de Medicina. Almoços eram servidos em enormes mesas sob os cajueiros — as mesmas mesas que, pelo menos uma vez, vi serem utilizadas num mutirão organizado para encher linguiça (não no sentido figurado, mas na primeira acepção do termo, mesmo). Imagino que aquilo era produto da criação de porcos”.*

O filho Lúcio explica que a casa do Mundo Novo era um pouco afastada do centro de São Gonçalo, “mas não muito”. Havia banhos ruidosos no riacho da Pitombeira — passagem obrigatória — e na lagoa da Prejubaca — paragem próxima.

Nostálgica, Lúcia reconstitui as cenas familiares, que se repetiam sempre que havia folga no calendário escolar da meninada: “Lembro do meu pai jogando a gente na água para aprendermos a nadar na lagoa da Prejubaca. Sacodia na água e mandava a gente se virar. Às vezes usávamos aquelas boias de pneu”.

Dadá, irmã de Dolores e prima de Waldemar, distende para um tempo ainda mais recuado essas memórias de banhos em águas doces: “Desde criança nós adorávamos isso. O Waldemar era

Banho na lagoa da Prejubaca.  
ARQUIVO DA FAMÍLIA



bem mais velho que eu, mas sempre que ia me chamava. Quando casou, passou a levar os filhos”.

Como ponto de encontro da família, São Gonçalo tinha na casa de Doca e Luizinha um importante centro de afeto. Mesmo situado na principal praça da cidade, o casarão estreito e comprido sempre exalou ares rurais.

Durante muito tempo, havia um urinol em cada quarto, a água era trazida em lombo de jumento e só se tomava banho de cuia — com o apoio de um tanque instalado no banheiro, que ficava na parte de trás da casa.

A modernidade gerou mudanças, como uma reforma que trouxe o banheiro para mais perto dos quartos, com

chuveiro e aparelho sanitário. A casa ganhou uma suíte, nova pintura, outro revestimento. As melhorias preservaram a comunicação entre os quartos e o charme interiorano.

“Íamos muito lá na Semana Santa, um período delicioso, com a mesa sempre cheia de biscoitos, de bolinhos, de tapioca... Na dispensa, lembro de umas tábuas amarradas com queijo em cima, além de enormes depósitos de feijão, arroz, mantimentos diversos”, comenta Ielda, filha de Jonas, irmão de Waldemar.

Para os filhos do Doutor, não havia Semana Santa sem São Gonçalo. Nem férias escolares em Fortaleza. “Passávamos as férias lá, na casa dos nossos avós.

Férias em São  
Gonçalo do  
Amarante (CE).  
ARQUIVO DA FAMÍLIA



Os primos também iam. Para mim, era a melhor parte do ano”, recorda Luiza, acrescentando que quem mais gostava desses momentos era mesmo o pai.

E se a Semana Santa era em São Gonçalo, a festa de Santo Antônio era no Boqueirão dos Cunha, uma propriedade de Doca e Luizinha em Caucaia. Em junho a família se “mudava” para lá, junto com os agregados.

Dadá lembra bem: “O Santo Antônio sempre era no Boqueirão, na época do inverno, com o açude cheio. Lá tinha um quarto que nós chamávamos de “quarto das atas”, por causa do estoque de atas que se guardava ali”.

Os moradores rezavam a trezena por treze dias consecutivos na igreja de Santo Antônio. “Nós íamos pelo menos alguns dias”, diz Lúcia Alcântara, complementando que tudo culminava com uma missa.

“Aproveitavam para festejar a primeira comunhão de um monte de menino, filhos de moradores e da vizinhança... A casa era uma daquelas casas de fazenda mesmo, com alpendre em toda a sua extensão. Era uma dificuldade enorme pra chegar no Boqueirão, quando estava chovendo muito, mas quanto mais dificultoso, mais papai gostava!”, revela Lúcia.

Houve também a fazenda Boa Ação, em Tejuçuoca, no sertão brabo, que foi pouco frequentada pelos filhos.

*“Quem ia era papai. Hoje tem muita irrigação, mas na época, quando terminava o inverno, era preciso transportar o gado para uma região de clima melhor, que no caso era a Santa Lúcia, no Trairi. O Marcos, nosso vaqueiro, ia tangendo o gado pela estrada afora, era uma epopeia, e meu pai ficava controlando. ‘O Marcos vai levar o gado! Vou lá!’, ele dizia. E tinha que vacinar, tinha que comprar arame, tinha que cercar...*

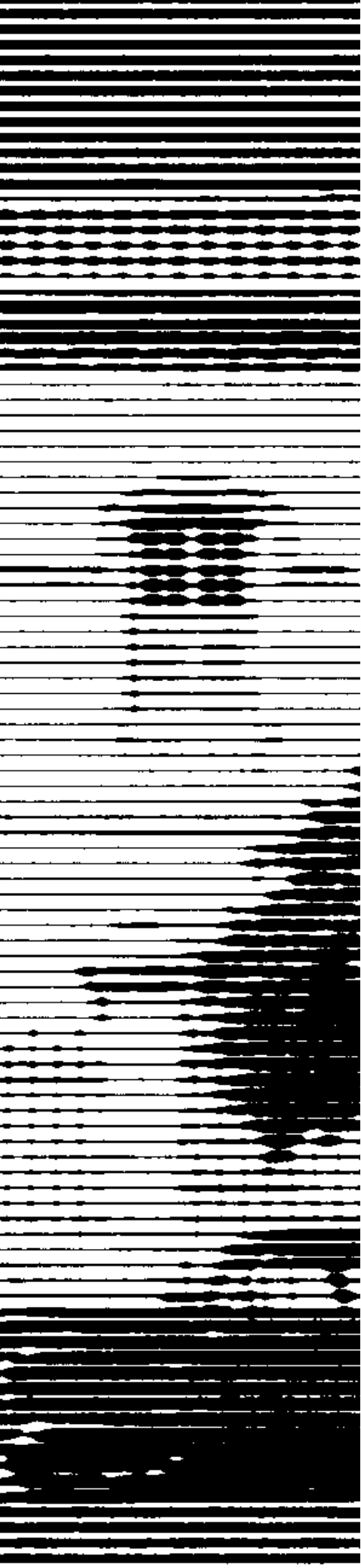
*Tudo isso meu pai curtia! Curtia mesmo! Numa época ele resolveu montar uma caieira para explorar cal, na fazenda de Tejuçuoca. Chegou a comprar um caminhão Chevrolet. Acabou logo, não deu em nada...”*  
(Lúcia Alcântara)

Os filhos sustentam que Waldemar nunca se modernizou na condução de suas propriedades, apesar da experiência com as galinhas e os porcos. “Ele era bem tradicional. Por exemplo: tinha um vaqueiro porque o pai desse vaqueiro havia sido vaqueiro do meu avô. A divisão do gado era à antiga: ‘de cada três era um’, como se dizia, para definir que, de cada três bezerros que nasciam, um era do vaqueiro. Uma relação conservadora, meio rudimentar”, avalia Lúcio.

Ele cita ainda a fazenda Tapuio, do major Adelino, às margens do Rio Curu, e o Boqueirão da Arara, da tia Sinhá, irmã de Doca, onde Waldemar parava antes de chegar a São Gonçalo, para que a família pudesse esticar as pernas, beber água e descansar um pouco, já que o trajeto de barro tornava a chegada muito mais demorada que hoje. O Doutor aproveitava também para fazer consultas médicas. Tirava a pressão, auscultava o coração e revia os medicamentos de tia Sinhá.

Resumindo: ao longo dos anos, sempre houve um sítio na vida de Waldemar. A filha Lúcia usa esse fato para contestar a hipótese de que o pai fosse difícil: “Concordo que ele não vivia rindo, mas era uma pessoa muito acessível, que gostava de conversar e receber. Quem é trancado não tem sítio, porque junta gente, mas ele sempre gostou disso. Além dos que citamos, tivemos também um sítio em Maranguape, chamado Bom Princípio, junto com o Dr. Cantídio... No Mundo Novo papai fez uma piscina que juntava gente. Quem faz casa com piscina gosta de movimento!”.





# 4

---

*Uma  
década  
agitada*

---

**B**om diagnosticador de doenças transmissíveis, um dia Waldemar recebeu um telegrama do Dr. Joaquim Eduardo de Alencar convidando-o — com o aval do todo-poderoso Menezes Pimentel — para dirigir o Centro de Saúde de Fortaleza, um cargo importante na estrutura sanitária do Estado.

Joaquim fora seu contemporâneo na Universidade da Bahia e dirigia desde 1940 o Departamento Estadual de Saúde Pública, ao qual o Centro de Saúde estava subordinado.

Assim, depois de três anos no Sertão Central, o casal de São Gonçalo fez as malas para se fixar na capital. Ainda que apaixonado pela vida rural, o Doutor sabia reconhecer uma boa oportunidade quando ela se apresentava. Além disso, a família estava aumentando: o segundo filho, Lúcio, nasceria em maio de 1943.

O centro funcionava num prédio à direita do Theatro José de Alencar, depois substituído pelos jardins de Burle Marx. Naquela época, ainda não existia a Secretaria da Saúde. No topo hierárquico das instituições que cuidavam do bem estar público, estavam quatro doutores: Joaquim

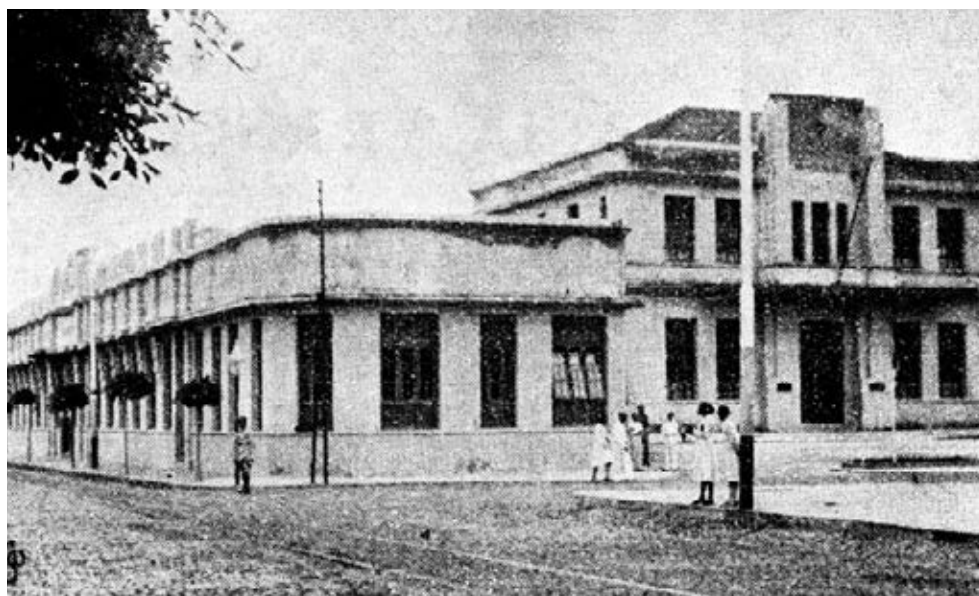
Eduardo de Alencar, Waldemar Alcântara, Walter Cantídio e Hyder Correia Lima.

Waldemar ficou encarregado do Serviço de Epidemiologia. Na pasta, seus esforços voltavam-se principalmente para a luta contra a mortalidade infantil, com a criação de planos de prevenção e combate a velhos males como o sarampo, difteria, coqueluche e catapora.

Segundo o Dr. Joaquim Eduardo de Alencar, que participou também dos primórdios da Faculdade de Medicina, Waldemar “devotava-se com todo o empenho” à redução dos altos índices de mortalidade, mas os detalhes de seus planos de ação perderam-se com a falta de conservação dos arquivos oficiais.

A primeira década de retorno a Fortaleza foi pródiga em novos contatos, projetos pioneiros e missões desafiadoras. Década em que o médico do interior fincou raízes na capital, abriu o leque de relações, ajudou a construir uma faculdade e lançou-se à vida pública — elegendo-se o deputado estadual mais votado do Ceará.

Dentre outros encargos, ele assumiu a direção da Policlínica Dona Libânia Hollandia, inaugurada em 1942, na Rua Pedro I. Hoje é o Centro de Referência Nacional em



Centro de Saúde,  
Fortaleza (CE).  
ARQUIVO NIREZ

Dermatologia Sanitária Dona Libânia e tem uma história de bons serviços prestados no diagnóstico de tuberculose, hanseníase e atendimento dermatológico em geral.

A policlínica era uma antiga reivindicação do Centro Médico Cearense, hoje Associação Médica Cearense. Fundado em 1913, foi a primeira entidade do Ceará a congregar profissionais da saúde, tendo o Barão de Studart como primeiro presidente e um total de 28 associados.

No início, o centro promovia discussões em torno de casos clínicos e práticas científicas, mas aos poucos foi contribuindo também para a elaboração de políticas públicas mais consistentes, por meio de sugestões, estudos e eventos na área.

Waldemar presidiu o Centro Médico em 1945, ano do pós-guerra, da queda de Getúlio, da reestruturação dos partidos políticos e do anúncio de eleições livres no Brasil.

O Ceará, então com 2.300.000 habitantes, ainda era vítima de uma realidade sanitária precaríssima. Com pessoal reduzido e verbas inexpressivas, o serviço público estava muito longe de atender às demandas mais elementares da população. E mesmo para quem tinha dinheiro, o atendimento hospitalar não era garantido.

No livro “História da Medicina no Ceará”, o professor Vinícius Barros Leal informa que todo o interior do Estado possuía apenas 40 leitos hospitalares para doentes particulares, enquanto Fortaleza tinha somente 302 leitos, distribuídos em suas nove casas de saúde. “As necessidades mínimas iriam a uma cifra dez vezes superior às acomodações hospitalares oferecidas ao público”, avalia o estudioso.

Foi diante dessa realidade exasperante que Waldemar assumiu, também em 1945, o Departamento Estadual de Saúde, substituindo o Dr. Joaquim Eduardo de Alencar por um ano. Nesse curto período, teve a oportunidade de tomar iniciativas de real



valor, considera o professor Vinícius, que se debruçou sobre o tema.

“Novos postos foram fundados no interior, e os serviços da capital sensivelmente melhorados. O Dispensário de Higiene Pré-Natal foi inaugurado ainda como decorrência do 2º Congresso de Médicos Sanitaristas realizado então. O 1º datava de 1935”, conta Vinícius. Waldemar teve importante participação nesse Congresso.

Na agitada década de 40, ele também dividiu o seu tempo com um consultório particular Rua Barão do Rio Branco, no hoje desaparecido edifício Studart. Montara o consultório junto com o médico e amigo Antônio de Castro, atendendo como clínico e cardiologista. Arrojada, a dupla trouxe um dos primeiros eletrocardiógrafos do Ceará.

Entre 1943 e 1946 o nome de Waldemar Alcântara constaria ainda do quadro de médicos docentes do curso de enfermagem da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. Com ele estavam grandes nomes da medicina local, como Jurandir Picanço, João Estanislau Façanha, Cesar Cals de Oliveira, Tarcisio Soriano Aderaldo e Trajano de Almeida. Fundada no ano do retorno de Waldemar a Fortaleza, em 1955 a Escola passou a integrar as unidades didáticas da UFC e, vinte anos depois, foi encampada pela UECE.

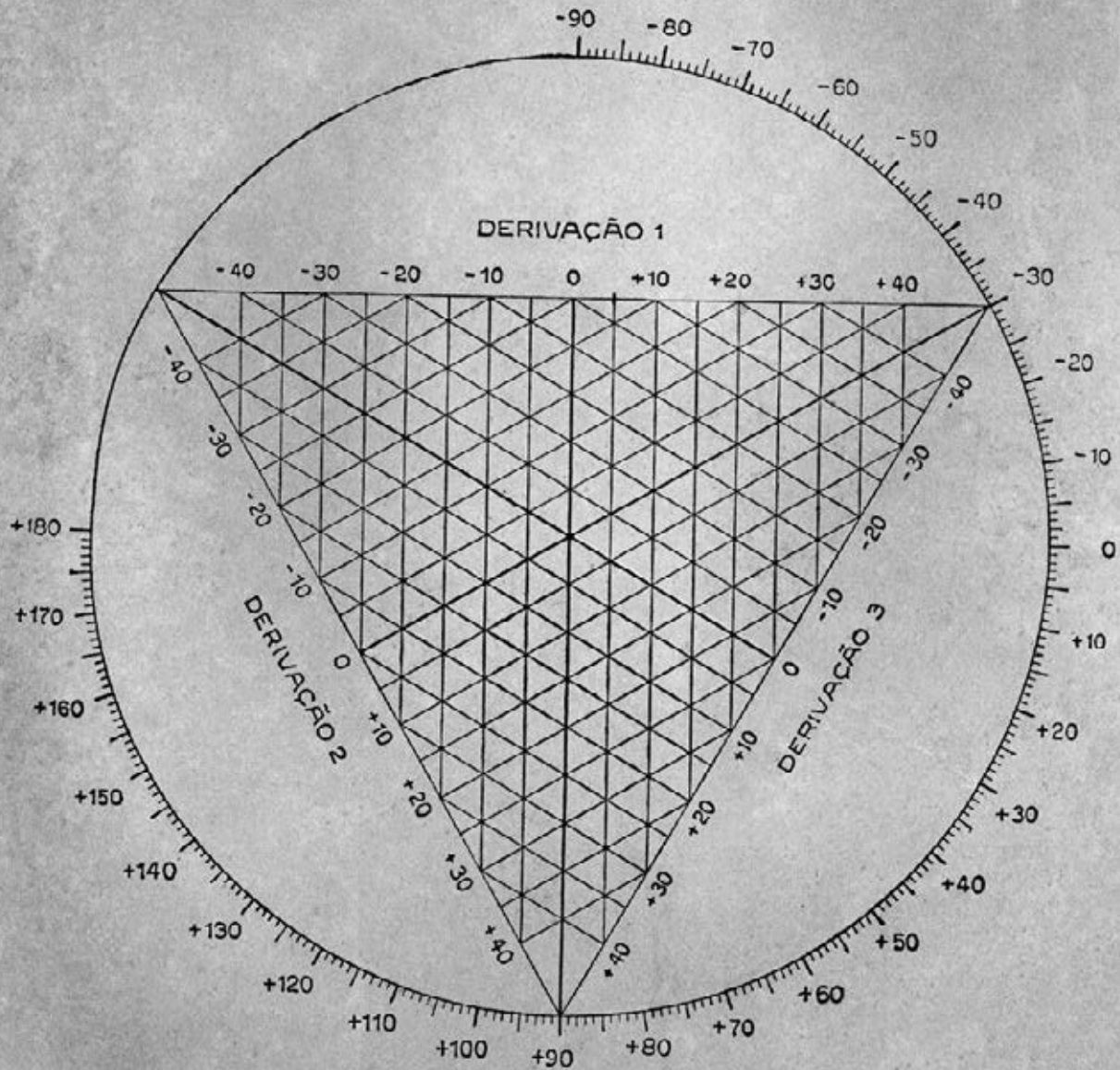
Rua Major Facundo,  
Fortaleza (CE).

ARQUIVO NIREZ

1942  
CLÍNICA DOS DRS.

Fichan.º 165

**ANTONIO DE CASTRO**  
**E**  
**WALDEMAR ALCANTARA**  
SECÇÃO DE ELETROCARDIOGRAFIA



Nome *f. Ferreria de Freitas*  
A pedido do *Dr. Antonio de Castro*



## Instituto do Câncer

O ano de 1945 foi mesmo especial: marca também a instalação de um ambulatório na Santa Casa de Misericórdia, considerada a primeira ação concreta do Instituto do Câncer do Ceará, o ICC.

Desde o ano anterior, Waldemar vinha se reunindo com o grupo que foi o núcleo fundador da instituição, primeira dedicada ao diagnóstico e tratamento do câncer no Estado.

Uma foto de 1944 mostra o marido de Dolores, muito elegante num terno branco, ao lado dos doutores Walter Cantídio e Alberto Coutinho. Na época, Coutinho que era o diretor do Serviço Nacional de Câncer do Ministério da Saúde. Uma segunda foto da mesma ocasião enquadra, além desses, as figuras muito sérias de Jurandir Picanço e Haroldo Juaçaba.

São alguns dos fundadores do instituto, que naquela ocasião se reuniam para discutir os rumos do projeto ainda implume. O dia dessa reunião entrou para a história da medicina local: 25 de novembro de 1944, data de nascimento do ICC.

Foram dez médicos e um padre nessa empreitada: Walter Cantídio, Newton Gonçalves, Haroldo Juaçaba, Antônio Jucá, Arquimedes Bruno, João Batista Saraiva Leão, Livino Pinheiro, Jurandir Picanço, Walter Porto, Luiz Gonzaga da Silveira e Waldemar Alcântara.

Alguns deles haviam se cruzado nos corredores da Faculdade de Medicina da Bahia. O padre Arquimedes Bruno era o único sem diploma de medicina, mas se envolvia em causas sociais e levava auxílio espiritual aos doentes. Conhecido como um grande orador, participou também da criação da Sociedade de Assistência aos Cegos e outras entidades importantes.

O ICC deu seus primeiros passos na Santa Casa de Misericórdia, que durante algum tempo foi o hospital público com melhor infraestrutura, e onde os doentes de câncer passaram a ser atendidos.

Em 1948, o instituto conseguiu a

instalação de um ambulatório no prédio da recém-criada Faculdade de Medicina, que na época funcionava na Praça José de Alencar, ao lado do Theatro José de Alencar.

Um livro alusivo aos 60 anos do ICC, lançado em 2004, reproduz um depoimento de Walter Cantídio, segundo o qual o local foi obtido por interferência política de Waldemar Alcântara, então deputado estadual.

Cantídio também foi ouvido por Blanchard Girão (“Dr. Valdemar: o Médico, o Político”). Diz ele sobre o companheiro de lutas e profissão: “Gostaria de citar o trabalho que juntos desenvolvemos pela fundação do Instituto do Câncer do Ceará, ao qual oferecemos o melhor entusiasmo de nossa capacidade. Foi por interferência dele (Waldemar), junto às áreas políticas, que conseguimos um local de funcionamento do instituto, ao lado da antiga sede da Faculdade de Medicina, que ficava na Praça José de Alencar, junto ao Theatro”.

O ICC permaneceu na Praça José de Alencar até 1959. Quando a Faculdade de Medicina concluiu seu processo de transferência para o Porangabussu, hoje Rodolfo Teófilo, o ICC foi junto. Lá, instalou-se definitivamente no nº 1222 da Rua Papi Júnior.

No início, oferecia apenas serviço ambulatorial, agregando radioterapia, quimioterapia e prevenção. “Aos poucos foram sendo incorporados procedimentos novos de apoio diagnóstico, como a endoscopia e a citologia”, conta o professor Haroldo Gondim Juaçaba, presidente do ICC por muitos anos, falecido em 2009.

Desde meados dos anos 50 organizavam-se campanhas para angariar fundos que viabilizassem a construção de um hospital próprio. Depois de algumas tentativas, as obras foram iniciadas em 1995, e no dia 26 de novembro de 1999 o Hospital do Câncer, hoje Hospital Haroldo Juaçaba, abriu oficialmente as portas.

Waldemar foi o primeiro presidente do ICC e exerceu esse cargo até a morte, em 1990. O Dr. Newton Gonçalves acompanhou a dedicação do companheiro: “Mesmo nas

Eletrcardiograma  
feito na clínica dos  
médicos Antônio de  
Castro e Waldemar  
Alcântara.

ARQUIVO FWA

épocas em que estava muito ocupado com a política, mesmo quando no exercício das mais altas funções legislativas ou administrativas, como deputado ou senador e como governador do Estado, ele nunca se desvinculou do instituto. Chegava lá como uma pessoa comum, na sua caminhoneta particular, e vinha reunir-se conosco”.

Lúcia Alcântara, a filha médica que se especializou em oncologia, é fiadora do interesse do pai pelo ICC: “Quando ele assumiu o Governo do Estado, disse que não poderia mais ir ao instituto, por conta dos compromissos do cargo... Mas não deu uma semana e ele apareceu de novo. Ia religiosamente. O Santiago, ajudante-de-ordens, ligava para avisar: ‘O Dr. Waldemar está dizendo que vai aí’. Todo mundo gostava demais dele. Naquela época o ICC não era isso que é hoje, esse espaço tão grande e bem equipado”.

A Dra. Rebecca Mourão, atual física chefe do Serviço de Radioterapia do Instituto do Câncer, confirma a história:

*“Quando o Dr. Waldemar foi governador, não deixou de cumprir expediente, pois passava pelo menos trinta minutos por lá. Chegava com os seguranças, que antes*

*faziam a inspeção nos corredores e, em seguida, aparecia do mesmo jeito manso, cumprimentando a todos. Recordo-me da sua preocupação ao assinar os documentos de importação do ICC, pelos quais eu era responsável. Ele sempre lia tudo e perguntava a que se referia cada um antes de assinar. Eu achava muito legal quando o via conversando com o Dr. Haroldo sobre os sonhos que tinham em relação ao ICC, o hospital, os equipamentos, e também sobre o fato de que não conseguíamos atender mais de 60% dos pacientes do SUS, os quais eram sua prioridade. Quando ele já não podia frequentar com tanta assiduidade a instituição, eu ligava marcando uma ida à sua casa. Sua esposa sempre me atendia com muito carinho, e a Ione se preocupava em me oferecer um cafezinho. Ele, no seu escritório, queria saber o que se passava no instituto e eu lhe contava as novidades”.*

Hoje o ICC é referência no tratamento e na pesquisa em oncologia no Norte e Nordeste. Realiza cerca de 20.000 atendimentos por mês, sendo 70% de pacientes

Sede da antiga Faculdade de Medicina, Rua Liberato Barroso, Fortaleza (CE).  
ARQUIVO NIREZ



provenientes do Sistema Único de Saúde. A instituição filantrópica mantém o Hospital Haroldo Juacaba, a Escola Cearense de Oncologia (ECO) e a Casa Vida de apoio a pessoas carentes que estão em tratamento no hospital. Em janeiro de 2012, a Dra. Lúcia Alcântara completou 37 anos de trabalho no Instituto que seu pai ajudou a criar.

## Instituto dos Cegos

No dia dois de agosto de 1942 o oftalmologista Hélio Góes Ferreira, o padre Arquimedes Bruno e outros médicos e aliados fundaram a Sociedade de Assistência aos Cegos (SAC), da qual o padre Arquimedes foi o primeiro presidente. A entidade filantrópica nasceu com a pretensão de atuar nas áreas de saúde, educação, profissionalização e integração social dos cegos.

Em 1943, após uma campanha que contou com a participação de Waldemar Alcântara, recém-chegado a Fortaleza, a SAC abriu uma escola que funcionava em regime de internato, dando assistência pedagógica aos deficientes visuais. Eram apenas 18 naquele instante inicial.

Esse núcleo ficou popularmente conhecido como “Casa dos Cegos”, mas na verdade nunca teve esse nome, como explica a atual presidente Maria Josélia Sá e Almeida. Era, a rigor, o Instituto dos Cegos, hoje Instituto Hélio Góes, uma escola curricular reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação que oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e também sala de reabilitação. Waldemar foi presidente da Sociedade de Assistência aos Cegos entre 1961 e 1964.

A escola mantida pela SAC funciona na Av. Bezerra de Menezes, no São Gerardo, bairro onde a família Alcântara morou durante muitos anos. Exatamente como queriam seus fundadores — “homens que tiveram uma visão extraordinária, tirando

os cegos das ruas”, segundo Josélia —, a SAC hoje mantém, além do Instituto Hélio Góes, um significativo conjunto de entidades de apoio aos portadores de cegueira.

Em seu livro de memórias, José de Alencar Bezerra, que foi professor do instituto, conta uma história divertida sobre o envolvimento de Dolores e Waldemar com a entidade, já nos anos 1960:

*“Dr. Waldemar foi sempre um grande amigo da Casa dos Cegos do Ceará. Morava em frente ao instituto, já político de prestígio, Secretário de Saúde do Estado, era o nosso médico depois de inúmeros afazeres do dia, à noite vinha nos visitar. Tentou me ensinar metrificacão, mas eu abandonei a métrica, porque para mim ela sacrificava as ideias e eu sempre preferia uma ideia boa a qualquer outra coisa.*

*D. Dolores Alcântara, sua esposa, punha à nossa disposição o telefone. E fazia ligações para nós, que naquele tempo ainda não sabíamos usá-lo.*

*Lembrei-me da brincadeira que Dr. Waldemar fazia quando me ensinava metrificacão:*

*José de Alencar Bezerra  
Na Casa dos Cegos é astro  
Ele veio do Piauí  
E nunca foi poetaastro*

*Segue a quadrinha que fiz para o Dr. Waldemar:  
Da luta de cada dia,  
Quase repouso não tem  
À noite com alegria  
Visitar os cegos vem.*

*À D. Dolores Alcântara:  
Grande dama cearense  
Merece os meus louvores  
Na bondade ninguém vence  
Salve a D. Dolores”.*

---

# MINHA CASA TEM UM BRASÃO

Casa da família  
em São Gonçalo  
do Amarante (CE).

JOANA FRANÇA



Um antigo dito popular afiança que “a casa de um homem é o seu castelo”, enquanto outro garante que “cada casa é um retrato de seu dono”. Em todos os lugares onde moraram ao longo de cinco décadas, Waldemar e Dolores repetiram padrões construtivos, como se fixassem nas paredes o jeito de ser da família, reiterando que aquela casa era um retrato de pedra, tijolo e cimento, um castelo sem luxo, imagem dos donos.

Homem de muitos compromissos políticos, viagens pelo partido e eventos sociais, Waldemar gostava mesmo era de ficar em casa, onde nunca lhe faltou uma varanda, uma cadeira na sombra, um pé de manga ou de jasmim. “Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz”, repetia ele para quem quisesse ouvir, livrando-se de apelos inconvenientes para saídas supérfluas.

Talvez por isso os filhos lembrem tanto do pai em casa, apesar das obrigações partidárias, das reuniões na Faculdade de Medicina, do tempo dividido entre as associações que presidiu... Ele acordava cedo. E com ele se alinhava toda a rotina do lar. “Nossa casa já amanhecia com gente. Pessoas do partido ou amigos da família

que iam tomar café. Um deles, o Alfredo Guimarães, praticamente abria as portas lá de casa”, lembra a filha Luiza.

Quando Waldemar e Dolores deixaram Quixadá para começar uma nova vida em Fortaleza, foram morar na Rua 24 de Maio, quase esquina com Av. Duque de Caxias. Foi onde nasceu o segundo filho do casal, Lúcio, que tinha poucos meses de idade quando a família se mudou para a Avenida Bezerra de Menezes, no bairro do Alagadiço, hoje São Gerardo.

Nessa via larga de paralelepípedos, calçadas amistosas e uso residencial — bem diferente da avenida convulsionada de hoje, com seu excesso de buzinas, comércio e fuligem —, eles moraram, primeiro, no número 711 e depois na casa 549, do outro lado da rua, sempre perto do antigo Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva (CPOR).

Waldemar e Dolores mantiveram o lar da Bezerra de Menezes quando ele assumiu a vaga de senador em Brasília, no ainda distante ano de 1968, mas pouco depois de voltarem do Distrito Federal, na década de 70, acabaram se mudando para a Rua Júlia Vasconcelos, número 100, no Pío XII, onde hoje funciona a Fundação Waldemar Alcântara.

Na maior parte de sua vida, portanto, Waldemar residiu na “Bezerra”, como dizem os moradores da avenida. Muros baixos, grandes espaços e parentes próximos foram alguns dos pontos fortes da arquitetura afetiva das casas que ocupou. Os parentes que iam chegando de São Gonçalo se instalavam por perto. Como numa cidade do interior, todos se conheciam.

Os três irmãos de Waldemar (Gilberto, Jonas e Clodoaldo) e dois irmãos de Dolores (Cleomar e Adelino) foram alguns dos vizinhos. Cleomar, a Dadá, foi para o Alagadiço quando se casou, ocupando uma casa próxima. Dolores, às vezes, ia esperar Waldemar na varanda de Dadá. “Naquele tempo, todo mundo se visitava,



era tranquilo, sem violência”, suspira a antiga moradora.

“Algumas coisas caracterizavam muito o nosso convívio. À noite, por exemplo, nós colocávamos as cadeiras na calçada. Ficávamos ali conversando, alguns amigos chegavam para visitar... O Ernani Viana era um deles. Fazíamos isso frequentemente, tanto na primeira casa como na segunda”, recorda Lúcio Alcântara.

Dois bancos de ferro com tábuas de madeira, dispostos na frente um do outro, foram testemunhas silenciosas das longas e festivas conversas no pequeno jardim entre o portão e a varanda. Hoje esses bancos estão na Fundação Waldemar Alcântara. Para o Doutor era providenciada uma cadeira mais confortável, de onde ele ouvia histórias, desfiava prosa e cumprimentava os passantes. Os muros sempre foram baixos.

Algumas noites eram mais tumultuadas. “Em todas as casas, sempre houve muitas reuniões políticas do antigo PSD. Eu era menino, mas gostava de ouvir, ficava por ali, acompanhando de longe... Numa das casas havia um pátio em que aconteciam as reuniões, algumas realmente grandes”, pontua Lúcio.

A casa que tinha o pátio era a de número 549 — a segunda em que a família viveu no São Gerardo, construída especialmente para as necessidades do casal, que se

Brasão.

JOANA FRANÇA

Casa da família  
em São Gonçalo  
do Amarante (CE).  
JÚLIO ALCÂNTARA



mudou com os filhos para lá em 1953. O projeto foi feito pelo construtor José Barros Maia, o Mainha, muito requisitado e experiente, tanto que entendeu imediatamente os caprichos dos proprietários.

*“A título de curiosidade, vou narrar-lhes um episódio que ouvi de pessoa da maior intimidade do casal. Quando decidiram construir uma casa maior para a família, já então enriquecida pelo nascimento dos três filhos — Lúcio, Luiza e Lúcia —, Dolores e Waldemar resolveram discutir detalhes da construção. Waldemar reivindicava simplesmente uma caixa d’água bem grande, e um chuveiro forte, que pudesse lhe oferecer a sensação daqueles ‘banhos de chuva que tomava na Anacetaba’ nos seus tempos de menino. Dona Dolores não pediu uma cozinha ampla nem quartos espaçosos. ‘Querida uma sala de visitas imensa, onde possa fazer as reuniões com a presença de todos do PSD...’”*

*A casa atendeu aos desejos de ambos. O Waldemar teve os seus banhos de*

*chuva domésticos e Dona Dolores conseguiu levar o PSD inteiro para as mais delicadas definições partidárias nos limites da sua imensa ‘sala de visitas’”. (Blanchard Girão)*

Para além da sala de visitas, Dolores queria um grande pátio no centro da casa, desejo que foi atendido pelo projeto de Mainha, que adotou a clássica configuração da casa em U. “Duas grandes portas se abriam da sala para esse pátio com um desnível mínimo entre os dois pisos, de modo que a sensação era a de um ambiente praticamente contínuo”, lembra Lúcio.

A caçula, Lília, tinha poucos meses quando a família se mudou para a casa nova, mas as suas lembranças são muito parecidas com as que os irmãos guardam da casa antiga. “Nossas noites eram muitas vezes embaladas pelo burburinho das reuniões políticas que rolavam no pátio até tarde, com direito a suco de maracujá e outros recursos de que se valia a mamãe para acalmar os participantes eventualmente exaltados”, recorda.

O ex-deputado Stênio Dantas, companheiro de partido de Waldemar, esteve em



vários desses ajuntamentos pessedistas: “Debatíamos tudo na casa dele. Eu, Hugo Gouveia, Almir Pinto, Murilo Aguiar, Paes de Andrade, Vicente Augusto, Figueiredo Correia... Eram muitos nomes. Algumas reuniões varavam a noite. O Waldemar era um homem de visão, amigo dos amigos e com amor às coisas certas”.

“Crescemos acostumados com esse entra-e-sai de político lá em casa. Hospedamos até o Lott, na época da campanha dele”, relembra Lúcia.

O Marechal Henrique Teixeira Lott, candidato a Presidente da República em 1960 pela coligação PTB-PSD, foi um dos muitos hóspedes que passaram pela casa, cuja parede ao lado da porta principal ostentava um pequeno painel de azulejos pintados a mão, um mimo trazido de Portugal com os dizeres singelos:

*“Tem minha casa um brasão  
D’entre todos o mais nobre  
Receber sem distinção  
Tanto o rico quanto o pobre”*

A quadrinha acompanhou a família ano após ano, desde a Bezerra de Menezes.

“Para além da mensagem em si, a peça tornou-se para nós um verdadeiro ícone, a marca registrada da generosidade de nossos pais. Como tal, jamais poderia ter sido deixada para trás. Num suporte diferente, uma releitura do original ainda pode ser vista na casa da Júlia Vasconcelos, indicando que eles continuam ali, de braços abertos para acolher”, comenta Lúcia no livro “Jeito de Ser, Jeito de Morar”.

O acolhimento do casal que, ao longo dos anos, recebeu vários “agregados” para longas temporadas de estudo, também era expresso em ocasiões não-familiares, como a que envolveu a Sociedade Cearense de Patologia Respiratória. Quem nos conta a história é o Dr. Gilmário Teixeira:

*“Em 1955, nós, que fazíamos a Sociedade Cearense de Patologia Respiratória, aceitamos a responsabilidade de realizar em Fortaleza o Congresso Nacional de Tuberculose e a Reunião do Capítulo Brasileiro de Médicos do Tórax. A escolha do Ceará para esses eventos deveu-se, em grande parte, aos trabalhos desenvolvidos no Sanatório*





*de Maracanaú, que projetaram a tisiopneumologia cearense no cenário nacional.*

*Partíamos do princípio de que Fortaleza não atrairia um grande número de participantes. Terrível equívoco. Abertas as inscrições, o número e qualificação dos que aderiram deixou-nos, a todos da Comissão Organizadora, em situação crítica, vexatória, face à precária infraestrutura de nossa cidade para eventos de tamanha magnitude. E o problema crucial era o de hospedagem, considerando, sobretudo, a presença de expoentes da especialidade, nacionais e estrangeiros. Apelamos para alguns colegas que nos atenderam hospedando em suas residências algumas dessas figuras.*

*Quando contatamos Waldemar para pedir sua colaboração — pasmem —, com uma simplicidade comovente nos disse: ‘Vocês têm a chave de minha casa da Bezerra de Menezes, totalmente equipada’. Assim, a Comissão de Organização do Congresso fez daquela mansão que tinha ao centro um grande pátio ao estilo espanhol da Andaluzia, um hotel improvisado de primeira classe, que abrigou destacados congressistas”.*

A família na varanda  
da casa da Av.  
Bezerra de Menezes,  
Fortaleza (CE).

ARQUIVO DA FAMÍLIA





# 5

---

---

## *Seguindo a vocação familiar*

---

---



**“Bigodinho de artista de Hollywood,  
Revelando tendências de galã,  
Tipo escolhido para um Don Juan  
Mas não tendo, no entanto, essa atitude.**

**Ex-diretor do Centro de Saúde,  
Clínico exímio da mais fina grã,  
Quer ver a infância prazerosa e sã,  
Tendo um berço ao invés de um ataúde.**

**Vem abordando sugestivos temas,  
Mostrando o X dos principais problemas,  
Tuberculose e muitos outros que há.**

**E como filho dos sertões ignotos  
É o deputado que mais teve votos  
Graças a Anacetaba e a Quixadá.”**

VERSOS DE RAIMUNDO LOPES, PUBLICADOS PELA GAZETA DE NOTÍCIAS, NO DIA 2/4/1947, COMO PARTE DOS “PERFIS PARLAMENTARES”, QUE DESCREVEM OS DEPUTADOS ELEITOS PARA A ASSEMBLEIA CONSTITUINTE ESTADUAL, ENTRE ELES WALDEMAR ALCÂNTARA.



**F**rancisco de Menezes Pimentel dominou o cenário político cearense entre os anos 30 e 40 do século xx, primeiro como governador (1935-1937) e depois como interventor (1937-1945), quando foi nomeado pelo Presidente Getúlio Vargas. Os interventores eram os homens de confiança do presidente. A partir de 1930 e durante todo o Estado Novo foram eles que governaram os estados.

Nascido no final do século XIX, em 1887, na cidade de Santa Quitéria, Menezes Pimentel combateu opositores e arregimentou um séquito de fiéis ao longo de sua vida pública. Ocupou vários cargos a partir de 1928.

Além de governador e interventor, foi deputado estadual (1928-1932), deputado federal (1950-1954 e 1954-1958) e senador por dois mandatos. Morreu aos 86 anos, ainda muito respeitado pela cúpula pessedista.

O major Adelino Cunha Alcântara, tio de

Waldemar e pai de Dolores, era o “homem de Pimentel” na região de São Gonçalo. Foi, inclusive, prefeito do município por dez anos, de 1935 a 1945, no período em que Pimentel dava as cartas como interventor.

Figura rematada do coronel sertanejo, que arregimenta seguidores e tem voz de comando, Adelino nutria gosto especial por equações e acordos políticos. Num dia de 1946, ele se aproximou de Waldemar, já bem encaminhado como profissional da saúde e com passagem construtiva pelo Departamento Estadual de Saúde e pelo Centro Médico Cearense, para fazer uma pergunta que na verdade era uma proposta.

— Por que você não se candidata a deputado? Eu sempre votei no meu amigo José Martins Rodrigues, mas agora com você, fico a seu lado!

Foi o mesmo que cutucar a onça com vara curta, de acordo com Dona Dolores, que recordaria essa conversa anos mais

Waldemar Alcântara.  
ARQUIVO FWA



Deputados eleitos  
em 1947 (CE).  
ARQUIVO NIREZ

tarde, numa entrevista a Blanchard Girão: “Papai falou em linguagem simples. É como se dissesse: em vez de dar ao rato, vamos dar ao gato”.

Não se sabe se Waldemar hesitou, mas, a julgar pela paixão com que se lançaria à vida política, a semente estava apenas esperando um jorro d’água para germinar.

A força do major Adelino em todo o

entorno de São Gonçalo somou-se eficazmente ao apoio obtido em Quixadá por figuras como o padre Luís Braga Rocha e o Eliézer Forte Magalhães, dando a Waldemar Alcântara a maior votação do Estado.

O médico sanitarista, muito querido pela população pobre de Quixadá, começava na política partidária com o pé direito. Naquelas primeiras eleições democráticas, após 15



anos de ditadura Vargas, os partidos recém-criados ou reestruturados mediam forças na corrida livre pelos votos.

O PSD de Waldemar saiu nacionalmente vitorioso, elegendo 61% dos senadores e 52% dos deputados constituintes. Em seguida, vinha a UDN, com 24% do Senado e 27% da Câmara. E finalmente o PTB, com 5% do Senado e 8% da Câmara.

## Bonito e solteiro

Os brasileiros compareceram às urnas para escolher o primeiro Presidente pós-Vargas em dezembro de 1945. Eurico Gaspar Dutra, da aliança PSD/PTB, derrotou o brigadeiro Eduardo Gomes (UDN), o preferido do eleitorado feminino, pela primeira vez com direito a escolher o Chefe da Nação.

“Vote no brigadeiro, ele é bonito e é solteiro”, dizia um slogan que ficou famoso, mas foi incapaz de garantir a vitória ao garboso militar, conhecido por participar, quando mais jovem da célebre Marcha dos 18 do Forte de Copacabana, bradando contra as oligarquias da “política do café com leite”.

Dutra tomou posse aos 63 anos, no dia 31 de janeiro de 1946, no Palácio Tiradentes, Rio de Janeiro. Governaria por cinco anos, entregando o cargo no dia 31 de janeiro de 1951 para ninguém menos que Getúlio Vargas, o incansável e habilidoso “pai dos pobres”.

No início de 1946, poucos dias depois da posse de Dutra, foi instalada a Assembleia Constituinte que elaboraria uma nova Carta Magna para o Brasil.

*“O texto que serviu de base aos trabalhos foi a da Constituição de 1934, em que prevaleciam princípios liberais e democráticos. Os dois momentos políticos tinham, de fato, certa correspondência. Enquanto a Constituição de 1946 era uma reação à ditadura do Estado Novo, a de 34 fora uma reação ao elitismo oligárquico da República Velha. Apesar de a maioria de seus membros pertencer a partidos conservadores — o que refletia o perfil dos parlamentares eleitos —, a comissão que redigiu o anteprojeto também incorporou a legislação social do tempo de Vargas” (Oscar Pila Gallo, em “A História do Brasil no Século 20”).*

A nova Constituição fixou o mandato do Presidente da República em cinco anos, fortaleceu o papel do Congresso, manteve

a proibição da reeleição para o Executivo e restaurou o princípio federalista, estabelecendo as atribuições da União, dos estados e dos municípios.

## O mundo político cearense

No Ceará, depois de uma rápida sucessão de seis diferentes interventores, que governaram entre outubro de 1945 a abril de 1947, Faustino de Albuquerque, da UDN, derrotou o candidato do PSD e assumiu o Governo do Estado no dia primeiro de março de 1947.

Na época, a circunscrição eleitoral do Ceará contava com 28 zonas, divididas em 1.418 seções, nas quais votaram 279.597 cearenses de todos os municípios. Faustino, o primeiro governador da República Nova, obteve 147.911 votos, contra os 124.862 do general Onofre Muniz (PSD).

O estreante Waldemar Alcântara, 35 anos, fazia parte do grupo de deputados pessedistas que duelavam contra o governador, em busca de mais espaço político. Junto com o Doutor estavam os deputados Vicente Augusto, Parsifal Barroso, Walter de Sá Cavalcante, Joel Marques, José Filomeno Ferreira Gomes, Osíris Pontes e outros companheiros de bancada.

Perseguições e guerras de interesse deixavam o ar irrespirável. Manoel de Castro, militante da UDN, confidenciou a Blanchard que, apesar de tudo, “Waldemar transitava sem atritos em todas as áreas”.

A UDN do brigadeiro Eduardo Gomes e o PSD, criado em 1945 por Getúlio Vargas — também idealizador do PTB —, foram os dois partidos que se impuseram com mais energia na redemocratização. Ambos conservadores, tinham, em última análise, um DNA diferente. Enquanto a UDN congregava as expressões urbanas de então, o PSD mantinha suas bases firmes nas lideranças rurais.

O mundo político não era um universo desconhecido para o Doutor de São Gonçalo, sobrinho que era de um homem afeito às peles do poder, mas Fortaleza representava

um espaço bem maior que sua terra natal ou o município de Quixadá. Na luta por mapear o terreno e vencer eventuais obstáculos, Waldemar tinha Dolores do lado.

Embora não influenciasse as convicções políticas do marido, a filha de Adelino era o esteio de que ele precisava para crescer na vida pública. O ex-deputado Franklin Chaves ouviu do próprio Doutor o mantra que todos repetem hoje: “Ela (Dolores) é minha perna forte na política. Eu devo as minhas eleições a Dolores. Ela é muito mais política do que eu”.

## Deputado constituinte

Como deputado eleito, Waldemar teve a oportunidade de participar da elaboração da Constituição Estadual de 1947. Instalada no dia 27 de fevereiro daquele ano, a Assembleia Constituinte Estadual agregava 45 parlamentares, sendo 19 do PSD e 16 da UDN. O Partido Social Progressista (PSP), de Olavo Oliveira, contava com sete deputados. Os outros três integrantes não pertenciam às grandes legendas. Dois deles, José Pontes Neto e José Mariano de Vasconcelos, do PCB, foram cassados juntamente com o seu partido ainda em 1947.

Além dos nomes já citados, como Vicente Augusto e Parsifal Barroso, deputados de diferentes matizes compunham a casa naqueles tempos de reencontro com a democracia, como Amadeu Furtado, Franklin Chaves, Adahil Barreto, Wilson Gonçalves, Renato Braga, José Ramos Torres de Melo, Figueiredo Correia e Manuel de Castro Filho, dentre outros.

A Constituição Estadual inspirou-se em grande parte no texto nacional de 1946. A carta estabelece que “o ensino primário é obrigatório”, fixa os gastos com o funcionalismo em 50% no Estado e 40% nos municípios, trata da questão tributarista e da prestação de contas da administração municipal. Um passo importante para a



história política, depois do longo período de suspensão de liberdades.

## O baque das eleições de 1950

Quando Waldemar Alcântara decidiu disputar uma vaga de deputado federal nas eleições de 1950, a sua vitória era tida como certa. Mas no dia 3 de outubro daquele ano, quando as urnas começaram a ser abertas, constatou-se que ele ficara apenas com a primeira suplência.

Foi uma grande decepção. Waldemar estava vindo de quatro anos na Assembleia Legislativa, onde ingressara como o deputado estadual mais votado do Ceará, tendo participado da elaboração da Constituinte e da oposição ao governo Faustino de Albuquerque.

Engenhoso, discreto, paciente, era o secretário-geral do partido e se conduzia com equilíbrio na tomada de decisões. Ninguém duvidava de uma vitória até fácil, mas houve um acidente de percurso, como lembra o jornalista Lustosa da Costa, que manteve com Waldemar um longo convívio:

*“A falta de votos para se eleger deputado federal decorreu de equívoco. Nos encontros políticos da campanha eleitoral, sentiu ele a intensa preocupação do chefe político de Sobral, Chico Monte, temeroso de não conseguir votos para se reeleger e levar consigo para a Câmara o genro Parsifal Barroso. Terminou cedendo ao esperto líder da Princesa do Norte aproximadamente mil votos, o que inviabilizou a conquista de seu mandato”.*

Blanchard Girão, que ouviu o ex-deputado Gomes da Silva, conta a mesma história. Segundo ele, o reduto político do qual Waldemar abriu mão em favor de Francisco Monte foi Itapajé. Só para ilustrar: o eleitorado de Fortaleza era de 87.205

eleitores, Quixadá tinha 18.436 eleitores, Sobral quase 40 mil, e Itapajé 2.707. Parsifal foi eleito com 16.789 votos.

A coligação PSD/PSP/PR venceu as eleições para governador, vice-governador, Senado, Câmara Federal e Assembleia Legislativa. Naquele ano, Antônio Horácio Pereira, Armando Falcão e Francisco de Almeida Monte foram os deputados federais mais votados do PSD. Pela UDN, os três primeiros foram o jovem Virgílio Távora, Paulo Sarasate e Gentil Barreira.

Esse período conturbado, que trouxe para Waldemar a decepção da derrota, também lhe renderia um novo desafio na pasta de Educação e Saúde do Governo Raul Barbosa.

---

---

# DENOMINADOR COMUM

Ao longo de sua bem sucedida carreira política, Waldemar Alcântara nunca foi um líder de massa. Era tido pelos amigos como um homem de bastidor, leal, confiável e com capacidade de aglutinar. Venceu na política pelo seu trabalho de médico, suas bases rurais e sua competência pessoal na condução de situações delicadas. No dia a dia, sempre foi sistemático, dedutivo, buscava a racionalidade e fugia dos arroubos emocionais e demagógicos. Não à toa, rapidamente transformou-se numa espécie de “denominador comum” dentro de um partido que, como todos os outros, possuía grupos que não se bicavam.

O advogado Stênio Dantas, um dos mais jovens deputados eleitos pelo PSD em 1958 (o outro foi Mauro Benevides), dá um exemplo do “poder aglutinador” de Waldemar.

No Governo Virgílio Távora, quando PSD e UDN estavam unidos sob a União pelo Ceará — um pacto de paz entre as duas legendas rivais —, Stênio foi indicado para a Secretaria da Fazenda do Estado.

Ele passou a ter problemas dentro do próprio partido, por causa das facções que não queriam o pacto. A situação se

resolveu graças à ajuda de Waldemar. Stênio conta os detalhes:

*“Diante da insatisfação de alguns, o Waldemar, com aquele jeito tranquilo dele, convocou uma reunião na casa do senador Wilson Gonçalves. A intenção era esclarecer tudo, ouvir os insatisfeitos e chegar a um acordo. Quando puxaram o assunto, eu me levantei e falei:*

*— Eu sou secretário a pedido de quem?*

*E o Waldemar, muito calma e firmemente, disse somente isso:*

*— Você é secretário porque o partido lhe indicou e está lhe apoiando 100%.*

*Aquilo resolveu tudo. Ninguém mais protestou. Acabamos lá em casa tomando umas doses de uísque. Eu considero que a União pelo Ceará foi um dos melhores momentos políticos do Estado, e ela teria sido muito difícil sem o trabalho discreto de Waldemar na contenção de ânimos”.*



Waldemar Alcântara  
fala à assistência.  
ARQUIVO FWA

Stênio lembra com certo saudosismo de uma época em que “a política tinha mais idealismo e o dinheiro não era o fator mais importante numa eleição. Uma época em que a Assembleia funcionava na Praça dos Leões, próximo ao Palácio da Luz, sem gabinete, sem assessoria, sem muito protocolo, nós mesmos datilografando o que precisávamos. Éramos apaixonados por aquilo. Às vezes passávamos a noite lá”, reconstitui o ex-deputado.

Também companheiro de partido, Paes de Andrade conheceu Waldemar Alcântara nos anos 50, numa reunião no Rio de Janeiro, na casa do então deputado federal José Martins Rodrigues.

Eleito várias vezes para a Assembleia Legislativa Federal, Martins Rodrigues era um dos grandes nomes do PSD e homem da confiança de Menezes Pimentel.

O jovem Paes de Andrade elegeu-se

deputado estadual em 1954 e 1958. Em 1962 assumiu uma vaga da Assembleia Legislativa Federal. Recordando-se hoje do companheiro pessedista, Paes destaca o perfil conciliador de Waldemar, “que ao mesmo tempo era firme e capaz de posições claras”.

O cotidiano de debates e reivindicações acabou dando margem a uma convivência fraterna. Waldemar e Dolores foram, inclusive, padrinhos de casamento de Paes e Zildinha, no dia 25 de dezembro de 1956.

*“Tivemos um convívio intenso e muito harmonioso. Participamos de inúmeras reuniões e lutas em defesa dos interesses do Estado. Lembro muito de uma viagem que fizemos à cidade de Saboeiro, quando ficamos hospedados na casa do Edmundo Olinda, grande*



Lúcio Alcântara, aos treze anos, discursa na sede do PSD.

ARQUIVO FWA

*líder local. Juntamente com José Martins Rodrigues, participamos das importantes batalhas políticas e partidárias da época. Fui a várias reuniões na casa do Dr. Waldemar e de Dona Dolores, na Avenida Bezerra de Menezes. Lembro-me da participação de seu filho, Lúcio Alcântara, que ainda muito jovem, já demonstrava sua vocação política, fazendo discursos nessas reuniões. Na intimidade, Dr. Waldemar era um homem simples. Costumávamos nos reunir na casa do meu cunhado, Roberto Martins Rodrigues, na Rua Pinto Madeira, em Fortaleza, onde conversávamos sobre política, sentados nas escadas da varanda” (Paes de Andrade).*

Como vice-presidente do PSD, Waldemar contava com a total confiança do

presidente Menezes Pimentel. Devido aos compromissos no Rio e, mais tarde, em Brasília, Pimentel se ausentava constantemente de sua terra. Quem tocava o barco era o seguro Waldemar.

“Todos tinham uma certa reverência pelo Dr. Pimentel, que já estava na luta há muitos anos, mas não tinha mais aquele comando todo. Meu pai dava expediente diário no partido e fazia muitas viagens também. Eu acompanhei várias das viagens, menino ainda. Nessa época havia realmente solidariedade entre os membros do partido. Se um chefe político estava tendo dificuldades ou sendo perseguido, eles tocavam pra lá, juntavam um grupo para ajudar”, lembra Lúcio Alcântara.

Outro menino que acompanhou essas viagens de adulto foi o hoje engenheiro Luís Marques, filho de Joel Marques, deputado em seis legislaturas e também prefeito de Tauá por dez anos. Ele conta:

*“Conheci o Dr. Waldemar na época das eleições de 1947. Ele, o Almir Pinto, o Dr. Menezes Pimentel e outros possedistas tinham ido a Tauá a convite do meu pai. Eu tinha uns nove ou dez anos. Meu pai, um homem inteligente, embora de poucas letras, era muito prestigiado pelo Dr. Waldemar, que foi vice-presidente e também presidente do PSD. Eu era criança, mas lembro da atmosfera festiva e movimentada de então”.*

Ao que parece, Waldemar Alcântara nunca ambicionou projetar-se nacionalmente, jamais teve ambições fora de sua terra, mas os filhos lembram que a experiência no Senado Federal deixou-o entusiasmado.

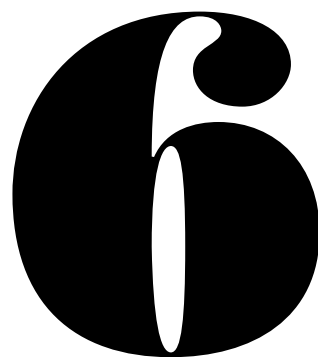
Costumava dizer aos amigos: “Lá, no Senado, é assim: se você não quiser trabalhar, não faz nada e ninguém lhe perturba. Mas, se quiser, tem o que fazer nas 24 horas do dia e ainda falta tempo”.

Lúcio Alcântara defende o pai dos críticos que o acusavam de não ter densidade eleitoral, isto é, votos. Considera que ele liderou mais pelo aspecto moral e intelectual — não esquecendo que, quando deputado estadual, foi uma vez o mais votado do Estado (1947) e outra vez o mais votado do partido (1954).

*“A questão é que ele não tinha pendor para o populismo ou a ligação direta com o eleitor, que é o que mantém os chamados colégios eleitorais. Nesse sentido, creio que ausentando-se do exercício da clínica tenha se afastado dos eleitores e de seus chefetes que mantinham os chamados colégios eleitorais. Terá sido mesmo um político mais de cúpula, um quadro dirigente. Embora com atitudes conservadoras, penso que poderia ser definido*

*como um democrata, um liberal. Há passagens de sua vida que confirmam isso. Inclusive a defesa da maconha quando era senador, o que lhe valeu muitas críticas. O período como diretor da Faculdade de Medicina foi de alguma turbulência estudantil, situação com a qual lidou muito bem. Também tinha muita consciência social, até por ser médico e ligado à saúde pública”.*





---

---

*Secretário*  
*de Raul*  
*Barbosa*

---

---

**E**m janeiro de 1951, depois de quatro anos de vacas magras com Faustino de Albuquerque, os pessedistas tiveram a satisfação de acompanhar a posse de Raul Barbosa, candidato ao Governo do Estado pela coligação PSD/PSP/PR.

A década de 1950 trouxe novas mudanças, mais indústrias, variadas emoções e surtos desenvolvimentistas para o Brasil. Getúlio ganhou nas urnas as eleições para Presidente com quase 50% dos votos em 1950, mesmo ano em que Assis Chateaubriand inaugurou a tv Tupi, primeira da América do Sul.

A campanha pelo Governo do Ceará foi acirrada, com caravanas de partidários se deslocando pelo interior, discursos inflamados e palavras de ordem contra a UDN.

No primeiro discurso como candidato do PSD, Raul Barbosa havia garantido no Theatro José de Alencar que lutaria pela “redenção política, econômica e administrativa” do Estado, enquanto Edgar de Arruda, o nome da UDN, bradava no Palácio do Comércio que “continuará a obra administrativa do governador Faustino de Albuquerque”.

Os estudantes dos dois maiores partidos, pela primeira vez, se organizaram em comitês, numa empreitada eleitoral realmente “vibrante”, como a define o pesquisador Aroldo Mota (“Governo do Ceará: Quadriênio 1950-1954”). Ele lamenta, porém, o fato de que “nessa eleição teve início a influência do poder econômico na disputa”.

Posse como secretário de Educação e Saúde.  
ARQUIVO FWA





A derrota de Waldemar Alcântara, que ficou como primeiro suplente de deputado, foi um dos muitos sinais da supremacia do poder econômico no Ceará.

Isso fica evidente quando se considera que os dois nomes mais votados do PSD, Antônio Horácio Pereira e Armando Falcão, eram cearenses radicados no Rio de Janeiro. De volta à terra natal exclusivamente para as eleições, respaldaram seus nomes em campanhas “desenraizadas” e dispendiosas.

A empreitada dos forasteiros endinheirados — ou “paraquedistas” — foi um fator determinante para o desaparecimento gradual de políticos como Waldemar, que contavam mais com uma base rural e familiar prestigiosa, e menos com a força do dinheiro na organização de uma campanha.

Aroldo Mota analisa com agudeza a situação, lembrando que no Império a influência do poder econômico nas eleições já fora legal — exigia-se inclusive uma “renda mínima” bastante alta de todos os candidatos. “Na República a ‘moeda’ saiu dos dispositivos legais para os conchavos; a capacidade de articulação das cúpulas partidárias; os acertos com os cabos eleitorais desfigurando a representação popular e induzindo o eleitorado a eleger representantes de firmas nacionais e multinacionais para os Parlamentos”.

Além de Armando Falcão e Antônio Horácio Pereira, Aroldo Mota lembra que Adolfo Gentil foi acusado de investir muito dinheiro no resultado das eleições de 1950. Lúcio Alcântara comenta: “Menino ainda, me lembro que se falava muito da traição que meu pai teria sofrido em Frade, hoje Jaguaratama, município vizinho a Quixadá, onde esperava ser bem votado”.

Nesse ponto, a política foi mudando para pior, analisa Lúcio. “O poder econômico se impôs, e isso me parece muito mais cruel. Antes, uma pessoa sem grandes posses, como o meu pai, podia construir

sua carreira política. Depois, isso foi ficando cada vez mais difícil”.

Quando Raul Barbosa assumiu o governo, chamou Waldemar para ser secretário de Educação e Saúde, cargo a que o Doutor se dedicou com entusiasmo, inaugurando uma nova postura numa época em que as secretarias eram “mapeadas” de acordo com os partidos que estavam no poder.

Logo de início, Raul Barbosa começou a construção de quatro novos reservatórios e 180 metros de encanamento de água, no Centro e na Aldeota. Primeiro governador do PSD eleito após a redemocratização, Barbosa teve uma administração relativamente tranquila, já que a oposição udenista se voltou para a crítica ao governo de Getúlio. Aroldo Mota sublinha que boa parte da bancada da UDN com assento na Assembleia deu apoio ao governador. O período é considerado bastante pródigo em realizações e projetos:

“Em praticamente todos os municípios do Estado a administração construiu um prédio, um açude, uma estrada ou um edifício para cadeia, havendo sido, não se pode negar, um Governo que bem aplicou as verbas recebidas. Na época não havia, ainda, planificação da ação governamental, por isso, essas construções não obedeciam a uma cronologia de prioridades para aplicação do orçamento. Na verdade, atendiam sempre a reivindicações de natureza política, visando consolidar a maioria parlamentar que apoiava o Governo na Assembleia” (Aroldo Mota, no livro “Governo do Ceará: Quatriênio de 1950 a 1954”).

## Compadre Dorian

Em muitas caravanas que palmilharam os sertões na campanha de 1950, um jovem estudante cheio de energia se destacava: Dorian Sampaio, mais tarde eleito deputado estadual pelo PSD. Formado em



odontologia, Dorian se dedicaria ao jornalismo, com algumas incursões na política.

Em 1947, aos vinte anos, ele lançou, com Jáder de Carvalho, o jornal Diário do Povo, cujo número de estreia foi apreendido pela polícia. Orador de reconhecidos méritos, Dorian era capaz de eletrizar uma plateia por mais de uma hora sob o sol, sem dispersão.

Por essas e outras, brilhou na Juventude Pessedista, sendo chamado por Raul Barbosa apenas três dias depois da posse.

— Não quero burocratizá-lo! — teria dito o governador — Você precisa ir para um lugar onde possa desenvolver o seu futuro político.

E esse lugar, no entendimento de Raul Barbosa, era ao lado do novo secretário de Educação e Saúde, Waldemar Alcântara.

Dorian ficou lívido:

— Mas Dr. Raul, logo com ele!!! O homem é muito antipático!

— Vá! Você não se arrependerá — insistiu Raul.

Nessa época, as pastas de Educação e Saúde estavam interligadas. Somente com a promulgação da Lei n.º 5.427, de 27 de junho de 1961, já no governo de Parsifal Barroso, é que houve o desmembramento das duas, aprimorando a estrutura organizacional e as ações estratégicas da saúde pública.

Waldemar precisava de uma pessoa que tivesse bom trânsito entre os estudantes, e essa pessoa era Dorian. O relacionamento do secretário com a classe estudantil foi bastante cordial, e Waldemar acatou uma sugestão de seu assessor ao instituir um sistema de bolsas de estudos para alunos carentes.

Nascia ali uma amizade de mais de 40 anos, que não seria abalada nem mesmo quando a dupla passou a militar em partidos diferentes. Viraram compadres. Dorian trabalhou em vários jornais, manteve

por muitos anos o Anuário do Ceará e elegeu-se deputado estadual por duas legislaturas nos anos 60. Foi cassado em 1969, perdendo seu mandato e direitos políticos. Morreu no ano 2000, aos 73 anos de idade. Mesmo com Waldemar na Arena, nunca deixou de considerá-lo amigo:

*“Nunca testemunhei qualquer problema gerado por Waldemar. Ao contrário, era dele sempre que partiam as soluções para superar as dificuldades. Um conciliador por natureza, além de um extraordinário organizador. Era aquela figura dos bastidores, que coordenava tudo e liderava sem esta intenção. Tudo brotava naturalmente, como decorrência da força que dele emanava sem imposições ou intolerância. A carranca era falsa, totalmente falsa” (Depoimento de Dorian Sampaio ao livro “Doutor Valdemar: o Médico, o Político”).*

## Matemática ultrapassada

Na época, a pasta assumida por Waldemar era completamente dominada pelos udenistas, inclusive porque o secretário anterior tinha sido Walmiki Albuquerque, filho do governador Faustino. Na matemática tacanha dos acordos partidários, essas pessoas deveriam ser substituídas por novos nomes indicados pelas lideranças pessedistas.

Porém, quando foi para a secretaria de Educação e Saúde, Waldemar levou como suporte apenas o correligionário Ary de Sá Cavalcante, além de Dorian Sampaio, que foi sugestão de Raul Barbosa.

Habilmente, o novo secretário se aproximou do presidente do Centro Estudantil, o então jovem deputado Aquiles Peres Mota, udenista que se tornaria seu amigo, apesar das notórias diferenças.

Os servidores “herdados” dos tempos de Walmiki foram mantidos em seus

Em confraternização na Secretaria de Educação.

ARQUIVO FWA



cargos, assim como importantes educadores, jornalistas e escritores. O Departamento Estadual de Saúde foi entregue ao Dr. Walter Cantídio, que estaria com Waldemar em importantes empreendimentos futuros, como a fundação da Faculdade de Medicina, da qual foi reitor nos anos 70.

A equipe da secretaria contava ainda com nomes como Noemi Costa Soriano Aderaldo, Clímaco Bezerra, Lígia Amora e Lyrisse Porto. Esta última deixou com Blanchard um depoimento ilustrativo do sistema de trabalho de Waldemar.

Logo que assumiu a Diretoria de Fiscalização e Orientação de Ensino, Lyrisse empenhou-se em montar gráficos com os nomes dos municípios do Ceará, a denominação das escolas, a categoria das professoras, seus salários, frequência média mensal dos alunos por escola e distância de cada escola para a sede do município, bem como a relação do material didático, incluindo cadeiras, carteiras, bancos, bebedouros e filtros.

“Com esse gráfico concluído, fiquei com uma visão total das escolas do Estado. Era um trabalho de grande abrangência, atualizado pelos relatórios mensais enviados pelos delegados de ensino de cada região”, lembra Lyrisse no livro “Dr. Waldemar: o Médico, o Político”.

Certa vez Waldemar entrou na sala em que Lyrisse trabalhava, parou em frente ao gráfico exposto na parede e saiu sem nada dizer. À tarde, chamou-a em seu gabinete:

— Dra. Lyrisse Porto, pretendo viajar amanhã a Quixadá e quero visitar dez escolas. Veja aquele gráfico e ponha-o a funcionar.

Lyrisse dedicou-se com afinco à tarefa encomendada e entregou o material no dia seguinte. O secretário partiu para o interior e no retorno nada disse sobre a eficácia dos dados. Uns 20 dias depois pediu a ela que realizasse a mesma tarefa em relação a 15 escolas do município de Tauá. Só que, desta vez, ao receber o relatório, expressou sua satisfação:

— A eficiência desse trabalho já está comprovada. Eu mesmo a comprovei. O que a senhora organizou não foi apenas um gráfico. Foi uma bíblia. Encontrei tudo o que desejava e não mais viajarei para o interior sem que parte dessa bíblia esteja em minha pasta.

## Sem cadeiras e sem mestras

Uma forma interessante de conhecer as dificuldades e soluções educacionais da época é vasculhando o arquivo de Mensagens Governamentais apresentadas à Assembleia Legislativa do Estado.

Em 1953, numa dessas mensagens, Raul Barbosa faz uma descrição calamitosa do cenário que encontrou quando assumiu o Governo. Mesmo que a intenção fosse apenas atacar os udenistas e a herança de Faustino de Albuquerque, o conjunto de pronunciamentos sinaliza atrasos históricos:

*“À escola do sertão, e a muitos dos estabelecimentos da capital, faltava tudo. Desde o prédio, em condições higiênicas adequadas, à humilde cadeira onde deveria sentar-se a mestra” (Mensagem de Raul Barbosa, 1953).*

O ensino primário é um tema cíclico e recorrente, que nunca deixa de aparecer nesses arquivos. De uma média de 574.596 crianças e jovens em idade escolar, apenas 76.280 estavam matriculados em escolas estaduais. A situação não é muito melhor em Fortaleza que no interior. Era preciso erguer, ampliar e reformar estabelecimentos de ensino, assim como adquirir carteiras, mesas, quadros negros e material didático.

Ainda em 1953, uma Mensagem à Assembleia enfatiza a “ausência de entusiasmo, de perfeita identificação com o meio da escola e de preparo especializado, de grande parte do magistério primário”. Outra, de 1951, informa que “existem 267



escolas primárias rurais construídas, sem que haja, contudo, uma só devidamente provida de professora normalista diplomada, conforme exigem os Convênios”.

O secretário Waldemar, homem do sertão, transplantado para a capital, via no ensino rural um tema de especial relevância. Uma Mensagem Governamental dessa época exalta o processo de ruralização do ensino, que vinha “combater o sentido puramente intelectualista da escola primária sertaneja”, afinando as salas de aula “com os problemas vitais da região”.

Já se falava da merenda escolar, mas ela beneficiaria apenas um décimo das crianças matriculadas em escolas públicas quando foi distribuída pela primeira vez, em 1954. Seria instituída definitivamente em 1955, no governo de Paulo Sarasate.

No início dos anos 50, o Colégio Estadual do Ceará — o velho Liceu em que Waldemar estudou — tinha cerca de 1.500 alunos matriculados. Junto com o Instituto de Educação Justiniano de Serpa, era o estabelecimento estadual de referência, apesar de algumas dificuldades assinaladas numa mensagem de 1951.

O Instituto de Educação Justiniano de Serpa vivia um momento mais delicado. A demanda dos alunos era muito maior que a oferta de vagas, conforme constata a mensagem enviada à Assembleia em 1953. Um problema que deveria ser resolvido com urgência, “pois que ali se encontra o refúgio onde os menos favorecidos pela fortuna têm abrigo para educar os filhos”. Outra mensagem, do ano anterior, observa que “o nível cultural da professora cearense reclama cuidados mais acentuados e vigilância especial”.

Existiam nessa época as Escolas Normais Rurais, que se dedicavam à formação de “mestras do sertão para o sertão”. Uma mensagem à Assembleia de 1952 enfatiza que a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte foi “a primeira desse gênero que se fundou no País”.

As outras foram as de Itapipoca e Viçosa do Ceará, mas novos estabelecimentos de professoras ruralistas ainda seriam inaugurados. Em 1952, foi criada a Diretoria de Educação Rural, subordinada à Secretaria de Educação, encarregada exclusivamente do ensino rural.

Inauguração de escola.

ARQUIVO FWA

## O nascimento de um hospital

Nos anos como secretário de Educação e Saúde, Waldemar concentrou seus esforços na construção de hospitais regionais de pequeno e médio portes, fato que determinou a consolidação da divisão sanitária do Estado.

Conhecedor das mazelas do sertão, tentou tornar obrigatórios os estágios no interior para médicos recém-formados, porém não conseguiu ver seu desejo realizado. Em compensação, criou novos postos de atendimento no interior, nomeando médicos jovens para a chefia.

A obra mais marcante de sua gestão, sem dúvida, foi a inauguração do Sanatório de Maracanaú. Waldemar foi especialmente sensível à causa do sanatório porque era um profundo conhecedor da situação da tuberculose no Estado, onde coordenava a Campanha Nacional contra a Tuberculose.

Iniciado em 1938, o sanatório ainda não havia aberto as portas em 1952, por falta de verbas e excesso de burocracia. O prestígio de Waldemar como secretário foi fundamental para tirar o hospital do limbo. O Dr. Gilmário Teixeira conta os detalhes da saga:

*“Estávamos no começo da década de 1950 e o Sanatório de Maracanaú, uma entidade federal cuja construção se arrastara por mais de dez anos, encontrava-se completamente habilitado para funcionar. Porém, não abria suas portas por falta de definição das parcerias que assegurassem sua manutenção.*

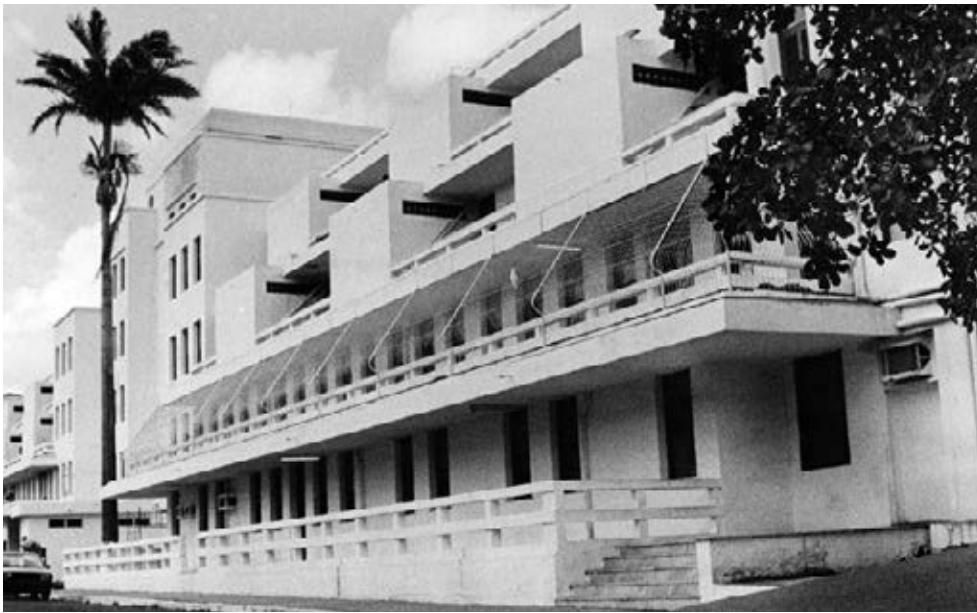
*O Dr. Waldemar, então secretário de Educação e Saúde, analisou, com seu espírito cartesiano, todos os caminhos que pudessem levar, por parte do Estado, a uma solução. Nada encontrou. Reuniu*

*então os argumentos e os levou ao governador Raul Barbosa que, perante os responsáveis pela implantação daquele hospital, declara categoricamente a absoluta incapacidade do Estado de cumprir com o suporte financeiro assumido, em contrato, por seu antecessor.*

*Diante desse impasse, o Dr. Waldemar, cômico da importância do sanatório, naquela época, para o combate à tragédia social e familiar da tuberculose em nosso meio, lidera um grupo de médicos notáveis que, em um trabalho cívico, coopera, com as autoridades políticas e administrativas do poder central, para dar um desfecho satisfatório ao problema”.*

E foi assim que, em junho de 1952, o Sanatório de Maracanaú, totalmente financiado pela Campanha Nacional contra a Tuberculose (CNCT) e os convênios com os antigos institutos de aposentadoria e pensões, recebeu os primeiros pacientes. O Dr. Gilmário chama a atenção para a estrutura montada no novo estabelecimento de saúde:

*“Cabe, aqui, destacar a abertura de espírito do professor Waldemar, ao aceitar, já como Superintendente da CNCT no Ceará, uma série de novidades que queríamos introduzir na estrutura organizacional — desde uma administração democrática ditada por um conselho, por ele presidido; até a criação de setores como o de Pesquisa, o de Ensino, o de Documentação Científica, o de Reabilitação Ocupacional, o de Serviço Social, o de Recreação dos Pacientes, o Centro de Estudos, e tantos outros. Como gestor da coisa pública, Waldemar sempre se mostrou sensível e responsável”.*



Hospital de  
Maracanaú (CE).  
ARQUIVO DA FAMÍLIA

## De volta à Assembleia

No dia oito de julho de 1954, Waldemar Alcântara assume a vaga de deputado federal aberta com a morte de Walter de Sá Cavalcante. Seria um curto mandato. O Doutor já estava decidido a candidatar-se novamente à Assembleia Legislativa Estadual no pleito de três de outubro de 1954.

É exatamente o que faz, e dessa vez, é o mais votado de seu partido, ficando entre os quatro melhor posicionados no ranking geral. Almir Pinto, Paes de Andrade e Raimundo Gomes da Silva são alguns companheiros de bancada pedessista.

O governador eleito é Paulo Sarasate, da UDN, que tinha como vice Flávio Marcílio. Compareceram às urnas 553.966 eleitores, de acordo com dados do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

A “Ata da Primeira Sessão Preparatória para a Instalação da 14ª Legislatura da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará”, sob a presidência de Manuel de Castro Filho, lista o nome de todos os deputados que “às 14h do dia 10 de março do ano de 1955 compareceram ao edifício da Assembleia Legislativa”. A sessão tinha

por finalidade a entrega dos diplomas aos deputados eleitos. A única ausência registrada foi a do deputado Paulo Cabral de Araújo. Uma segunda sessão ficou marcada para o dia 12 de março, quando então deveria ser eleito o novo presidente da legislatura em vigor.

Novas tonalidades começavam a colorir a política brasileira em meados dos anos 1950. Getúlio Vargas, que havia voltado à presidência em 1950, pôs fim à própria vida em agosto de 1954, deixando o país em estado de choque.

Depois de uma sucessão de presidentes interinos, as eleições presidenciais de 1955 consagram o mineiro Juscelino Kubitschek (PSD), governador de Minas Gerais, como o novo chefe da Nação, com 36% dos votos. Ele e seu vice, João Goulart, assinam o termo de posse no dia 31 de março de 1956, mas precisam enfrentar várias tentativas frustradas de golpes.

Antes mesmo das eleições, o jornalista e deputado Carlos Lacerda já proclamara em rede aberta de televisão: “Juscelino não será candidato; se for candidato, não será eleito; se eleito, não tomará posse; e se tomar posse, não governará”.

---

---

# SEMPRE CABE MAIS UM

Existem muitos clichês sobre a hospitalidade sertaneja. Na casa de Waldemar e Dolores — filhos de uma família grande numa pequena cidade do interior —, todos os clichês eram verdadeiros e se traduziam no acolhimento aos agregados, fossem eles permanentes, circunstanciais, temporários ou herdados.

Sempre coube mais um sob o teto dos Alcântaras. A sobrinha vinda de São Gonçalo, a amiga mossoroense da filha, o primo mais novo, a afilhada que perdeu a mãe. Sem demora e com afeto, os “de fora” integravam-se ao clã, conforme o manual dos bons costumes de antigamente.

Assim foi com Ielda, a sobrinha que, aos 15 anos, precisou estudar em Fortaleza. “Meus pais moravam no Amapá e lá não havia o segundo grau. Quando terminei o ginásio, fui morar com meus tios Waldemar e Dolores. Cheguei como agregada e acabei passando todos os anos de Faculdade de Medicina na casa deles”, sorri a sobrinha, lembrando a aflição que sentia quando o tio lhe pedia, num vozeirão sereno, mas tonitruante:

— Ielda! Procure o jornal pra mim! Mas procure direitinho!

Nem todos se demoravam tanto. Uma prima mais nova de Waldemar, Madalena Brasileiro Mota, foi durante algum tempo uma “agregada de final de semana”. Os pais eram de São Gonçalo e, seguindo a rota obrigatória das famílias de certa condição, Madalena e as irmãs mudaram-se para Fortaleza, no intuito de dar prosseguimento aos estudos. Ex-interna do Colégio Santa Isabel, ela recorda:

*“Nós, internas, só tínhamos direito a um fim de semana por mês fora do colégio, e isso dependendo do comportamento e das notas... O Waldemar, já casado, com filhos, ia nos pegar, a mim e a minhas irmãs, no Colégio Santa Isabel, e nos levava para passar o final de semana na casa da família, na Bezerra de Menezes. Qualquer coisa que acontecesse, ele era o primeiro a saber, já que a minha mãe morava no Interior. Ele sempre teve esses cuidados”.*

Fernando Alcântara Mota, outro primo mais novo, também foi um agregado temporário. “Eu ainda era menino, estudando





Ione, Dona Dolores  
e Lília.

ARQUIVO DA FAMÍLIA

para fazer o exame de admissão, talvez. Morei na casa deles da Bezerra de Menezes, numa esquina. Depois a família se mudou para a outra”, afirma Fernando, que estreitaria o contato com o primo mais velho na Faculdade de Medicina, porque foi diretor do Departamento de Obras da UFC quando Waldemar dirigia a academia. “Pra chegar perto dele, dava medo, mas o coração era grande!”, garante.

Braço direito de Dona Dolores na organização da casa e telefonista da Faculdade de Medicina durante anos, Ione Soares entrou para a família Alcântara quando perdeu a mãe. “A minha madrinha Iracema, que era a segunda mãe da D. Dolores, pediu que eu fosse morar com eles. Nós éramos de São Gonçalo”, pontua Ione, que

acredita ter chegado com sete anos na casa de número 711 da Bezerra de Menezes.

Ela acompanhou o casal em todas as mudanças de residência. Esteve em Brasília, no período do Senado, e também na casa do Pio XII, a última ocupada por Waldemar. Ganhou da família o apartamento onde vive hoje. Lembra com saudade dos tempos de chuva e das idas ao Interior. E repete a história contada pelos filhos do casal: “Se o tempo estava bom, o Dr. Waldemar logo dizia: ‘Dolores, vamos pra São Gonçalo, que vai já chover’. Eu gostava quando ele me deixava ir atrás da camionete, que era aberta, me molhando”.

Uma agregada que chegou mais tarde foi Ciene. Muito jovem, ela se juntou à família quando o casal retornou de Brasília.

Adriana Forti, que morou na casa dos Alcântaras.  
ARQUIVO DA FAMÍLIA



“Era neta de um vaqueiro do meu avô e sobrinha do Marcos, nosso vaqueiro. Cativou logo todos da família. Teve a maior dedicação ao papai até ele falecer e, posteriormente, à mamãe. Foi um anjo da guarda dos dois”, notifica a filha Lúcia. Após a morte de Dona Dolores, Ciene fez um curso de técnico de enfermagem e hoje trabalha no Hospital do Câncer.

Outra inesquecível agregada foi Mazé. “Ficou lá em casa durante toda a nossa infância. Foi babá da Lília e ficou muito ligada a ela”, lembra Luiza. A caçula da família, Lília, estudou arquitetura em Brasília quando o pai era senador e acabou se radicando na capital federal. Mazé ficou com ela. Quando Lília estava de casamento marcado, o futuro marido considerou a possibilidade de Mazé passar alguns meses em Fortaleza, deixando o casal a sós no início da vida a dois. É Lília quem recorda:

*“Em Fortaleza, reunido o ‘conselho familiar’, tivemos talvez a resposta mais rápida e definitiva do Waldemar: ‘Se a Mazé vier, não volta mais’. Temia ele, com toda a razão, que isso pudesse magoá-la. Resultado: assunto encerrado. A babá que, na verdade, era uma agregada histórica, queridíssima*

*de toda a família, permaneceu conosco desde o nosso primeiro dia de casados, tomou conta da gente por muitos e muitos anos, inclusive dos meus filhos. Mais tarde, quando ela precisou, fomos nós a cuidar dela até a morte, em 2011, aos 93 anos de idade”.*

Houve outros tipos de agregados, com diferentes motivações. Os estudos levaram Adriana Forti, uma amiga de Lúcia, à casa de Waldemar e Dolores. Ela foi passar apenas um mês e acabou ficando cinco anos, enquanto cursava a Faculdade de Medicina. Totalmente integrada ao cotidiano familiar, tratava os anfitriões por “meu pai” e “minha mãe”. Emocionada, a doutora desfia suas lembranças com detalhes preciosos:

*“Meu pai Waldemar. Era assim que eu chamava o Dr. Waldemar. E assim o amo. Era dezembro de 1965 quando o importante médico e político cearense, carrancudo para alguns, acolheu em sua casa uma mossoroense, interna no Colégio Juvenal de Carvalho. Eu recebera da filha dele, Lúcia, um convite para passar um mês de preparação intensiva para o vestibular de medicina. Seria apenas por um mês; o pensionato já estava reservado pelos pais mossoroenses a partir do início das aulas na faculdade.*

*Foi um período curto, mas intenso, de troca de conhecimento, afeição e amor com pessoas que passaram a ser minha segunda família. Até tive uma crise de apendicite e fui operada nesse mês, já sentindo o apego familiar naqueles momentos... Depois do vestibular veio o convite da Lúcia para ser sua colega de quarto na casa de seus pais.*

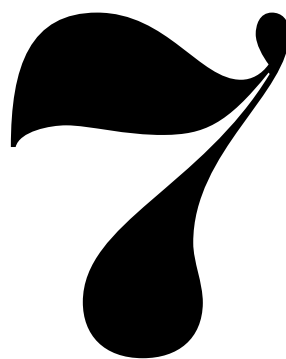
*Tive meus momentos de ‘aperreio’ com o meu pai cearense, como por exemplo: perguntar se o namorado poderia*

*frequentar a casa, ficar na expectativa se poderíamos ir às vesperais do Náutico, às festas e viagens da faculdade... Mas tudo se resolvia muito bem com a interferência da minha mãe Dolores.*

*Lúcia e eu, e às vezes a Lília, programávamos as férias juntas, fosse em Mossoró, Tibau ou Rio. Fizemos até uma excursão a Buenos Aires, passando por cinco capitais brasileiras. E antes precisávamos conversar com ele, que me chamava de Didi. Ele se interessava pelo nosso progresso na faculdade e quase sempre, ao subir para seu quarto, no andar de cima da casa, passava em frente ao nosso e perguntava como estavam a Lucinha e a Didi.*

*Quando entramos no sexto ano de medicina, meu pai Waldemar e minha mãe Dolores estavam residindo em Brasília. Então a Lúcia é que ficou morando com minha família, já radicada em Fortaleza, na Rua Mário Mamede. Em 1980, eu já casada e presidente de um congresso nacional de medicina, tive até a confiança de oferecer um jantar aos convidados brasileiros e estrangeiros na casa dos meus pais Waldemar e Dolores”.*





---

---

***Os pilares  
de uma  
faculdade***

---

---

**“Um dia, nós, funcionárias, criamos uma farda para trabalharmos na Faculdade de Medicina: saia cinza, cinto verde e blusa branca. No bolso, colocamos o emblema da Medicina, aquele bastão com a cobra em torno. Quando um grupo de alunos fez circular um abaixo-assinado pedindo a retirada do emblema, sob a alegação de que a cobra era um símbolo privativo da medicina, o Dr. Waldemar, muito tranquilo, disse apenas o seguinte: — Besteira, meninos! Privativo dos médicos é saber medicina. Desde quando a cobra é privativa dos médicos? E a Luz Del Fuego?!?”**

CLEIDE ANCILON DE ALENCAR PEREIRA, PRIMEIRA BIBLIOTECÁRIA DA FACULDADE DE MEDICINA

**“Ele nunca perdeu o interesse pela academia. Tanto é que, em seus últimos anos, numa das nossas conversas de sábado, eu perguntei:**

**— Papai, você já fez tanta coisa na vida, já foi deputado, senador, secretário, governador... O que mais lhe deu prazer?**

**E ele me respondeu:**

**— A Faculdade de Medicina.”**

LÚCIO ALCÂNTARA



**N**o livro “A Faculdade de Medicina e sua Ação Renovadora”, o jornalista J. C. de Alencar Araripe, secretário da Faculdade de Medicina da UFC quando ela ainda engatinhava, fala de uma sessão solene nas dependências da academia, em que o professor Paulo Machado expressa a seguinte convicção: “Se tivesse que traçar uma planta para o prédio da escola, o faria em estilo funcional, assentando toda a massa de concreto em cinco pilastras”.

Essas cinco pilastras seriam os amigos Jurandir Picanço, Waldemar Alcântara, Walter Cantídio, José Carlos Ribeiro e Newton Gonçalves. “Era o grupo dos cinco, os gigantes que tiraram do quase nada a primeira escola médica do Ceará” — como a eles se refere o médico e professor aposentado Gilmário Teixeira.

A rigor, quem examina os alicerces ocultos e a alvenaria que sustenta a obra, percebe que este foi um empreendimento de centenas de operários, intensa movimentação e complexa arquitetura. Antes de tudo, a Faculdade surgiu porque

havia demanda para isso e o momento era propício.

*“Era evidente que o nosso Estado já tinha as condições mínimas para a instalação do Curso. Também, estava claro, a imensa soma de benefícios que traria a futura Faculdade, tanto para o aproveitamento das futuras vocações, como pela possibilidade oferecida às famílias de menores condições econômicas, de educar seus filhos na própria terra de sua residência” (Vinícius Barros Leal, no livro “História da Medicina no Ceará”).*

Quando o curso começou a funcionar, em 1948, na Praça José de Alencar, Waldemar estava estreado na política como deputado do PSD, mas já era uma figura conhecida em Fortaleza por seu trabalho médico. Quase dez anos depois, deixaria de concluir o segundo mandato na Câmara dos Deputados para assumir a direção da academia — missão que cumpriu com

entusiasmo juvenil por duas gestões consecutivas, entre 1957 e 1963.

O médico e professor Josué de Castro recria o cenário daquela obra que ganhava fôlego:

*“Lembro-me com emoção das décadas de 50 e 60. A Faculdade de Medicina e o Hospital das Clínicas eram duas orquestras afinadas, regidas por um só maestro, símbolos da cultura hipocrática regional. Foram diretores da Faculdade na época Newton Gonçalves, Ocelo Pinheiro, Waldemar Alcântara e Walter Cantídio. Grandes nomes despontavam no ensino médico: Paulo Machado, Haroldo Juaçaba, Evandro Studart e Antero Coelho Neto”. (Em depoimento ao livro “I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos: Textos e Contextos”).*

A primeira faculdade de medicina do Ceará, mais tarde incorporada à UFC, foi de fato um marco na história do Estado e um capítulo à parte na vida de Waldemar. Ele acompanhou cada passo dado, desde as discussões para a sua implantação e a escolha da sede provisória até a aquisição de material, a contratação de professores, a elaboração do primeiro vestibular e a mudança para a sede definitiva, no Porangabussu.

Este bairro, que hoje se chama Rodolfo Teófilo e é cortado pela frenética Avenida José Bastos, era uma zona “afastada” do burburinho urbano quando a faculdade ali se instalou. Atualmente os que passam pelas redondezas se deparam com o Hospital Universitário Walter Cantídio, o Hemocentro do Ceará (Hemoce) e o Hospital do Câncer em pleno funcionamento. A paisagem local abriga ainda a velha Lagoa do Porangabussu, em luta constante contra a poluição de seu espelho d’água.

José Carlos Ribeiro,  
Jurandir Picanço,  
Newton Gonçalves,  
Waldemar Alcântara,  
Walter Cantídio:  
médicos fundadores  
da Faculdade de  
Medicina (CE).

ARQUIVO FWA



## A pedra fundamental

Existe uma foto em p&b que exhibe nove homens de ternos claros num terreno descampado. Eles se posicionam em semi-círculo olhando para a câmera, que mostra em primeiro plano, no chão de terra batida, uma placa ou pedra de inscrições ilegíveis. Nesta foto é possível identificar, dentre outros doutores, Waldemar Alcântara, Walter Cantídio, Raul Barbosa e Fernando Alencar Pinto.

Eles estavam ali para o lançamento da pedra fundamental das futuras instalações da Faculdade de Medicina do Ceará, que, desde 1948, funcionava numa sede provisória no Centro de Fortaleza.

A foto é histórica, mas, para alguns estudiosos do período, a pedra fundamental da faculdade está assentada numa simples conversa entre dois doutores: Jurandir Picanço e Antônio Austregésilo.

Jurandir foi o médico que anos atrás, em visita a São Gonçalo, teria inspirado Waldemar a vestir um jaleco branco, de acordo com a versão de seu irmão Cloaldo. Formado no Rio de Janeiro, ele fundou, em 1935, a Casa de Saúde São Gerardo, participou da abertura da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo e foi o grande promotor do Congresso de Médicos Católicos de 1946.

Lançamento da pedra fundamental das futuras instalações da Faculdade de Medicina do Ceará.  
ARQUIVO ICC



O pernambucano Antônio Austregésilo, por sua vez, foi professor de Jurandir no Rio e era considerado uma sumidade em neurologia, tendo, inclusive, criado a primeira Escola de Neurologia do Brasil. Conta-se que em visita a Fortaleza, o Dr. Austregésilo teria instado o ex-discípulo Jurandir a levar adiante o desafio de abrir uma academia médica no Ceará.

Depois disso, o I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, que aconteceu em julho de 1946, trazendo para Fortaleza grandes especialistas brasileiros e congregando a comunidade científica local, ventilou a ideia para círculos maiores e ajudou a mobilizar um grupo de interessados.

Já em junho de 1947, uma reunião na casa de Jurandir Picanço instituiu o Comitê Pró-Fundação da Faculdade de Medicina, que resultou na Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina. O deputado Waldemar Alcântara compareceu à reunião na qualidade de profissional dedicado à saúde pública. Até bem pouco tempo ele presidia o Centro Médico Cearense. Depois desta primeira reunião oficial, muitos outros encontros aconteceram no Palácio do Comércio. Na época, o governador era Faustino de Albuquerque e o Presidente, Eurico Gaspar Dutra.

*“Nesse episódio, Waldemar teve fundamental atuação. Ele já estava na política, gozando de prestígio em áreas decisivas do Governo. E viajou muitas vezes ao Rio, em missão do nosso projeto. Afinal conseguimos a fundação e a federalização da Faculdade”. (Walter Cantídio, no livro “Doutor Valdemar: o Médico, o Político”)*

Muitos envolvidos no projeto, além de Waldemar, foram ao Rio, então Capital Federal, em busca de verbas para o sonho acadêmico. Doações do comércio e da indústria contribuíram com a base necessária. Em seu livro sobre o



nascimento da faculdade, J. C. Alencar Araripe esmiúça esses valores.

Mesmo com as doações, as dificuldades eram grandes. Uma parte da própria classe médica via com certo ceticismo o empreendimento anunciado. Muitos consideravam impossível que o Ceará viesse a formar doutores.

*“Vários deles, aos quais a imprensa recorria para colher opiniões sobre o futuro empreendimento, chegavam a rir dessa possibilidade, dirigindo palavras de crítica àqueles que ousavam falar em escola de medicina no Ceará. Entretanto, com a criação do Instituto de Ensino Médico, os céticos curvaram-se diante dos obstinados”. (Do livro “Instituto do Câncer do Ceará: Ética, Ciência e Vida – edição comemorativa dos 60 anos de fundação”)*

O Instituto de Ensino Médico nasceu da Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina, e elegeu Jurandir Picanço como o primeiro diretor da escola em instalação. Abaixo, recorreremos, mais uma vez, à edição comemorativa dos 60 anos do ICC para reconstruir aqueles caminhos:

*“A escolha de um prédio para abrigar a Faculdade de Medicina não foi tarefa fácil. Para Jurandir Picanço, essa tarefa assumiu, por vezes, o aspecto de verdadeira aventura. Ele e Antônio Jucá saíam, frequentemente, atravessando a cidade, de uma ponta a outra, parando o carro em avenidas e vielas, em busca de um lugar que pudesse abrigar a Faculdade”.*

Finalmente, o local escolhido foi o prédio onde funcionava o Grupo Escolar José de Alencar, na praça de mesmo nome. Os alunos foram transferidos para outras unidades, a partir da decisão do governo

Faustino de doar as instalações para os estudantes de medicina.

## Tempos heroicos

Escolhida a sede, ainda em 1948 aconteceu o primeiro vestibular, ou concurso de habilitação, em que 85 candidatos disputavam 60 vagas, numa maratona de provas que se estendeu de 26 de abril a 5 de maio.

Os exames orais varavam a noite. “E foi numa dessas madrugadas — a de 6 de maio — que se proclamaram os resultados do concurso de habilitação: dos 85 candidatos, apenas 10 foram classificados”, conta J. C. Alencar Araripe.

Festiva, a abertura oficial dos cursos se deu no dia 12 de maio daquele ano. Uma solenidade no alpendre especialmente enfeitado para a ocasião reuniu autoridades, médicos e professores na sede inaugural da Praça José de Alencar, onde Alfredo Monteiro, diretor da Faculdade Nacional de Medicina, falou sobre a situação da cirurgia no Brasil.

Dois dias depois começam as atividades do ano letivo, com o funcionamento da primeira série e as duas disciplinas programadas: Anatomia e Histologia e Embriologia Geral. Em 1951 o curso foi oficialmente reconhecido pela Comissão de Ensino Superior, e alguns anos depois, em 1953, um rapaz e duas moças seriam os três primeiros formandos da Faculdade de Medicina no Ceará.

Waldemar foi chamado para assumir a cátedra de Doenças Tropicais e Infecciosas. Como diretor, ele tomaria posse no dia 7 de fevereiro de 1957, com a escola já federalizada. Deputado estadual eleito para o período de 1954-1958, ele renunciou ao mandato em favor do desafio de dirigir a academia.

Aqueles primeiros tempos foram heroicos, uma verdadeira saga de obstinação e envolvimento. José Carlos Ribeiro, grande amigo de Waldemar, relembra:

*“Fui na Faculdade o seu principal colaborador. Ele era de um devotamento absoluto à Escola. Fazia de tudo. No vestibular, éramos nós que cuidávamos de todos os problemas. Eu, o Waldemar, o Newton e o Cantídio. Elaborávamos provas, batíamos provas no mimeógrafo, corrigíamos as provas. Depois, ao final, elaborávamos o mapa geral, com as notas, enquanto lá fora ficava aquela turma de rapazes e moças, a noite inteira, de vigília, aguardando os resultados. No primeiro vestibular, apenas três lograram aprovação (...). No seguinte, entraram dez alunos, mas apenas três conseguiram chegar ao término do curso. Dois outros repetiram e se formaram um ano depois”. (José Carlos Ribeiro, no livro “Doutor Waldemar: o Médico, o Político”)*

Antônio Martins Filho, o homem à frente da Universidade do Ceará, depois UFC — criada em 1954 e instalada no ano seguinte — teve estreito contato com Waldemar.

*“Waldemar, muito prestigiado, era um homem visceralmente político. Ele próprio não negava isso. Mas não trazia a política para dentro da Universidade. (...) O importante é que, a despeito de não interferir na formação do corpo docente ou em qualquer outro assunto administrativo da Faculdade, na sua condição de político, por essa mesma condição prestou à Universidade os mais relevantes serviços, particularmente à sua Faculdade de Medicina. No caso da regularização do corpo docente, por exemplo, ele e o Paulo Sarasate foram decisivos. Inclusive, quando a questão parecia sem solução a nível de Ministério da Educação, os dois — Waldemar e Paulo — procuraram o então presidente Juscelino Kubitscheck*

*e saíram do gabinete com a solução do problema”. (Martins Filho, no livro “Doutor Waldemar”)*

Talvez um dos fatores para o êxito do projeto acadêmico tenha sido um certo ecumenismo político. Waldemar era do PSD, enquanto Jurandir Picanço estava ligado à UDN. O secretário da Faculdade, J. C. de Alencar Araripe, que tinha papel destacado no jornal O POVO, era udenista e homem de confiança de Sarasate. “Assim uns e outros se apoiavam conforme suas influências, sem levarem a política para dentro da escola”, considera Lúcio Alcântara.

Waldemar cumpriu dois mandatos consecutivos como diretor, perfazendo seis anos de atuação. Durante a sua gestão, foi deflagrada a complexa operação de mudança da faculdade, que saiu de onde nasceu para a nova sede no Porangabussu, onde já funcionava uma parte do Hospital das Clínicas, hoje Hospital Universitário Walter Cantídeo, cujas obras Waldemar acompanhou com ansiedade.

## Nos corredores, com os funcionários

José Evandro Ferreira de Souza tinha 11 anos de idade quando entrou na Faculdade de Medicina. Andava de um lado para o outro, levando recados, deixando papéis, passando bilhetes, buscando livros, entregando material e resolvendo todo tipo de urgência.

Trabalhava no período da tarde. “Numa época em que não existia o celular, eu era o celular. Transmitia todas as mensagens, inclusive as secretas”, ri-se Evandro, que entrou na Faculdade como boy e saiu como médico.

O calendário marcava o dia 4 de setembro de 1957 quando ele teve o seu primeiro contato com a academia. Contratado como boy do gabinete do diretor, o garoto

Evandro era um exemplo de vivacidade e envolvimento, que logo conquistou a confiança do chefe.

“Ele tinha uns lundus, mas eu já conhecia, sabia chegar. Atendia a todos com muito amor, adorava aquilo, as pessoas sabiam que podiam contar comigo. Só tinha um problema: eu estudava de manhã e sentia muito sono depois do almoço. Às vezes, quando o Dr. Waldemar chegava, eu estava debruçado na mesa, dormindo”.

As sonecas ocasionais não prejudicaram a imagem do esperto Evandro, que foi boy, escriturário, agente administrativo e, finalmente, enfrentou o vestibular para medicina em 1969. No ano seguinte, já estava em sala de aula.

“Depois que passei no vestibular, fui transferido para a Faculdade de Economia. Com a ajuda do Dr. Waldemar, consegui ficar por seis anos no turno da noite, assim podia continuar estudando”, lembra Dr.

Evandro, que se dedicou à gastroenterologia e à clínica médica.

Outro funcionário, Luís Marques, contou igualmente com o apoio do chefe para conciliar trabalho e estudo. O garoto, que já cruzara com Waldemar em viagens pessedistas, por causa do pai político (Joel Marques, liderança em Tauá), teve seu primeiro emprego público em 1955, aos 18 anos.

“Um mês depois, fui lotado na Faculdade de Medicina, e em 1957 o Dr. Waldemar assumiu a direção”, diz Luís, que era chefe do setor de compras de material. Esteve, portanto, entre os funcionários que acompanharam a mudança para o Porangabussu.

*“Por causa do trabalho, eu tinha contato diário com ele. Fizemos até uma viagem ao Rio, em busca de material para equipar o prédio do Hospital das Clínicas. Deve ter sido em 57 ou 58... O Dr. Waldemar era*



Comemoração do aniversário de Waldemar Alcântara na Faculdade de Medicina (CE).

ARQUIVO FWA

*muito cordial e me prestigiava muito, embora o meu cargo fosse difícil. Antes, os professores compravam o que precisavam livremente. Com o Dr. Waldemar, passamos a ter mais controle. Era preciso autorização para a saída de material. No início isso aborrecia os mestres, claro, mas era realmente necessário!”.*

A primeira bibliotecária da faculdade, Cleide Ancilon de Alencar Pereira, foi peça importante na implantação dessa nova política de aquisição, que incluía os livros para o acervo universitário. Ela lembra:

*“Quando eu cheguei, os professores compravam livros diretamente às livrarias, e a biblioteca era apenas um órgão pagador. Nessa época, os recursos saíam em forma de adiantamento no nome do funcionário responsável, que empregava aquele dinheiro e depois prestava contas à Reitoria. A faculdade foi criada antes da universidade (UFC), então os primeiros professores tinham esse hábito. Iam às livrarias, compravam o que lhes interessava e a biblioteca só pagava. O Dr. Waldemar me deu total apoio para recuperar os vários livros que estavam em poder dos professores — porque eles precisavam ser tombados, catalogados e classificados. Consegui também do Dr. Waldemar a ordem às livrarias para não vendessem mais nada diretamente. A biblioteca cresceu sobretudo por causa disso. E eu digo sem falsa modéstia — pois acho a modéstia uma falsa virtude: conseguimos construir a melhor biblioteca da universidade”.*

O chefe do setor de compras de material, Luís Marques, passou no vestibular de Engenharia em 1958. “Se não fosse a compreensão do Dr. Waldemar, eu não conseguiria conciliar as duas coisas, mas

pude frequentar as aulas de manhã e depois emendar com o trabalho, até a noite. Na metade do terceiro ano, o Dr. Waldemar conseguiu minha transferência para a Escola de Engenharia, que ficava no Benfica e era onde eu estudava. Facilitou muito a minha vida, e foi mais uma gentileza dele para comigo”, acredita Luís Marques.

Outra pessoa que conviveu com Waldemar nessa época foi o Dr. Edísio Tavares, que entrou na Faculdade em 1956, a convite do professor Fahad Otoch, para dar aulas de Hematologia e Nefrologia, disciplinas que faziam parte da cadeira de Terapêutica Clínica, da qual Otoch era catedrático. “Fui, portanto, um professor assistente. Não participava das altas reuniões”, diz Edísio, que começou sua carreira com incursões pela medicina rural.

E foi justamente no interior — em algum momento entre o fim dos anos 40 e o começo dos 50 — que os dois se conheceram. Jovem médico formado em Recife, Edísio clinicava em Tauá quando o deputado do PSD esteve na cidade em visita política. “Eu era um médico anônimo de província e ele já era um político importante”, pontua Edísio, que por isso achou que Waldemar não se lembraria mais dele. Ledo engano.

*“Tive um caso complicado em Tauá, um paciente com miastenia gravis, que veio se tratar em Fortaleza. O Dr. Waldemar apoiou o meu diagnóstico numa conferência no Centro Médico Cearense. Como todo bom político, ele era dotado de excelente memória. Numa solenidade médica em Fortaleza, caminhou em minha direção e me cumprimentou:*

*— Ô meu amigo, você já está morando na capital?*

Alguns anos depois, por causa do convívio na Faculdade de Medicina, Edísio se tornaria amigo de Waldemar, a quem

atribui duas qualidades que considera fundamentais: um “coração boníssimo e um caráter íntegro”.

## Ser ou não ser reitor

Antônio Martins Filho foi o primeiro reitor da Universidade Federal do Ceará, de 1955 a 1967. Depois dele, era quase certo que o escolhido para assumir o cargo fosse Waldemar Alcântara. Além do trabalho de qualidade reconhecida e do excelente trâmite nas mais variadas rodas — políticas, acadêmicas, administrativas — Waldemar era o preferido do senador Paulo Sarasate, que por sua vez tinha grande prestígio junto ao Presidente Castelo Branco. O reitor Martins Filho, porém, queria outro nome para a sua própria sucessão. Quem conta é Lúcio Alcântara:

*“O governo gostaria que meu pai fosse reitor, mas para que isso acontecesse*

*ele tinha que estar na lista triplíce. O professor Martins Filho — que era amigo de meu pai, mas tinha lá suas preferências — se antecipou à chegada do presidente Castelo Branco, que vinha com Paulo Sarasate. Os dois certamente fariam alguma pressão na escolha. Martins Filho queria eleger o professor Prisco Bezerra, então deixou o papai de fora da lista, porque sabia que ele seria o escolhido. Aí o que aconteceu? Quem acabou sendo nomeado foi o único que o Martins Filho realmente não queria, o Fernando Leite, o último da lista”.*

De fato, Prisco teve 21 votos, Lóssio Botelho abischoitou 18 e Fernando Leite ficou com 13. Martins Filho conta a Blanchard Girão que Paulo Sarasate jamais o perdoou pela exclusão do nome de Waldemar. “Levou para o túmulo essa mágoa, sem motivo, mas o Waldemar manteve comigo a melhor camaradagem”, garantia o ex-reitor da UFC.

Solenidade na Faculdade de Medicina (CE).  
ARQUIVO FWA



---

---

# AS GAROTAS DE WALDEMAR

Cleide, Neide, Madalena, Fátima, Ione e Aída.

Algumas têm netos e outras já estão aposentadas, mas houve uma época em que eram todas moças solteiras em um novo trabalho, funcionárias atarefadas de uma instituição que se firmava como centro do saber médico cearense.

As garotas se conheceram na Faculdade de Medicina, em funções diferentes e períodos iguais. Hoje estão reunidas na sala arejada do apartamento de uma delas, para evocar os tempos áureos, desenterrar histórias escondidas, reconstruir as paredes do passado e falar do chefe, Waldemar Alcântara.

Articulada e arguciosa, Cleide toma a frente para dizer que, apesar do apelido que criaram para o diretor (“cara de tamanco”), o relacionamento entre todos era excelente.

Nascida no Crato, Cleide Ancilon de Alencar Pereira era uma “garota provinciana e tímida” quando abandonou o Ceará para estudar biblioteconomia no Rio de Janeiro, graças a uma bolsa do Instituto Nacional do Livro.

“Na época, o Rio de Janeiro era visto como a ‘terra da perdição’ — você ia pra

lá, se perdia e não podia mais voltar”, recorda sorrindo a cratense, que se habituou a ser pioneira em diversas frentes.

“Nossa turma foi a fundadora do curso, da Associação de Bibliotecários e do Conselho de Biblioteconomia”, informa ela, que quando se formou foi também a primeira bibliotecária nomeada da Faculdade de Medicina do Ceará, junto com uma colega mais velha, no ano de 1957.

*“Tinha 22 anos quando o Dr. Martins me indicou para ficar com as três bibliotecas da área de saúde, todas no Centro e separadas (Medicina, Farmácia e Odontologia). Por sorte minha, fui me apresentar primeiro na Medicina, naquele prédio onde hoje funciona o Instituto do Patrimônio Histórico.*

*Subi as escadas, cheguei lá, entreguei o ofício e vi toda a cúpula da Medicina reunida. Percebi que o Dr. Waldemar a princípio não se interessou. Imagino que ele tenha pensado que eu era mais uma funcionária “arranjada” — nessa época, a faculdade estava admitindo*

*muitas pessoas, porque eram os primórdios da instituição.*

*Entretanto, quando ele abriu o ofício e viu que eu era uma bibliotecária formada, de imediato se interessou, me chamou e me apresentou ao pessoal. Ali mesmo eu comecei a conversar e a dizer a que vinha e o que precisaria. Uma parte da faculdade já estava no Porangabussu. Como eu ia começar a organização, ele disse o seguinte:*

*–Vamos organizar a biblioteca lá, porque ainda este ano estaremos saindo daqui, e aí não serão duas mudanças”.*

Cleide logo conheceu o professor Newton Gonçalves, que foi o assessor da biblioteca a vida toda. “Nem eu tinha o cargo de chefia nem ele o de assessor,

a gente só trabalhava. Com uma memória fabulosa, o Dr. Newton sabia, de cor, tudo o que havia ali, era o próprio catálogo”, recorda ela, que quando começou era uma “generalista” e desconhecia as minúcias da área médica.

“Eu cometi erros jocosos (risos). Ainda bem que Dr. Newton estava ali para me corrigir. Por exemplo, quando eu peguei os livros para classificar, juntei todas as anatomias, porque para mim não havia diferença — anatomia patológica, topográfica, cirúrgica, humana... O Dr. Newton ia me corrigindo, aprendi muito com ele”, afirma Cleide.

Logo eles estariam trocando a biblioteca acanhada da sede provisória pelo grande espaço do Porangabussu, “numa beleza de prédio”. Cleide, que também foi professora do curso de Biblioteconomia de Fortaleza (“é o que cabe às pioneiras”), diz que Waldemar era um diretor que não ficava no gabinete e que gostava de



Waldemar entre as garotas, por ocasião de seu aniversário.

ARQUIVO DA FAMÍLIA

circular. Um dia ele se aproximou dela para lhe solicitar um favor:

— Cleide, posso lhe pedir uma coisa? Tem uma menina aí que eu queria que você visse se tem jeito para biblioteconomia...

A menina era Luiza, a primogênita de Waldemar e Dolores, que para satisfação do pai acabaria de fato se formando em biblioteconomia.

“Peguei duas gestões do Dr. Waldemar. Era um homem sério, seguro, de grande coração, humano e generoso. Quando ele conhecia as pessoas, confiava nelas. Na medida em que ele foi me conhecendo, foi me dando autonomia. De forma que, com duas gestões sob a direção dele e a assessoria do Dr. Newton, a biblioteca se desenvolveu mais do que as outras”, finaliza a pioneira, orgulhosa.

Ao seu lado, Maria Madalena Brasileiro Mota, a Madalena, concorda com as afirmações. Prima legítima de Waldemar, ela já conhecia “a cara fechada, mas também a cordialidade” do parente mais velho, que a família sempre tratou por Doutor. Teve a confirmação dessa cordialidade quando começou a trabalhar como escrevente datilógrafa na Faculdade de Medicina, em 1957.

*“Foi meu primeiro emprego. Ele mesmo fez o teste comigo: eu tinha que datilografar numa máquina de escrever um texto que ele ditava, um sufoco! Mas com isso ele só queria mostrar que não ia contratar qualquer pessoa. Na época não havia concurso. Eu era assistente social, mas fui fazer serviço de datilografia. Ninguém era privilegiado. No meu caso, as pessoas nem sabiam que eu era da família. Não havia diferença. Todos tinham que cumprir suas obrigações. No trabalho, ele facilitava as coisas. Nós nos aproximávamos com aquela expectativa, com aquele medo de errar, mas ele demonstrava que tudo podia ser mais simples”.*

Outra moça que entrou em 1957 foi Neide Cavalcante Theophilo, que acabara de se diplomar no Colégio da Imaculada Conceição. Ela trabalharia diretamente com Waldemar, como secretária da diretoria.

*“Foi meu primeiro emprego, quando a faculdade ainda estava na Praça José de Alencar. Éramos poucos funcionários e todos se entendiam, como numa família, um ambiente muito bom. No gabinete éramos eu, o J.C Alencar Araripe, já falecido, o Dr. Waldemar e outros poucos funcionários. Nós mesmos fizemos a mudança da faculdade para o Porangabussu, onde já havia o hospital, com grande movimento. Foi uma época maravilhosa. Trabalhei com Dr. Waldemar o tempo todo que ele passou na universidade”.*

Antes de Neide, Cleide e Madalena, havia Aída, que já trabalhava na Faculdade de Medicina desde 1952. Funcionária de alto cargo, Aída Araújo Coelho vinha de uma família de médicos, dominava o inglês desde a adolescência e já trabalhara com Francis Reginald Hull, o Mister Hull, vice-cônsul da Grã Bretanha no Ceará e superintendente da Ceará Tramway Light & Power. Para ela, aqueles primeiros tempos de academia carregam a marca do voluntarismo apaixonado.

*“Nós nos envolvíamos com tudo mesmo. Lembro de ficar madrugada adentro, conferindo os nomes dos aprovados no vestibular. Uma vez, inclusive, levei uma chamada séria do Dr. Waldemar, porque engoli o nome de um aluno. Ele estava com a lista dele e era tão cuidadoso que percebeu o erro. Foi um deslize por cansaço, já eram umas três horas da manhã!”.*

Aída é protagonista de um caso divertido, que se passou nos corredores da academia. Inteligente e espirituosa, ela é também



muito alta e, por isso, acreditava que jamais encontraria um namorado na faculdade. Só que estava enganada. Um dia alguém lhe informou:

— Tem um rapaz alto aqui!

Era Antero Coelho, que acabara de passar no vestibular. O casal de estatura elevada começou um namoro que se estenderia por todos os anos do curso e que acabaria no altar. “Hoje já são mais de 50 anos de luta juntos”, sorri Aída.

Outra garota de extrema importância naqueles primeiros tempos foi Stela Azevedo, já falecida, que acompanhou Doutor Waldemar durante anos, descascando para ele muitos abacaxis, inclusive no aconselhamento aos novos funcionários. Quando alguém ia assumir um cargo, Stela chamava para uma conversa particular e resumia assim o seu ideal de discipulação, a ser seguido por quem não desejasse fofocas: “Não sei, não vi, não ouvi!”.

Mesmo que o objetivo fosse profissionalizar a academia, havia uma base sentimental na contratação de alguns funcionários. Ione, que durante anos foi telefonista da faculdade, morava com Dolores e Waldemar desde que perdera a mãe, em São Gonçalo, ainda menina. Já Maria de Fátima Oliveira de Menezes, que trabalhava no arquivo, vinha de Quixadá, terra em que seus pais conheceram Waldemar e Dolores, muitos anos antes.

A história é boa. Fátima abandonou a terra natal em 1959, depois de um telefonema de sua mãe para Dolores. Ela e Waldemar eram padrinhos da menina. “Minha mãe informou que eu queria vir para Fortaleza e que precisava de um emprego para me manter. Eu sempre quis ser independente. Quando completei 18 anos, decidi deixar Quixadá”, reconstitui Fátima.

Quando ela se apresentou a Waldemar, apesar de recebê-la bem, ele a considerou jovem demais. Disse, então, para a afilhada:

— Olhe, minha filha, eu não vou lhe dar um emprego agora, porque eu quero que você estude. Você é muito jovem. Mais adiante, volte que eu lhe emprego.

Fátima saiu decepcionada, com os olhos rasos d’água. Ligou desanimada para a mãe, que por sua vez telefonou para Dona Dolores, onde o círculo se fechava. A reação foi imediata:

— Pois diga à minha afilhada que volte amanhã mesmo. E avise ao Waldemar que sou eu que estou mandando!

Muito tímida e acobalhada, a menina retornou a contragosto ao gabinete do Doutor. E este, assim que a viu, disparou:

— Foi fazer fuxico, né? Foi reclamar de mim pra Dolores!

Recordando hoje o episódio, Fátima sublinha que “queria morrer de vergonha, mas ele estava usando um tom de brincadeira”.

Waldemar pede, então, para a secretária trazer uma lista, examina atentamente o que está escrito e dirige-se a Fátima:

— Minha afilhada, você vai ter que esperar mais um pouco. Não temos nenhum cargo disponível no momento, só de zelador.

E a garota responde, de pronto:


— Eu quero!

Surpreso, ele reconhece:

— Pois não é que essa menina quer trabalhar mesmo?! Pois está bem, mas se você deixar de estudar, eu tomo o seu emprego imediatamente!

“Isso foi em dezembro. Quando me chamaram para a seção de pessoal, em janeiro, eu estava esperando receber o meu uniforme, meu balde e minha vassoura com rodo. Mas a secretária me levou para o arquivo, o Serviço de Arquivo Médico e Estatístico (SAME) e me disse que era ali que eu iria trabalhar. Foi um gesto de proteção de meu padrinho para comigo. Dona Dolores depois ligou para saber se tinha dado tudo certo. Quando cheguei em Fortaleza, fui morar com o meu irmão, mas o casal sempre esteve atento ao que acontecia comigo”, finaliza Fátima.





# 8

---

---

*Um novo  
roteiro para  
o Nordeste*

---

---

**“A criação do Banco do Nordeste representa uma marco de importância para a política econômica regional. Importou basicamente na mudança do roteiro até então seguido para enfrentar o secular problema das secas, e seus efeitos sobre as populações nordestinas. Até a fundação do banco, encaravam a questão nordestina como sendo resultante da ausência das chuvas e assim seguimos uma política de armazenamento d’água. Era a solução hidráulica que vinha desde o Império. O aprofundamento das pesquisas e estudos regionais mostrou a maior complexidade da questão. Na realidade, maior que a seca era o nosso atraso, o subdesenvolvimento econômico e social da área. Uma nova política regional, inspirada nessa diretriz e guiada pelo roteiro do desenvolvimento, surgiu com a criação do banco e consolidou-se, posteriormente, com a criação da Sudene.”**

WALDEMAR ALCÂNTARA, EM DEPOIMENTO AO ACERVO HISTÓRICO DO BNB



**E**m 2007, uma grande exposição na Câmara dos Deputados, em Brasília, reuniu vídeos, fotos, impressões e documentos do Acervo Histórico do Banco do Nordeste. O objetivo era reconstituir visualmente os passos mais marcantes da instituição financeira que injetou recursos, formulou projetos e ajudou a fixar a palavra modernidade no dicionário produtivo nordestino.

Uma das atrações da mostra — um vídeo do antigo programa “Amaral Neto, O Repórter”, em que o jornalista visita o Nordeste — revelava em tom ufanista alguns projetos financiados pelo banco. Na sucessão entusiasmada de imagens, um dos entrevistados era o economista pernambucano Rubens Costa, presidente do BNB no final da década de 1960.

Antes de Rubens Costa, estiveram na presidência do maior banco de fomento da América Latina o baiano Rômulo de Almeida e o cearense Raul Barbosa. Este último foi um dos grandes entusiastas da instituição, assumindo por dez anos a presidência, em períodos descontínuos.

Assim como a Faculdade de Medicina, o Banco do Nordeste representa um capítulo especial na vida de Waldemar Alcântara. Quando da sua fundação, em 1952, Waldemar era secretário de Educação e Saúde do governo Raul Barbosa. Junto com o governador e

outras lideranças, participou intensamente da campanha para que Fortaleza fosse a cidade a sediar a nova instituição financeira — o que de fato aconteceu, após uma acirrada guerra de braço entre os vários Estados nordestinos.

Com a bandeira de combater a estagnação econômica, apoiar a cadeia produtiva e financiar o desenvolvimento da região sob uma nova abordagem, o BNB veio oferecer instrumentos reais de mudança e crescimento.

Waldemar seria diretor da Carteira de Crédito Rural do banco entre 1965 e 1968, tendo substituído várias vezes o presidente Rubens Costa, que o chamava de “meu braço direito”. Antes disso, destacou-se também como médico da instituição e procurou organizar a sistemática do atendimento médico-social oferecido aos servidores.

Curioso e atento, se envolveu profundamente com os meandros técnicos e buscou compreender os termos específicos da área. O amigo Dorian Sampaio o acompanhou de perto:

*“Ele devotava-se de corpo e alma às funções que assumia. Assim foi na Educação, onde procurou aproximar-se o mais possível de estudantes e professores e conhecer, pela leitura, as doutrinas mais importantes sobre pedagogia e didática. Nomeado para*

*cargos de chefia, procurou aprofundar seus conhecimentos acerca de matérias econômico-financeiras, discutindo sobre financiamentos, crédito rural, política de juros e o mais que fosse ligado a problemas bancários”. (Em depoimento ao livro “Doutor Valdemar: o Médico, o Político”).*

Na época, a estrutura do banco estava dividida entre a presidência e suas quatro diretorias: Crédito Geral, Crédito Rural, Crédito Corporativo e Crédito Industrial e de Investimentos. Jeová Pereira Lima, chefe de departamento de Crédito Geral, participou de muitas reuniões com Waldemar.

“Nossa pauta era bem concentrada. As reuniões, às vezes, começavam às 14 horas e se estendiam até a noite. A estrutura do banco era outra, bem menor. Só para se ter ideia: na época havia um único superintendente. Hoje, são 32”, compara Jeová.

## A criação

Em 1951 o Presidente Getúlio Vargas enviou ao Congresso Nacional uma mensagem em que propõe a criação do Banco do Nordeste do Brasil, um organismo capaz de alavancar novos empreendimentos, combatendo os efeitos nocivos da seca e minimizando a imigração nordestina. Diz um trecho da mensagem:

*“Há fatores naturais e humanos na região que permitem uma larga aplicação de recursos financeiros e técnicos da União, não apenas no amparo ocasional, mas na organização de uma economia estável e florescente. Nela, os capitais gerados pelas principais atividades e a energia de gente sertaneja encontrarão terreno de fixação, em vez da atual tendência a emigrar. E ainda, de fora poderão encontrar atrativos, no clima saudável e nas reais possibilidades econômicas da região malsinada pelas*



*secas periódicas, a técnica, o capital e a capacidade de empreendimentos de brasileiros de outras regiões, bem como imigrantes e capitais estrangeiros”.*

Waldemar Alcântara e Rubens Costa (Presidente do BNB).  
ARQUIVO FWA

Antes dessa mensagem, um episódio foi fundamental para a criação do BNB. A seca nordestina e o cenário de desolação que ela instaura em todo o entorno impressionaram Horácio Lafer, ministro da Fazenda de Getúlio Vargas, que em 1951 percorreu a região, constatando a falta de recursos estáveis e ouvindo as queixas dos parlamentares.

Ao retornar, Lafer expôs ao presidente uma lista de boas razões para a criação de um banco voltado para a área mais pobre e abandonada do Brasil. Diga-se de passagem que o ministro tinha sido deputado federal pelo PSD no período da redemocratização, tornando-se companheiro de Raul Barbosa na Comissão de Finanças da Câmara Federal, quando já estavam em curso as articulações que deram origem ao BNB.

Criado oficialmente pela Lei Federal nº 1.649, de 19 de julho de 1952, o Banco do Nordeste do Brasil S/A surgiu como uma instituição financeira de economia mista e capital aberto. Com a maior parte dos recursos sob o controle do Governo

Solenidade no BNB.  
ARQUIVO FWA



Federal, era tido como o organismo financeiro apropriado para injetar ânimo e recursos na economia local.

Resolvidos os entraves burocráticos, empresários, políticos e militantes das causas regionais se reuniram no dia 18 de janeiro de 1954 para a Assembleia Geral de Constituição do banco e, cerca de cinco meses depois, no dia 7 de junho, Fortaleza inaugurava a sua primeira agência.

Com o tempo, o banco foi instaurando programas, diversificando a cartela de beneficiários e ampliando as linhas de financiamento. Deu um grande salto nos anos 60, quando obteve recursos junto ao BID para impulsionar atividades no setor industrial, possibilitando a compra de equipamentos para a modernização da indústria têxtil.

Ao mesmo tempo, ao fechar uma parceria com a Universidade Federal do Ceará, elaborou um projeto para a criação do seu Centro de Treinamento em Desenvolvimento Econômico, o Cetrede, que iria qualificar trabalhadores e formar técnicos em nível de pós-graduação nas áreas de desenvolvimento econômico, administração do desenvolvimento, administração de empresas e finanças públicas.

Os anos 60 também marcam o início do financiamento a programas de serviços

básicos (água e esgoto), energia elétrica, telecomunicações e transportes nas capitais nordestinas.

## Entusiasmo cotidiano

“A coisa que o Waldemar mais adorou na vida pública foi o Banco do Nordeste”, disse Dona Dolores a Blanchard Girão. Por mais estranha que pareça essa incursão de um médico e político pelo mundo das finanças, o BNB representou, de fato, um dos períodos mais prazerosos da vida profissional de Waldemar.

“O Banco do Nordeste transformou o Waldemar numa criança. Ele queria conhecer tudo. Indagava sobre toda a diversificada gama de atividades de um estabelecimento bancário. Lia, estudava, se emocionava com aquilo tudo”, confirmou o grande companheiro Dorian Sampaio.

Tendo participado ativamente da campanha para fixar Fortaleza como a sede do banco, Waldemar não via o BNB apenas como uma instituição que oferecia serviços financeiros. O banco era o marco de um novo Nordeste. Isso explica a convicção com que se lançou ao trabalho na diretoria de Crédito Rural.

O BNB começou na Rua Senador Pompeu, 590. “Depois expandiu-se para vários prédios, mas a diretoria ficou no Edifício São Luiz. Até o sexto andar era o cinema, acima disso era o banco”, registra Jeová Pereira Lima. A ex-secretária Maria Enir Teixeira Albuquerque, que esteve com Waldemar neste período, relembra o dia-a-dia de trabalho:

*“Ele era muito organizado, cumpria expediente diariamente, queria saber de tudo, dos processos, dos requerimentos... Eu recebia a papelada e passava para ele que, se tinha dúvidas, mandava chamar o chefe de departamento. Já ia para as reuniões sabendo das coisas, e todo dia da semana tinha reunião. Nessas ocasiões ficávamos até tarde da noite... A carranca do Dr. Waldemar era só pose. Lembro que ele me dizia: ‘Pode mandar entrar, Enir, eu atendo. Se eu não estiver aqui, anote o telefone que eu retorno!’. Ele recebia do motorista ao deputado. Tratava as pessoas muito bem, mas encaminhava os pedidos para os departamentos responsáveis, sem privilégios”.*

Jeová Pereira Lima, que apesar de ser do departamento de Crédito Geral tinha muito contato com Waldemar, reforça: “Ele nunca pediu para deferir um negócio ou mandou para a diretoria algo que não estivesse dentro das regras do banco. Jamais quis dar um ‘jeitinho’ em algo”.

Outra secretária de Waldemar no BNB, Nadyr Maia Osterne, que substituiu Enir quando esta foi morar nos EUA, conta um pouco mais do cotidiano do chefe:

*“Como diretor de Crédito Rural, ele precisava explicar a alguns proprietários que o banco não podia simplesmente fazer uma cacimba no terreno deles — que era o que muitos pediam. Ele ia diariamente, recebia muitas pessoas, era um homem sério, competente, que se interessava por tudo. Nossos manuais*

*eram verdadeiras bíblias, com muitas informações que ele fazia questão de conhecer. Havia nessa época uma base sólida, com um corpo técnico excelente”.*

Em depoimento ao Acervo Histórico do banco, Waldemar expressa seu entusiasmo com a formação de técnicos altamente qualificados para todo o Nordeste:

*“Quando Raul Barbosa assumiu a presidência, substituindo o seu fundador e primeiro presidente, Dr. Rômulo de Almeida, disse-me: O meu sonho dourado é a formação e o aperfeiçoamento de técnicos capazes de trabalhar com eficácia nos programas de desenvolvimento da região. O sonho de Raul é hoje esplêndida realidade e não é nenhum favor proclamar que o BNB possui o maior e melhor plantel de técnicos do País. Por reconhecer esse fato, ao assumir o Governo do Ceará, fiz questão de confiar minha secretaria de Planejamento a um dos mais lúcidos e brilhantes técnicos deste banco, o Dr. Roberto Gerson Gradwohl”.*

Jeová Pereira Lima, que conheceu Waldemar quando era menino e ia chamá-lo para atender a tia doente, na época em que a família morava na Av. Bezerra de Menezes, era bem mais jovem que o Doutor, mas lembra de Waldemar em situações descontraídas, com os companheiros Raul Barbosa, Horácio Marques e Vicente Augusto.

“Nos aniversários de Raul Barbosa, havia sempre uma festa, uma reunião de amigos. Eles ficavam conversando até umas quatro ou cinco horas da manhã. E eu por ali, aprendendo”, comenta o técnico. Ele permaneceu por muitos anos no banco, mas interromperia o contato diário com Waldemar em 1968, quando este foi chamado para assumir o mandato de senador da Arena, em virtude do falecimento de Paulo Sarasate, de quem era suplente. Mas essa é outra história.

---

---

# ESTAÇÃO BRASÍLIA

O primeiro endereço de Waldemar e Dolores em Brasília foi a sqs 111, onde a quase totalidade dos prédios de apartamentos era de propriedade da Câmara dos Deputados. A família morou ali, mais especificamente no Bloco I, “talvez por um ano ou dois”, conforme recorda Lília, a única filha que acompanhou os pais. Demoraram-se o tempo necessário à conclusão dos prédios que o Senado construía na sqs 309, uma quadra até hoje ocupada por senadores .

Eram apartamentos funcionais de bom tamanho e padrão adequado, todos mobiliados com móveis da OCA, desenhados pelo arquiteto Sérgio Rodrigues. “Papai nunca quis comprar apartamento em Brasília. Entendia que aqueles apartamentos eram funcionais e que serviriam para outras pessoas que chegassem. Mas muitos políticos negociaram imóveis lá”, lembra Lúcia, que ficou estudando em Fortaleza, mas ia constantemente visitar os pais.

Para o novo apartamento eles levaram, dentre outras singularidades, os costumes culinários e o saudável hábito de receber. A Dra. Glaura Férrer, que conheceu Waldemar na Faculdade de Medicina da UFC e que depois foi sua cardiologista, era uma das hóspedes ocasionais. “Meu padrinho, como eu o chamava, era um paciente que não queria esperar, mas

foi um ótimo anfitrião. Ele me ajudou muito no II Congresso de Cardiologia, que aconteceu em 1973, em Fortaleza. Falava com os deputados, conseguia verbas...”.

O pilão que preparava a paçoca da família também foi na bagagem, e era útil não só ao clã. “Nossa paçoca era pilada lá. Eu era criança, mas lembro demais, porque nossas famílias eram realmente amigas. Para mim, o Dr. Waldemar não tinha cara feia. Eu o chamava de tio, sentava no colo dele, ficávamos conversando... Nosso registro não foi político, mas afetivo”, comenta Isabela Augusto Aguiar, filha do ex-deputado e senador Vicente Augusto. Ela ressalta, entretanto, que houve um momento de afastamento entre os dois amigos.

“Dr. Waldemar e meu pai tiveram uma briga, política, eu não entendia bem, mas via nos jornais e fui perguntar ao Dr. Waldemar o que era aquilo. Lembro só que ele me disse: ‘Minha filha, isso não é pra você se preocupar’. Depois o Lúcio reaproximou os dois”, pontua Isabela. De fato, as famílias eram tão próximas que, como lembra Lília, “antecipando a ida definitiva para Brasília, instalamo-nos temporariamente, em dezembro de 1969, no apartamento do deputado Vicente Augusto, para que eu pudesse prestar o exame vestibular da UnB”.





Congresso Nacional,  
Brasília (DF).  
ARQUIVO IBGE

Na mesma entrada do Bloco C da sqs 309, onde ficava o apartamento de Walde-  
mar e Dolores, moravam Virgílio e Luiza  
Távora. Lília diz que essa vizinhança es-  
treitou muito o contato entre eles, dentro  
e fora do Senado. Tanto que uma das  
maiores diversões da época era frequentar  
a Mansão Ceará, uma chácara com uma  
grande casa, piscina e muitas redes, que  
Virgílio mantinha nos arredores de Brasília,  
uma área hoje densamente urbanizada.

Nos finais de semana, quando a caçula  
dos Alcântaras passou a dirigir, costumava  
levar os pais à missa na Igreja de Santo  
Antônio, e depois o principal compromisso  
social era o almoço de domingo na Mansão  
Ceará. Ali se reuniam cearenses, políticos  
ou não, parlamentares de outros Estados  
e muitos convidados.

*“A vida em Brasília era assim naquele  
tempo. Como ninguém tinha parentes  
na cidade, o cotidiano se voltava para  
os amigos e, principalmente, para os  
conterrâneos. Posso citar alguns casais  
que fizeram parte do nosso convívio:  
o deputado Manoel Rodrigues e Dona  
Alaíse; o deputado Flávio Marcílio e  
Dona Nícia; o deputado Figueiredo  
Correia e Dona Ivonete; o deputado  
Humberto Bezerra e Dona Norma; o  
deputado Paes de Andrade e Zildinha;*

*o deputado Marcelo Linhares e Dona  
Irismar; o engenheiro Emanuel  
Arruda e Mônica; o jornalista Rangel  
Cavalcante e Celina... Foram muitas  
pessoas, num período de tranquilidade  
que foi subitamente interrompido pelo  
derrame sofrido pelo meu pai”. (Lília)*

No último almoço que organizou em  
Brasília, antes do retorno a Fortaleza, Do-  
lores compôs versinhos para todos os  
deputados da bancada, levando às garga-  
lhadas o grande círculo de amizades do  
casal. É Lúcia quem recorda, sorrindo: “Eu  
não participei desse almoço, mas sei que  
os versos dedicados ao meu irmão Lúcio,  
com conselhos que ele acabou não escu-  
tando, diziam o seguinte: ‘Lúcio Gonçalo  
querido/ Meu filho muito amado/ Cuide  
da Medicina/ E deixe a política de lado”.





9

---

---

*A União  
pelo Ceará  
e o Governo  
de Virgílio*

---

---

**O**s anos sessenta foram ricos em surpresas e avanços para Waldemar Alcântara. No início da década, Waldemar era diretor da Faculdade de Medicina, cargo que ocuparia até 1963, mesmo ano em que foi chamado para ser secretário de Saúde do Governo Virgílio Távora, função que assumiria até 1965, com a pasta já desmembrada da Secretaria de Educação.

Foi também presidente do Instituto dos Cegos (1961-1964), presidente do Conselho de Contas dos Municípios (1965-1966) e diretor da Carteira de Crédito Rural do BNB (1965-1968), tendo entrado nos anos 1970 como senador da República, com endereço em Brasília.

Em 1963, porém, Waldemar ainda está vivendo em Fortaleza, na confusa reestruturação de forças do Estado, com a estreia ruidosa da União pelo Ceará, uma aliança improvável entre dois inimigos históricos, UDN e PSD.

Muitos mitos e versões envolvem o episódio, ocorrido em 1962, ainda na vigência do governo de Parsifal Barroso, mas todos os analistas e historiadores concordam que a União foi uma manobra de fortalecimento dos dois partidos tradicionais contra o crescimento do PTB de Carlos Jereissati.

Na cozinha política de preparação para as eleições de 1962, o PSD estava com imensas dificuldades de encontrar um nome tão forte quanto o do deputado Adahil Barreto, da UDN, que dispunha da preferência de Carlos Jereissati (PTB). Caso fosse escolhido como candidato udenista e, ao mesmo tempo, firmasse uma aliança com o PTB, Adahil tinha amplas chances de vitória.

A questão é que ele era um partidário da UDN “situado mais à esquerda, em franca discordância com a linha lacerdista do partido”, como observa Blanchard Girão, acrescentando que “o fator ideológico viria a pesar muito na

marcha dos acontecimentos. As forças de centro e mesmo as da direita, viam na vitória do candidato udenista uma possível conquista do poder estadual pela esquerda. E trataram de buscar uma alternativa a essa perspectiva tão danosa a seus interesses”.

Muitos veem no governador Parsifal Barroso o grande articulador do movimento. Antigo quadro do PTB, Parsifal rompeu com o deputado Carlos Jereissati (PTB) e foi se abrigar no PTN. No livro “No Tempo dos Coronéis”, em que narra crônicas e episódios da política cearense entre 1958 e 1986, o jornalista J. Ciro Saraiva comenta que esse rompimento pode ser entendido como uma reação do governador à tentativa de tutela de Carlos Jereissati. Na refrega, “Jereissati ficou com o partido e Parsifal se dispôs a enfrentá-lo com o governo”.

Parsifal começou, então, uma campanha pró-Virgílio, a fim de derrubar o candidato preferido de Jereissati, que era Adahil Barreto. “A história de que a aliança tentava (apenas) evitar que as esquerdas assumissem o controle do Estado, através de Adahil Barreto, é uma balela e mera tentativa de ideologizar os acontecimentos”, acredita Ciro Saraiva, acrescentando que, a rigor, o político cearense que deu o pontapé inicial no acordão foi Armando Falcão.

Anti-jereissatista ferrenho, Armando é descrito por Elio Gaspari (“A Ditadura Derrotada”) com tintas de variados e divertidos matizes: “esquerdista em 1935, germanófilo em 39, petebista em 50, lacerdista em 54, antilacerdista em 56 e ministro de Kubtscheck em 59. Sua sinuosidade tinha duas características: opção pela direita e a preferência pela ferocidade. (...) Conhecia meio mundo e conseguia se tornar amigo da infância de quem quer que fosse”.

Sonhando com uma vaga no Senado para si mesmo, Armando Falcão aproveitou o intervalo nebuloso em que nem



o PSD nem a UDN haviam definido os seus candidatos. Sabendo também que Jereissati armava a candidatura de Adahil, a partir de um acerto com Olavo Oliveira (PSP), Armando tratou de bater na porta de Menezes Pimentel e José Martins Rodrigues, os velhos caciques pessedistas, alarmando-os para a tempestade que se formava, já que, sozinho, o PSD não teria pernas para ultrapassar o adversário.

No entender de Ciro Saraiva, somente depois dessa conversa é que Parsifal Barroso entrou na história. “Parsifal não idealizou a União, ao oposto de algumas interpretações. Ao contrário: ela lhe foi oferecida pelo PSD, apesar desse partido ter mágoas do governador”.

## Forças coligadas

Em entrevista publicada pelo jornal Tribuna do Ceará do dia 18 de outubro de 1980 — quase duas décadas depois dos acontecimentos — Waldemar Alcântara dá uma visão bem comportada dos fatos.

Indagado sobre as sementes que fizeram brotar o movimento, o Doutor responde ao jornalista: “A União pelo Ceará surgiu por inspiração de Armando Falcão e apoio do PSD. Seu objetivo era assegurar a eleição de um candidato que a todos inspirasse confiança e fosse capaz de oferecer ao Ceará um governo de paz e progresso”.

Inauguração de posto de saúde em São Gonçalo do Amarante (CE).

ARQUIVO FWA

O que ele não diz é que muitas águas rolaram antes do acordo ser fechado. Grande amigo de Waldemar, o então deputado Vicente Augusto também deu uma entrevista ao Tribuna do Ceará (1/05/1980) em que desce a mais detalhes:

*“O deputado Carlos Jereissati, com ostensivo apoio do Presidente João Goulart, refulgia como estrela de primeira grandeza na política cearense. Embora em desavença com o governador Parsifal Barroso, que ajudara a eleger, o representante trabalhista tinha pleno trânsito no governo da República, cujas benesses distribuía com largueza e sem limites. Todos nós — do PSD e da UDN — reconhecíamos que os dois partidos estavam à mercê das pequenas agremiações, transformadas em ‘fiéis de balança’”.*

Na época, o filho de Olavo Oliveira, Raimundo Ivan, andou reclamando na imprensa que o movimento foi criado para eliminar o seu pai e Carlos Jereissati da política. Olavo Oliveira, ex-PSD, comandava o Partido Social Progressista (PSP) desde que se desentendera com Menezes Pimentel.

Na entrevista de 1980, Waldemar nega qualquer intenção de afastamento: “O isolamento de Olavo Oliveira e Carlos Jereissati pode ter sido uma consequência da União pelo Ceará, nunca um propósito dos que a criaram. O objetivo da União era o progresso e o bem-estar da nossa terra”.

Continuando sua versão dos fatos, Ciro Saraiva conta que “da parte do PSD, Armando colheu surpreendentemente mais do que esperava: o líder José Martins Rodrigues lhe disse que o PSD faria a aliança com a UDN, desde que o candidato a governador fosse o Cel. Virgílio Távora, o ‘único que reunia

condições para cumpri-lo’. Assim, para derrotar Jereissati, Parsifal teria que apoiar o adversário que vencera (VT) quatro anos antes”.

Tentando explicar por que o PSD tinha Virgílio Távora — udenista e até então adversário — como o preferido para o governo, o cuidadoso Waldemar pontua: “O PSD sentia que os interesses reclamavam a eleição de um homem de influência e prestígio na esfera federal, a fim de abrir caminho à obtenção de recursos com vistas a seu desenvolvimento, e viu que Virgílio era esse homem. Eleito, VT marcou seu governo por grandes realizações, inaugurando uma nova era para o Ceará, ao trazer para a nossa terra a energia de Paulo Afonso, sonho maior da nossa gente”.

Adauto Bezerra, então um jovem deputado udenista, diz que grande parte de seu partido tinha Adahil Barreto como nome preferido, mas não era fácil compor uma chapa capaz de satisfazer a todas as forças coligadas. Teriam por isso ocorrido muitos desentendimentos, culminando com o rompimento de Adahil com a UDN e a sua coligação com o PTB de Carlos Jereissati.

*“Eu era Adahil de bandeirinha. Mas aí aconteceram as reuniões, as lideranças do PSD e da UDN conversaram e, ao final, afunilaram as decisões. O Parsifal, que era o governador, queria a união. O PSD disse que só aceitava se o candidato fosse o Virgílio. Aí nós nos reunimos na casa do Paulo Sarasate para dar a notícia. Eu tinha 31 anos nessa época. Como eu era muito entusiasmado, o Paulo Sarasate, na habilidade dele, falou ao grupo:*

*— Deputado Adauto Bezerra vai fazer a saudação, porque o nosso candidato vai ser Virgílio Távora.*

*Comigo estavam Aquiles Peres Mota, Luciano Magalhães, Pádua Campos ... todos da corrente do Adahil. Eu lembro que pensei: “Meu Deus, como eu vou sair dessa? Lutei tanto pelo Adahil, e agora vou anunciar o Virgílio...”. Enfim, fiz um discurso pelo consenso, pela união em prol do Ceará, contra uma luta fratricida que não levaria a nada. E disse que, como o partido já estava escolhendo o Virgílio para candidato, nós só tínhamos uma saída: aceitar. Fui bem sucedido nesse discurso”.*

A UDN e o PSD cessaram fogo em prol de Virgílio. Adahil acabou migrando para o PTB, legenda pela qual se consagraria deputado federal. Por uma dessas ironias da política, como lembra Ciro Saraiva: “No curso da campanha, já livre da pregação maniqueísta de Armando Falcão,

Virgílio manobrarria no sentido de que Jereissati fosse eleito senador, com o apoio de grandes parcelas tanto do PSD quanto da UDN”.

## Velhos vícios, novas saídas

Adauto Bezerra reforça que Waldemar Alcântara, Menezes Pimentel e José Martins Rodrigues tinham uma liderança gigantesca dentro do PSD. “O Waldemar era o mais envolvente, a voz mais pausada, mais calma. Ele conduzia os bastidores”. Adauto e Waldemar se conheceram melhor justamente nos dias turbulentos da União pelo Ceará.

Deputado estadual em 1958, 1962, 1966 e 1970, antes pela UDN e depois pela Arena, Adauto estava conhecendo os meandros da política, com tudo o que havia de melhor e pior:



Em solenidade com Albaniza e Paulo Sarasate.

ARQUIVO FWA

*“Antes da União pelo Ceará, era o PSD de um lado e a UDN do outro. Os dois grandes partidos, sempre brigando e se alternando no poder. Havia também os partidos menores, que se consideravam os fiéis da balança — para onde eles pendiam, pendia a vitória. Era o caso do PSP do Olavo Oliveira e do PTB do Carlos Jereissati. Quanto aos grandes, assim que um subia, o outro descia. E vice-versa. O que ganhava tinha direito ao mando total, sem respeito ao que perdia. E assim, havia um ditador e um vencido, sempre.*

*Era nomeação de professoras despreparadas, inexistência de concursos, coletores da Fazenda que não eram de carreira... O princípio de contratação era meramente político. O Estado nunca tinha alternância real de poder na administração. Era apenas o poder político do mando. Isso dava um prejuízo enorme ao Ceará. Na luta pelos empregos e vantagens, o Estado, que era o objeto principal, ficava no esquecimento. Não existia plano de governo. Quem ganhava, demitia os perdedores. Isso, tanto de um lado como do outro. E havia muita rivalidade. Quem era do PSD numa cidade do interior, não se misturava com quem era da UDN”.*

O fato é que depois de formada, a União pelo Ceará (UDN-PSD-PTN) passou como um trator por cima dos adversários, que não tiveram forças para esboçar reação. Os eleitores foram às urnas no dia 7 de outubro de 1962.

Durante a campanha, pela primeira vez, o povo pôde ver os candidatos na televisão, uma tecnologia com cheiro de novidade, inaugurada no Ceará em 1960. No Brasil, o PTB de João Goulart conseguiu expandir suas forças no Congresso,

ultrapassando a UDN e se aproximando do PSD em termos de bancada.

A União elegeu 43 dos 64 deputados estaduais e 15 dos 21 deputados federais, além de Virgílio Távora (UDN) como governador, Joaquim Figueiredo Correia (PSD) como vice e Wilson Gonçalves (PSD) como senador — vaga que, na opinião de Adauto Bezerra, deveria ser de Waldemar, que foi um dos grandes negociadores do acordo em nome do seu partido. “Preocupado em preservar a unidade partidária, Waldemar renunciou a essa justa pretensão”, considera Adauto.

Carlos Jereissati, como dito antes, também foi eleito senador, derrotando o candidato preferido de Parsifal, Tancredo Halley de Alcântara, que ficou em terceiro lugar, na frente de Olavo Oliveira — outro que não obteve votos suficientes para se eleger.

Ciro Saraiva põe lenha na fogueira dizendo que o governador não apenas deixou de eleger seu candidato, como também teve uma derrota, “porque seu objetivo não era propriamente eleger Virgílio ou derrotar Adahil, mas afastar da política cearense seu inimigo Jereissati, agora eleito consagradoramente”.

## Virgílio no poder

Ao ser eleito governador (1963-1966), Virgílio Távora fez do planejamento uma bandeira e, a exemplo de Juscelino, lançou um plano de governo enfatizando a importância da industrialização para o desenvolvimento. O Plameg, 1º Plano de Metas Governamentais, foi uma tentativa de modernizar a estrutura do Estado, a partir de um projeto especialmente elaborado para esse fim.

O bom relacionamento com João Goulart facilitou ao governador a tarefa de trazer a energia de Paulo Afonso para o Ceará, embora tenha sido Castelo



Branco o Presidente a inaugurar a obra. Habilidade e paciente, vir conseguiu se manter no poder mesmo com os abalos convulsivos de 1964. Para Waldemar, foram tempos de trabalho dobrado e reuniões intermináveis.

“Quando houve a União pelo Ceará, meu pai era praticamente um fiador, porque havia muitos atritos nos municípios. Era meu pai pelo PSD e o Gentil Barreira pela UDN. Papai tinha muita confiança no Virgílio, alguns até condenavam isso, mas ele sempre teve muito espírito público”, considera Lúcio Alcântara.

Adauto Bezerra, que acompanhou tudo de perto, reforça:

*“Para manter a coligação, altamente heterogênea, foram nomeadas duas pessoas, cada qual representando um partido. Representava o PSD o Waldemar Alcântara, e a UDN, o Gentil Barreira. Cada qual defendia a sua legenda, e do entendimento entre eles surgiam as soluções para a coligação. O governador ficava isento, e os dois representantes conversavam em busca de uma solução comum. Foram anos tranquilos para o Virgílio, mas para os dois que administravam os conflitos, nem tanto. Eles precisaram resolver muitas diferenças”.*

Com João Goulart e Menezes Pimentel.  
ARQUIVO FWA



O procurador Paulo Barrocas relembra outra história, que já faz parte do anedotário político local:

*“Esse episódio é interessante. Com a União já formalizada, houve uma ocasião em que os pessedistas se reuniram para desfiar suas queixas. Alguns propunham o rompimento, considerando que suas reivindicações não estavam sendo atendidas. Coube ao Dr. Waldemar levar os lamentos para o Virgílio, no Palácio da Luz, que ficava onde hoje é a Academia Cearense de Letras. Ele já estava com o carro em movimento, quando o cel. Elísio Aguiar, um cacique do PSD em Cariré, homem prático que não queria o rompimento, interceptou o veículo bruscamente para pedir:*

*— Waldemar, diga tudo ao Virgílio, mas não rompa, porque governo é governo!*

*E o Virgílio acabou cumprindo tudo o que prometeu”.*

Naquele início dos anos 1960, o Ceará estava formando técnicos pela UFC, Sudene e Banco do Nordeste, que seriam pela primeira vez aproveitados pela administração pública. O próprio Plameg tinha sido elaborado por técnicos dessas instituições, sob o comando do economista Hélio Beltrão.

No governo de VT foram criados o Banco do Estado do Ceará (BEC), a Secretaria de Planejamento (Seplan), a Superintendência de Desenvolvimento do Ceará (Sudec) e a Companhia de Desenvolvimento do Ceará (Codec)

A instalação de linhas para a transmissão da energia gerada pela Usina de Paulo Afonso, um gigante que revolucionou a infraestrutura do Nordeste, talvez tenha sido o feito mais emblemático de VT, que também ampliou o porto do

Mucuripe, capacitando-o para receber navios de maior calibre, e criou o Distrito Industrial de Maracanaú, que, no final da década, entraria em funcionamento.

## Instituto de medicina preventiva

Como secretário de saúde do governo do Estado, Waldemar deu um grande apoio ao Instituto de Medicina Preventiva (Imep), do qual já havia sido diretor. No período, o Imep era presidido por Joaquim Eduardo de Alencar, companheiro de lutas médicas.

Ligado à UFC, o instituto surgiu em 1959, com a missão de incentivar a pesquisa e aprimorar o ensino da medicina preventiva, saúde pública, saúde comunitária e epidemiologia.

Por formação, temperamento e trajetória profissional, Waldemar era um entusiasta da entidade. Quando diretor da Faculdade de Medicina, havia se empenhado para que o currículo reformulado incluísse uma cadeira de saúde pública em todos os seis anos do curso.

Numa manhã, Waldemar foi com o governador Virgílio ao Imep, para mostrar as instalações e explicar o trabalho ali desenvolvido. À tarde, mandou um telegrama convidando Joaquim Eduardo de Alencar para a Secretaria da Saúde, com o aval do governador.

Joaquim declinou do convite. O clima político estava pesado em dezembro de 1963. Ele já havia sido exonerado, alguns anos antes, da direção do Departamento Estadual de Saúde, por suas posições “esquerdistas e rebeldes”. Mais tarde, deixou um testemunho curioso sobre os anos 60 e o convite recusado:

*“Sabia-se que Virgílio estava na lista para ser degolado pela chamada revolução, o que não ocorreu graças à interferência do seu tio, o*

*marechal Juarez Távora, junto ao Presidente Castelo. Porém — hoje estou convencido —, se me tem nomeado, como desejavam tanto ele quanto Waldemar, para a Secretaria da Saúde, não teria escapado da cassação. Hoje, à distância, reconheço que dei um passo certo e, mesmo sem essa pretensão, acho que salvei o mandato do VT...” (Em depoimento ao livro “Dr. Valdemar: o Médico, o Político”).*

## Fecha-se o cerco

Os acontecimentos de março de 1964 pegaram o governo de Virgílio ainda no começo. O Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, suspende os direitos políticos dos suspeitos de subversão, derrubando deputados, ministros, senadores e embaixadores.

No dia seguinte à sua publicação, foram cassados os ex-Presidentes João Goulart e Jânio Quadros, o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, e o deputado federal, Leonel Brizola, dentre outros.

No Ceará, no mesmo dia 10 de abril, seis deputados estaduais tiveram seus mandatos cassados, dentre os quais Blanchard Girão. Em outubro, outros cinco seriam enquadrados. Dorian Sampaio, inicialmente poupado por ser filho de um tenente do exército morto na Intentona Comunista de 37, seria cassado em 1967.

Em 1964, os 13 partidos políticos legalizados no Brasil foram extintos. Com o Ato Institucional nº 2 (27/out./1965) e o Ato Complementar nº 4 (20/nov./1965), passa a valer o bipartidarismo, representado pela Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

A maior parte dos pessedistas e ude-nistas se acomodam na Arena, o partido da situação. Porém um grupo significativo do PSD cearense opta pelo MDB: Paes

de Andrade, Mauro Benevides, Martins Rodrigues, Figueiredo Correia e Dorian Sampaio, dentre outros.

Waldemar reuniu os companheiros de bancada para dizer que compreendia a posição de todos, inclusive dos que não queriam ingressar na Arena. Pedia apenas que aguardassem um pouco mais para anunciar a saída.

O Presidente Castelo Branco vinha reunir-se com as lideranças cearenses e Waldemar não desejava que o grupo se mostrasse desarticulado e enfraquecido. Quem conta é Dorian Sampaio: “Depois, foram todos liberados para tomar o rumo que desejassem”.

Com o AI-2, Virgílio aderiu à Arena, e seu vice, Figueiredo Correia, ao MDB. Eles não chegaram a concluir os mandatos, pois renunciaram para pleitearem vagas na Câmara Federal, nas eleições de 1966. A gestão foi concluída pelo presidente da Assembleia Legislativa, Franklin Gondim Chaves.

---

---

# COMIDAS E MANIAS

Uma cambica de murici, uma rodada de pôquer, um dia passado em casa, um prato de peixe, o hábito de acordar cedo, um copo de limonada com muito gelo... Algumas manias e prazeres ajudam a recompor a figura de Waldemar fora do ambiente de trabalho.

*“Apesar de ser um homem do sertão, que comia “misturado”, juntando arroz e feijão no prato e embolando tudo, não gostava de coisas pesadas. Adorava peixe, especialmente a carapeba que vinha da Lagoinha, trazida por amigos da família. À noite, tomava quase sempre coalhada com farinha. Lembro de uma comida meio diferente que ele gostava, a cambica de murici. Murici é aquela frutinha amarela, que dá no mato, na região da praia, muito comum nas bandas de Siupé. Queria ver ele feliz era oferecer uma cambica de murici. Comia num prato fundo, ela fria, grossa, com farinha e açúcar. Também adorava canjica e bolo de carimã nas festas do interior” (Lúcia Alcântara).*

A ex-agregada Adriana Forti, que morou cinco anos com a família, acrescenta à lista de guloseimas a “abacatada feita pela Ione”. E reforça o gosto do Doutor pelo

ambiente caseiro. “Após as nossas saídas de fins de semana, que eram tão poucas, ele sempre dizia: ‘Quem vai à festa três dias, não presta!’. Era mesmo um homem que gostava de ficar sossegado, quando não tinha compromissos de trabalho”.

A filha Lúcia lembra que aos domingos iam à missa das 9h da manhã e que, apesar de morarem na Av. Bezerra de Menezes, não frequentavam a paróquia do São Gerardo, e sim a Igreja de Nossa Senhora das Dores, na Praça do Otávio Bonfim. Depois, invariavelmente, iam passear pela cidade, fazendo visitas aos amigos próximos, como o Dr. Walter Cantídio. “Mas ninguém inventasse programa de domingo depois das duas horas da tarde. Para ele, o domingo era um dia de preparação para a segunda-feira, e por isso deveria ser encerrado cedo”.

Um prazer mais profano eram as rodadas de jogo com os amigos íntimos, que aconteciam esporadicamente. “Em determinados dias, eles começavam a ligar às quatro ou cinco da tarde, para combinar o encontro, que dependia das atividades do papai, pois era o mais ocupado”, conta Lúcia. Em Fortaleza, o pôquer regado a uísque tinha lugar, quase sempre, na casa de Moacyr Miranda, onde havia um caramanchão no quintal. José Carneiro da Silveira, Jean Jereissati e Michel Nasser eram os mais assíduos.

Carlos Roberto Silva Miranda, filho de Moacyr, herdou do pai a amizade com Waldemar: “Na distante década de 70, eu tive a oportunidade de conviver com o Dr. Waldemar e participar da intimidade da sua família em Brasília. Em um tempo que não contávamos com os recursos tecnológicos de hoje, as comunicações eram feitas através de cartas ou de longas esperas para se obter ligações telefônicas interestaduais. Muitas vezes recorri ao Dr. Waldemar para pedir aconselhamento e dirimir algumas dúvidas e/ou tomar decisões. Nos fins de semana era recebido não como um convidado, mas como um membro da família”.

Homem de hábitos, Waldemar também gostava de fazer surpresas. A filha Lília se delicia com essas lembranças — que em momento algum remetem ao sisudo Waldemar dos eventos de trabalho:

*“Não havia viagem sem presentes, e ele, aliás, sabia comprá-los muito bem. Ganhamos, por exemplo, lindos regalitos trazidos de uma viagem que fez ao Chile e importados comprados na Zona Franca de Manaus. Do Rio, para onde viajava mais frequentemente, trazia muitas e muitas coisas. Infelizmente, para minha tristeza, trazia até as minhas botas ortopédicas, que eu odiava, mas era obrigada a usar quando criança para corrigir o ‘pé chato’. Fazia muitas surpresas aos filhos e até certos teatrinhos domésticos. Outra característica: ele adorava ‘lançamentos’ em geral. Lembro-me que, já mais para o final da vida, sempre que algo surgia na cidade — uma avenida nova, um hotel, uma praça remodelada, um grande magazine —, gostava de ir lá conferir. Discretamente. Nunca na festa de inauguração”.*

Waldemar também guardava na manga algumas frases peculiares, verdadeiras máximas que ele repetia com frequência. O genro Eduardo França, casado com Lília, lembra-se de três delas — “três bandeiras que revelam um pouco do seu estilo pessoal e dos padrões de conduta que implantou na vida doméstica e na educação dos filhos”.

A primeira máxima — que, inclusive, ele adotou em casa — era muito invocada por Lília quando os filhos deixavam acesas as luzes ou ligados os aparelhos domésticos. Na sua própria casa, Waldemar sempre registrou a ocorrência desses pequenos deslizes. Para quem quer que fosse, a frase era a mesma: “Só apaga a luz quem a paga”.

Eduardo recorda a segunda máxima: “Casa em que menino não chora, velho chora mais tarde”. Para eles, “isso funcionou como um providencial alerta para resistir à tentação de fazer sempre a vontade dos filhos e não sucumbir ao comodismo de deixar a coisa correr solta”.

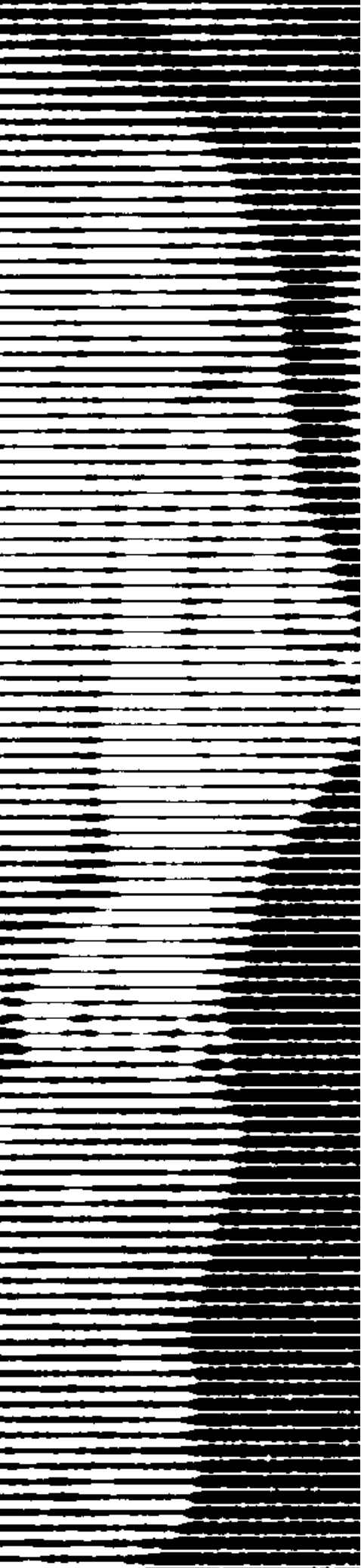
A terceira frase de Waldemar era a mais pitoresca e a mais sertaneja. Costumava ser usada nas despedidas. “Após o visitante anunciar que estava de partida, o anfitrião — sendo prático, mas não descortês —, arrematava definitivo: ‘Vai porque quer’. Para o bom entendedor, aquilo significava que, tendo sido prazerosas a visita e a prosa, outro motivo não havia para que não se estendessem por mais tempo”, justifica Eduardo.

Os filhos e netos citam mais duas pérolas que ajudam a formar um retrato de Waldemar:

“Conta não anda atrás de mim. Eu é que ando atrás das contas — dizia sempre o organizado Doutor, que não suportava atrasar pagamentos.

“Se está pagando imposto, é porque está ganhando! — rebatia, bem humorado, quando alguém reclamava do imposto de renda.





# 10

---

***A vida no  
Planalto  
Central e o  
Governo do  
Ceará***

---

**“Para os vitoriosos, era uma revolução. Para os derrotados, um golpe. Nenhuma das etiquetas, porém, revela por inteiro a natureza do movimento. Seria impróprio afirmar que os acontecimentos que culminaram com a queda de Jango constituíram revolução, na medida em que não implicaram mudanças estruturais na sociedade, como as ocorridas com a Revolução Francesa ou a Revolução Russa. Contudo, é igualmente inadequado referir-se apenas a golpe. Houve o golpe, claro, mas não com o objetivo de entronizar um novo grupo no poder; queria-se outro projeto nacional, politicamente conservador e economicamente modernizante. Até o termo ‘contrarrevolução’, às vezes preferido pela esquerda, não pode ser usado sem ressalvas, por pressupor que o governo Jango é que seria, de fato, revolucionário, quando, no máximo, tinha um perfil reformista. Por tudo isso, e na falta de expressão melhor, talvez seja mais indicado falar apenas em mudança de regime, de democrático para ditatorial.”**

OSCAR PILLAGALO, EM “A HISTÓRIA DO BRASIL NO SÉCULO 20”

**“Sejam realistas, exijam o impossível!”**

**“A imaginação no poder.”**

**“É proibido proibir.”**

FRASES RABISCADAS NOS MUROS PELOS ESTUDANTES, EM 1968



**C**om a extinção das agremiações políticas em 1964 e o estabelecimento do bipartidarismo, Waldemar Alcântara filia-se à Arena, o partido de apoio ao governo, que abriga dois terços do Congresso Nacional, ou 250 deputados e 40 senadores. Especulando hoje sobre os passos do pai naquele momento delicado, Lúcio Alcântara comenta:

*“Eu acho — mas não tenho dados que comprovem isso — que ele viveu um grande conflito no momento em que o PSD se dividiu entre a Arena e o MDB. Talvez ele tenha escolhido a Arena por causa de seu temperamento mais conservador e das suas bases rurais. Embora ele carregasse uma experiência acadêmica, tendo sido presidente do Centro Médico Cearense num período de certa efervescência e também diretor da Faculdade de Medicina, suas bases*

*rurais permaneciam fortes, inclusive por causa da família. O deputado Gomes da Silva, por exemplo, que foi deputado estadual e federal, era primo dele e tinha grande influência política na região de Pentecoste. A sua ligação com Virgílio também deve ter contribuído. O próprio Virgílio se enfraqueceu na época, foi ameaçado de cassação...”*

Almir Pinto, grande companheiro de partido, fez a seguinte avaliação do período, em conversa com Blanchard Girão:

*“Havia, no nosso velho PSD, os que aceitavam, mais ou menos, o Virgílio, que era o governador eleito pela União pelo Ceará. Este grupo permaneceu ao lado do governador, dentro do que fora concebido como a União pelo Ceará. Waldemar pertencia a essa facção. A minoria do nosso partido, todavia, discordou e preferiu ingressar*



*no MDB, à frente Martins Rodrigues, Paes de Andrade, Mauro Benevides e mais alguns. Não houve, a meu entender, uma adesão ideológica, mas o respeito ao acordo celebrado bem antes da criação da Arena para formar a União pelo Ceará”.*

Waldemar apoiou Virgílio em diversas ocasiões, inclusive quando este, que havia sido ministro da Viação e Obras Públicas de João Goulart, encontrava-se sob a ameaça de cassação (salvou-se por

ser sobrinho do marechal Juarez Távora). Mais adiante, no início da década de 70, quando estavam ambos no Senado, Virgílio adoeceu em meio às atividades da Comissão Coordenadora de Estudos do Nordeste (Cocene), e quem levou os trabalhos adiante foi Waldemar. Antes de seguir para o Rio, onde seria operado, VT recomendou ao amigo alguns assuntos de cunho familiar, tal era a confiança entre ambos.

Ao que parece, a natureza conservadora e o espírito democrático conviviam

Cena da posse como senador, Brasília (DF).  
ARQUIVO FWA



em Waldemar, sem grandes atritos. Ele manteve excelentes relações com os ex-companheiros que foram para o MDB e, junto com Dolores, frequentava os casais Figueiredo Correia e os Martins Rodrigues, dentre outros. Os filhos mais velhos lembram do pai pendurado a um velho telefone preto, de parede, na casa da Av. Bezerra de Menezes, intercedendo junto à Polícia Federal por Rosa da Fonseca, presa em ato de contestação contra o ministro Jarbas Passarinho. Atendia a um pedido da mãe de Rosa, Dona Rocilda, amiga e comadre desde Quixadá.

“Em todo caso, ele nunca se serviu do poder para perseguir ninguém ou enriquecer”, ressalta a filha Luiza. O jornalista Lustosa da Costa, que conheceu o Doutor no final dos anos 1950, considera que “ao longo de sua vida pública, Waldemar foi um político antigo, daqueles que não se comprava nem se vendia. Também não intermediava negócios. O único empresário com quem o víamos era José Carneiro da Silveira, com quem, às vezes, almoçava no Náutico, e que não tinha negócios com o governo. Por isso, morreu como nasceu, apenas com o patrimônio familiar de alguns vacas e uma fazenda”. Um bom amigo, não citado por Lustosa, era o empresário José Macedo.

Em Brasília, o primeiro Presidente do regime militar, o cearense Humberto Castelo Branco, tomou posse num clima de evidente agitação, mas muitos biógrafos acreditam que a sua intenção primeira era devolver o poder aos civis assim que a “ameaça comunista” fosse debelada. O retorno à normalidade, porém, delongaria 20 anos.

No dia 3 de outubro de 1966, o ministro da Guerra Arthur da Costa e Silva foi escolhido indiretamente pelo Congresso Nacional para suceder Castelo Branco. Pertencente à “linha dura” da caserna, Costa e Silva defendia uma série de medidas repressivas em nome da segurança nacional.

Ainda em 1966 foram eleitos os novos congressistas brasileiros. No Ceará, as duas

vagas para o Senado ficaram com Menezes Pimentel e Paulo Sarasate, ambos da Arena. Sarasate — que fora deputado estadual em 1934, deputado federal por quatro mandatos e governador do Ceará entre 1954 e 1958 — militava pela UDN antes do bipartidarismo de 64. Tinha sido desafeto político de Waldemar, mas algumas lutas comuns os aproximaram.

“Meu pai foi deputado da oposição quando o Paulo Sarasate era governador. Depois eles se transformaram em grandes amigos, a ponto de Sarasate insistir para que meu pai fosse o suplente dele no Senado. Na época, ele já sabia que estava com câncer e cumpriu cerca de um ano de mandato”, detalha Lúcio Alcântara.

O senador Paulo Sarasate morreu no dia 23 de junho de 1968, pouco antes de completar 60 anos. O primeiro suplente Waldemar Alcântara entregou o cargo de diretor do Banco do Nordeste para cumprir o mandato em Brasília, a nova Capital Federal.

Maior emblema do Governo JK, Brasília era uma jovem cidade de apenas oito anos quando Waldemar tomou oficialmente posse do cargo. Projetada pelo urbanista Lúcio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer no coração despovoado do País, a cidade das superquadras e amplos espaços verdes ainda estava adquirindo alma quando seus primeiros habitantes se instalaram no cerrado.

Waldemar foi para o Planalto Central com Dolores e Lília, a família em versão reduzida. Isso porque os dois filhos mais velhos, Luiza e Lúcio, já estavam casados, e Lúcia também ficou em Fortaleza para concluir o curso de medicina. A fiel Ione, agregada desde a infância, foi com o casal, que permaneceria em Brasília até o fim do mandato de Waldemar, em 1974.

O período no Senado Federal representou uma renovadora e instigante prova de trabalho, convívio político e troca de experiências. Lília, que passou no vestibular para arquitetura da UnB,

conta sobre o entusiasmo dos pais nos seis anos de estadia:

*“Dava pra sentir que ele gostava do Senado, da atividade parlamentar, do convívio com os senadores e do dia-a-dia do gabinete. E que curtia a atmosfera de Brasília e o modo como se vivia na cidade. Desnecessário dizer que minha mãe entusiasticamente partilhava com ele dessa aprovação. No meu pai, a vida em Brasília operou algumas mudanças. Ele parecia bem mais solto e mais alegre, a despeito da saudade dos filhos ausentes e da falta que sentia da chuva no sertão. Parecia mais propenso a participar da vida doméstica, a interagir mais, a se interessar por coisas que nunca tinham tido a sua atenção. Para ilustrar, certa vez chegou a criticar a nova decoração do apartamento ocupado por um de seus pares no Senado. E depois, na presença do ilustre senador, ainda requereu o meu aval às críticas ao projeto recém-concluído, dizendo a Sua Excelência que eu tampouco gostara daquela decoração”.*

## Equacionando diferenças

Em 1968, as ruas das grandes capitais estavam agitadas. Medidas repressivas fizeram crescer a oposição ao regime militar. Variadas facções de esquerda pregavam a luta armada, e a coerção das forças políticas pelo Governo Federal não impediu que ocorressem greves operárias. Movimentos clandestinos de protesto foram ganhando corpo em todo o País. O trabalho dos padres progressistas, que tinha como símbolo Dom Hélder Câmara, denunciava as imensas carências sociais num país que crescia sem dividir o bolo.

A sucessão de protestos contra a ordem estabelecida culminou com a “Passeata dos 100 mil”, no Rio de Janeiro, que expressava a revolta dos estudantes contra a morte do secundarista Edson Luís, assassinado pela PM no restaurante Calabouço. “Mataram um estudante, podia ser seu filho”, gritava a multidão, ostentando cartazes com palavras de ordem: “Mais pão, menos canhão” e “Abaixo a ditadura”. Entre os participantes do evento, de dimensões inacreditáveis para a época, estavam Chico Buarque, Caetano Veloso, Marieta Severo, Clarice Lispector, Tancredo Neves e uma então jovem e desconhecida estudante de 20 anos, Dilma Rousseff.

O AI-5 de Costa e Silva foi um balde de água fria num caldeirão em chamas. Em vigor a partir de 13 de dezembro de 1968, com ele o Presidente passa a ter poderes absolutos e os direitos políticos são suspensos, assim como as garantias individuais. O Ato Institucional mais duro de todos também proíbe manifestações populares e estabelece a censura prévia à imprensa.

Apesar das turbulências políticas, o Senado trouxe muitas satisfações para Waldemar. Em Brasília, o médico novamente norteia os interesses do político. Assuntos sanitários, mortalidade infantil, epidemias e endemias crônicas, desnutrição, os baixos indicadores nordestinos na área da saúde: esses tópicos se repetem e se renovam em seus pronunciamentos.

*“Afora a tentativa do Plano Nacional de Saúde, lançado no governo Costa e Silva, em caráter experimental, e que logo teve comprovada a sua inviabilidade, não se tem notícia de outra iniciativa de vulto, visando ao equacionamento de problemas que permanecem praticamente os mesmos ou se agravam com o decorrer dos tempos. Continuamos a exibir os piores indicadores de saúde. Aí estão as nossas taxas de mortalidade, tidas*

*como das mais fortes, mesmo entre países subdesenvolvidos, demorando em torno de 12%, embora se registre um leve decréscimo, devido menos a uma ação oficial específica de recuperação e proteção de saúde do que de outras influências, notadamente as de ordem econômica. Nessa taxa se inclui, esclarecemos, o óbito infantil que contribui substancialmente para aumentá-la. Citemos, para ilustração, uma mostra referente a 15 municípios cearenses trabalhados pela FSESP, em 1967, onde se vê que a mortalidade infantil incidiu 42,07% sobre o grupo etário de 0 a 1 ano de vida” (Waldemar Alcântara, em pronunciamento no Senado, no dia 05 de agosto de 1970).*

O sangue de sanitarista continua a correr-lhe nas veias. Na tribuna, pede que as faculdades de medicina, então em número de 74 em todo o País, se voltem para a realidade sanitária brasileira, reformulando seus currículos, de modo a tornar obrigatória a cadeira de saúde pública. Era preciso estimular a prática da medicina preventiva e não apenas as dinâmicas assistenciais. Waldemar já havia proposto o mesmo no Instituto de Medicina Preventiva (IMEP), alguns anos antes.

Como profissional de saúde e ensino, defende também o estágio rural obrigatório para os que pretendem seguir a carreira médica — uma demonstração do quanto a experiência em Quixadá foi marcante em sua trajetória. No Dia Nacional da Saúde, compara o atraso nordestino com a evolução mundial, medindo o abismo que nos separa das modernas tecnologias do setor. Com tenacidade, critica o enfraquecimento da política de incentivos fiscais para o Nordeste, assim como a atuação da Sudene, cada vez mais voltada para um programa industrial, em detrimento da agropecuária.

Contudo, os posicionamentos mais curiosos do Doutor cearense no Senado

dizem respeito à acalorada defesa em prol da legalização da maconha. No dia seis de julho de 1968, por exemplo, declara em plenário que a maconha “se insere na realidade brasileira como manifestação de contestação”. Em vários apartes, condena as ações meramente repressivas contra os usuários, respaldando-se em pesquisas científicas da época.

“Não me consta que a maconha seja um tóxico e nem tampouco determine o que seja dependência”, provoca. Diante da discordância do senador Ruy Santos, e tendo que abandonar a discussão para dirigir-se a uma segunda reunião, encerra bem humorado: “Peço permissão para fumar o narguilê com o nobre colega em outra oportunidade”. Amigo da ordem, o Doutor também tinha os seus dias de atrevimento...

Durante os seis anos no Senado, Waldemar foi membro da Comissão de Saúde, Presidente da Comissão de Segurança Nacional e de Assuntos Regionais, relator do projeto de lei que criou o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) e coordenador geral da Comissão Coordenadora de Estudos do Nordeste (Cocene).

A Cocene nasceu com o intuito de oferecer subsídios para um plano de assistência e de incentivos à região mais pobre do País. O relatório da comissão — uma radiografia bastante crua da realidade — foi feito à revelia do governo e diante da sua manifesta má vontade, pois muitos apontaram o conteúdo contestador do texto em questão.

No início visto com ceticismo por alguns parlamentares — afinal era um documento da Arena —, foi à frente graças aos esforços pessoais da equipe. Dinar-te Mariz foi o presidente da comissão e Virgílio Távora ficou como relator geral, enquanto Waldemar assumia a coordenação dos trabalhos. O prazo estabelecido para os estudos e investigações era de 90 dias — demarcação estreita demais para tão largos problemas.

Com ajuda de técnicos do BNB, como Pedro Sisnando, então chefe do Departamento de Estudos Agrícolas, Waldemar e Virgílio conseguiram concluir um relatório que extrapolou os estreitos limites da retórica política, propondo caminhos concretos e lançando luz sobre graves questões.

Sisnando, que durante dois meses esteve em Brasília, prestando assessoria a Waldemar e Virgílio, resume o que achou: “Durante esse período, em convivência quase diária com esses extraordinários homens públicos, tive oportunidade de conhecê-los profundamente (...). Como pode ser observado no conteúdo dos estudos que elaboraram, não temiam quaisquer restrições às críticas e recomendações que propuseram com esse objetivo”.

O impacto da seca de 1970, as insatisfatórias medidas políticas adotadas pelo Governo Federal, os incentivos fiscais administrados pela Sudene, o desafio de modernização da agricultura, a promoção de novas iniciativas ligadas ao turismo e à pesca, a disponibilidade de insumos e a questão da irrigação foram alguns dos tópicos destrinchados pela Comissão.

Vale lembrar que a década de 1970 registrou o maior crescimento e também a maior concentração de renda no Brasil. A estrutura econômica do Nordeste pouco havia mudado com relação à divisão dos recursos. Houve, porém, alteração nas atividades produtivas: “O emprego no setor rural, que era de 74% em 1950, passou para 66% em 1970, a favor das atividades não agrícolas ou urbanas”, diz o relatório.

Criada oficialmente no dia 11 de março de 1971, a Cocene recebeu uma análise pertinente de Antônio Carlos Pojo do Rego no livro “O Congresso Brasileiro e o Regime Militar”:

*“Como deveria a comissão agir para bem desempenhar a tarefa de ‘informar o governo? A resposta consiste na realização de um*

*levantamento criterioso da situação, através da visita de parlamentares aos congressistas, debates e estudos encomendados (...).*

*O relatório, denominado ‘Estudo nº 1’, foi publicado ainda em 1971, após ter sido apresentado ao Presidente da República. Constam do estudo recomendações de políticas públicas nas áreas de agricultura, pecuária, indústria, habitação, desenvolvimento urbano e local, finanças públicas e exportação. O governo não tentou impedir abertamente o seu trabalho, mas a comissão não obteve qualquer ajuda do governo para uma tarefa que tinha como meta implícita questionar as políticas públicas da região.*

*A importância intrínseca do relatório, apesar de seu viés conservador, pode ser observado nos elogios que recebeu da imprensa, mesmo dos jornais independentes”.*

O relatório da Cocene está sendo relançado, em volume síntese, pelo Senado. As recomendações sugeridas pelos parlamentares foram adotadas apenas parcialmente pelo Governo Federal, como observa Pedro Sisnando em texto introdutório ao documento.

## Na volta ao Ceará, o governo

Adauto Bezerra foi o terceiro governador do Ceará nomeado durante o regime militar. Sua indicação por parte do Presidente Ernesto Geisel se deu em 1974, mesmo ano em que Waldemar e Dolores voltaram para Fortaleza. Vítima de um AVC no último ano do Senado, Waldemar estava ainda se recuperando quando recebeu o convite para ser vice de Adauto. É Adauto quem refaz a história:

*“Praticamente não houve negociação. Eu estava em casa quando, às sete horas da noite, toca o telefone. Era meu primo Humberto Barreto, portavoz do presidente Geisel. Ele me ligou para informar: ‘Adauto, pode anunciar nos jornais que o presidente escolheu seu nome’. Fui a Brasília, me apresentei ao Geisel e fiquei hospedado na casa do Humberto. Foi então que o Virgílio Távora me propõe convidar o Waldemar para vice. Eu concordei com prazer!”.*

Foram ambos, Adauto e VT, à casa do Waldemar, a fim de anunciar a decisão. Ainda sem muita mobilidade, ele articulava as palavras com esforço.

— Gostaríamos que você compusesse a chapa e fosse vice-governador do Estado — informaram Virgílio e Adauto.

— Eu não posso! Entendam, eu tive um AVC, estou me recuperando ainda, não estou andando, minha perna não suporta! — retrucou Waldemar, que, segundo Adauto, teria proposto em seu lugar o nome do filho Lúcio, secretário de Saúde do Governo Cesar Cals, médico e político como o pai. Adauto não pôde aceitar:

— A Constituição veta, por causa da idade, ele é muito novo. Tem que ser você, Waldemar! O convite está feito, você vai entrar em tratamento, lá na frente você decide.

Algum tempo depois, “um mês ou dois”, Virgílio veio novamente de Brasília para Fortaleza. Adauto foi pegá-lo no aeroporto e, no carro, o infatigável VT chega a sugerir o nome de Manoel de Castro como alternativa, mas o futuro governador não concorda.

Vão então para a casa do Milton Moraes Correia, onde tinham combinado de encontrar Waldemar. Adauto diz a ele que estava ali para confirmar o convite feito anteriormente — inclusive porque o tratamento já começara e percebia-se uma melhora em seu estado de saúde.

— Virgílio, existe alguma restrição ao meu nome? — pergunta Waldemar.

Virgílio diz que não. Waldemar é eleito na Assembleia por unanimidade e comparece com a família à cerimônia de diplomação no Theatro José de Alencar. Lúcio Alcântara, designado secretário de Saúde, seria o braço direito do pai durante todo o período, encontrando-se regularmente com o governador, de acordo com relato do próprio Adauto.

Nascido em Juazeiro do Norte, numa família influente da região do Cariri, sul do Ceará, Adauto Bezerra tinha formação militar e elegeu-se deputado estadual em quatro pleitos sucessivos antes de assumir o Governo do Estado.

Como governador, uma de suas obras mais importantes foi levar energia para todas as sedes municipais. Procurando melhorar a precária rede viária do Estado, fez estradas vicinais que tiraram pequenos distritos do isolamento. Outra preocupação era a água.

*“Fortaleza não tinha um sistema de abastecimento d’água. A água era vendida em carroças. Tínhamos água que vinha do açude Acarape do Meio, atendendo uma pequena parcela da população. Então nós elaboramos um projeto para beneficiar toda a população de Fortaleza. Foram feitos os açudes Riachão, Gavião e Pacoti, todos interligados. O Gavião era o distribuidor, mas as águas vinham do Pacoti e do Pacajus. Isso foi inaugurado na época do Virgílio, mas eu deixei tudo pronto, só no ponto de abrir as torneiras”.*

Ao criar a Secretaria para Assuntos Municipais, Adauto fez com que boa parte das reivindicações de prefeitos e deputados passasse pelas mãos de seu irmão Humberto. Tudo ia bem até que, a um ano do fim do governo, Adauto anuncia a seu vice:



— Waldemar, se prepare que você vai assumir definitivamente. Eu vou me candidatar a deputado federal.

Lúcia Alcântara tem lembranças muito pessoais dessa época:

*“O dia em que o Adauto Bezerra bateu o martelo e disse que iria deixar o governo, foi um dia de tristeza lá em casa. Meu pai ainda estava tratando das sequelas do AVC. A cabeça estava boa, mas havia limitações físicas, o lado direito ficara meio paralisado, então ele aprendeu a fazer uma nova assinatura, usando a mão esquerda. Passava o dia exercitando isso. Papai tinha muito medo de se expor, claro, porque como governador do Estado as atenções estariam redobradas... Mas contava com o Lúcio do lado dele, e*

*também com o tio Adelino, irmão da mamãe, que era muito presente”.*

Com a renúncia do titular, o Governo do Estado ficou nas mãos de Waldemar entre fevereiro de 1978 e março de 1979. Foi um governo breve, em que ele buscou levar adiante as obras e programas mais importantes de Adauto, batalhando por recursos financeiros para rodovias, escolas e saneamento. Obteve um significativo volume de verbas, em grande parte devido às experiências e amizades adquiridas em Brasília.

No início dos anos 70, o serviço de abastecimento de água de Fortaleza aumentou consideravelmente o número de ligações domiciliares feitas pela Cagece, com apoio do Plano Nacional de Saneamento (Planasa), mas a rede de esgotos era

Waldemar Alcântara e Adauto Bezerra, Fortaleza (CE).

ARQUIVO FWA



Com Aduino Bezerra, percorrendo o interior do Ceará.

ARQUIVO FWA

de apenas 53 quilômetros e atendia cerca de 8,0% dos 800 mil habitantes da cidade.

No governo Aduino, teve início a construção do interceptor oceânico e do emissário submarino, com o intuito de reparar as deficiências do sistema de coleta, transporte e disposição final dos esgotos. As obras começaram em fevereiro de 1977.

No ano seguinte, Waldemar inaugurou a primeira etapa do interceptor oceânico, com uma extensão de 5,5 quilômetros, desde o Mucuripe, na altura da estátua de Iracema, até a estação de condicionamento de esgoto localizada no Poço da Draga. Uma escultura em aço pintado, do artista plástico Sérvulo Esmeraldo, foi instalada próximo ao Clube Náutico Cearense, para marcar o empreendimento.

Paralelamente, o governo tocou os programas de agricultura, construiu novas habitações no Conjunto Ceará, ampliou o

sistema de abastecimento do Conjunto José Walter, concluiu conjuntos habitacionais sociais em cidades do Interior. Na área da saúde, o principal marco foi a conclusão e inauguração do Centro de Hemoterapia do Estado, em Fortaleza, e do Hospital Bezerra de Menezes, em Jaguaratama.

Se é verdade que o poder envelhece os jovens e renova os velhos, Waldemar assumiu na hora certa. Seu estado geral de saúde apresentou uma visível melhora, conforme atestam os que trabalharam com ele. Na equipe, os assessores mais próximos, como a sua nora Maria Beatriz Rosário de Alcântara — funcionária pública estadual e pessoa de confiança da família — e o amigo Milton Pinheiro — chefe de gabinete —, davam o apoio emocional necessário, reviam textos, programavam aparições e evitavam expor o chefe a circunstâncias desagradáveis.





Transmissão de cargo de governador do Ceará, quando sucedeu Adauto Bezerra.

ARQUIVO FWA

Mauro Gondim, secretário de Agricultura e Abastecimento do Governo, recorda aqueles dias de trabalho:

*“Eu o conheci quando ele era presidente da Associação dos Professores de Ensino Superior, a APESC, da qual eu era associado. Depois, no governo, tivemos uma experiência fantástica, de muita interação e entendimento. O Dr. Waldemar tinha uma conduta politicamente inatacável. A gente sentia as limitações físicas dele, mas ele ouvia o que tínhamos a dizer e absorvia tudo rapidamente”.*

Leorne Belém conviveu com o governador numa outra situação:

*“Em 1978, quando o Dr. Waldemar assumiu o governo, eu já tinha*

*alguma ligação com a família, mas nós estreitamos os laços de amizade naquela época. O Lúcio era candidato a deputado federal, e eu a deputado estadual, mas ele acabou desistindo porque foi ser secretário do pai. Então o Dr. Waldemar transferiu para mim a sua influência política no Interior, o que foi absolutamente decisivo”.*

Waldemar ainda teria a satisfação de ver o filho Lúcio à frente da Prefeitura de Fortaleza, em 1979. Depois do Governo do Estado, foi se afastando das pelejas partidárias, mas nunca perdeu a paixão pelas conversas políticas. Manteve até a morte, em 1990, o hábito de receber amigos e ouvir pessoas. Auxiliadora Benevides, secretária de Lúcio, conheceu Waldemar nesse período em que ele já não ocupava cargos públicos:

*“Fui apresentada ao Dr. Waldemar e a Dona Dolores em 1980. O casal sempre me recebeu com muito carinho e afeto. Quase todos os dias eu batia o ponto, por volta das 17 horas, na casa deles. Conversávamos muito, brincávamos, ríamos. O Dr. Waldemar tinha um bom humor que me contagiava. Um humor que era uma espécie de contraponto à seriedade que demonstrava socialmente”*

Membro fundador de diversas instituições médicas e político com experiência no Executivo e no Legislativo, Waldemar chegou ao fim da vida com muitas histórias para contar e algumas decepções para esquecer. A não-inclusão de seu nome na lista tríplice de candidatos à Reitoria da UFC, em 1967, foi um desses desapontamentos. O outro, talvez maior, diz respeito ao BNB, o banco que ele ajudou a trazer para o Ceará.

“Meu pai ia ser presidente do Banco do Nordeste, durante o governo

parlamentarista, indicado pelo PSD. Chegou a ter o ato assinado pelo então primeiro ministro Tancredo Neves, mas o presidente João Goulart, por pressão do PTB, nunca assinou”, reconstitui Lúcio Alcântara.

Tancredo encontrou-se mais de uma vez com Waldemar para reiterar o compromisso de nomeação, mas a promessa acabou se perdendo num emaranhado de interesses escusos, culminando com a desistência do candidato. Waldemar anunciou a resolução no dia 13 de novembro de 1961, em reunião extraordinária com o diretório regional e a bancada estadual do partido. Segue trecho do documento redigido para o encontro:

*“Dois meses de persistente, sucessiva, enervante e injustificada procrastinação, iniciada com desentendimentos que logo passaram à velada disputa; daí, à luta aberta; depois, a avanços e recuos, tudo isso entremeado de transigências*



Folheto publicitário do Governo Waldemar Alcântara. ARQUIVO FWA



*solicitadas e concedidas, de renúncias sugeridas e prontamente manifestadas, sendo, ainda mais, os episódios todos salpicados de boatos, deformados pelas inverdades, maculados pela infâmia, roídos pela inveja de que não se aparta o azeite, nem se desapega a traição (...). Vejo-me — forçoso é confessar —, duplamente ofendido; como chefe de partido e como cidadão”.*

Na balança dos sentimentos, porém, as decepções não pesariam mais que as alegrias alcançadas. É o que pensam os filhos e amigos que ficaram. Waldemar morreu de insuficiência cardio-respiratória, numa manhã do dia 10 de dezembro de 1990, na Casa de Saúde São Raimundo, em Fortaleza.

Apesar dos problemas de mobilidade, permaneceu lúcido até o fim. Vivia com Dolores na agradável casa do Pio XII, hoje Fundação Waldemar Alcântara,

mas comprou um apartamento no mesmo prédio da filha Lúcia e ia visitar o local com frequência, sabendo que não viveria muito. “Queria deixar a mamãe perto de mim”, considera a filha.

Dolores morreu em 2002, apenas dez dias após a eleição de Lúcio Alcântara para o Governo do Estado. Na mitologia familiar, a veia política de Dona Dolores é reforçada por essa proximidade de datas: a de sua morte e a da vitória do filho nas urnas: “Era como se ela apenas aguardasse isso para nos deixar”, diz Luiza.



Sendo condecorado por Virgílio Távora com a medalha da Abolição, a maior comenda do Estado do Ceará.

ARQUIVO FWA

---

---

# ABRIL ERA NOSSO

*“Ele era meu vô das ‘férias grandes’. Me lembro que meus pais exigiam dose extra de bom comportamento e de respeito, mas ele me parecia apreciar aquela baguncinha de verão, feita pelos netos de Brasília. Não era raro tirar dele uma risada gostosa e arrastada...*

*Sempre que estou sentada, com a mão relaxada, palma pra cima (‘mão reia mole’), eu me lembro dele em casa, com o mesmo gestual, sentado no seu gabinete, o outro braço apoiado na bengala, e o pé na sandália de couro.*

*Quando ele foi ficando mais velhinho e ruim de saúde, a Ciene, que o acompanhou por muitos anos, me dizia que quando ele estava mais forte as flores da trepadeira do quintal abriam e ficavam coloridas. Toda manhã eu ia lá perto conferir o diagnóstico do dia.*

*Aí aos 10 anos eu retornei das férias e, quando voltei da outra vez, ele já não estava mais lá. E as férias do Ceará mudaram pra sempre”*  
(Joana França, neta).

Na Rua Júlia Vasconcelos, nº 100, Pio XII, onde Dolores e Waldemar viveram a partir de 1977, após o período em Brasília, os visitantes encontram uma casa que retrata as vias amorosas de seu dono: o brasão de boas vindas, a mangueira que ele adorava, a mobília de cumaru dos tempos de Quixadá, uma antiga ficha da clínica dos médicos Antônio de Castro e Waldemar Alcântara... Apenas o jasmineiro está morto.

Projetado pelo arquiteto Neudson Braga, o local onde Waldemar viveu seus últimos anos tinha “poucos quartos e muita sala”, como observam os filhos. Foi calculado sob medida para a política Dolores, devota de linhas simétricas, materiais duradouros, ambientes limpos e arranjos não rebuscados. Com exceção de algumas divisórias, instaladas para viabilizar o trabalho da Fundação Waldemar Alcântara, a casa permaneceu tal como antes.

Uma enorme mesa domina a sala, que se integra perfeitamente à varanda, local onde a família costumava se reunir aos sábados, com petiscos, agregados e convidados, sob a atenta supervisão de Dolores. No centro do espaço, iluminado por conversas preguiçosas, Waldemar

bebericava seu uísque, enquanto os netos, soltos, gravitavam no entorno.

Hoje, para a nova geração, a imagem do avô se fragmenta em incontáveis registros íntimos e familiares: a cor singular de algumas frases, certos gestos repetidos, os objetos mais amados, o alarido da varanda, uma foto em p&b, as bênçãos pedidas (e concedidas), as alegrias de abril, as chuvas mil, as férias grandes, o amanhecer em São Gonçalo, a rede, os chinelos, a boina, a bengala...

“Eu era muito novo quando meu avô morreu, mas lembro que ele gostava de ficar próximo aos netos na grande e sombreada varanda, tomando uísque Old Parr de chinelos confortáveis”, sorri Bernardo, caçula de Lília e irmão de Joana, colando uma pedra colorida no mosaico.

“Recordo muito dele já após ter sofrido alguns problemas de saúde, com a mobilidade limitada. No entanto, frequentávamos a sua casa, as sempre legais ‘varandas’ dos sábados pela manhã, na Rua Júlia Vasconcelos, onde hoje funciona a Fundação WA. Eu era pequeno e ele sempre me cobrava que cortasse os cabelos, que estavam muito compridos. Lembro-me dele como

vice-governador e depois governador por um ano. Infelizmente, tivemos pouco tempo”, lamenta Paulo, filho de Luiza.

Ana Luiza, irmã de Paulo, evoca um período anterior. “A gente morou durante muito tempo perto da casa do vovô, na Bezerra de Menezes, então todas as noites eu ia para lá passear.” Para a menina, o “avô de cara fechada” era amável e carinhoso, em contraste com a avó, dura e forte. Ele gostava de puxar conversa, e nas reuniões de sábado, quando todos se sentavam ao redor do anfitrião, “os assuntos eram variados, mas passavam sempre pela política”, diz ela.

— Menino, vai pegar a sandália do seu avô!

— Menino, traz a bengala!

Carlos e Ciro, filhos de Lúcia, guardam essas frases na memória, junto com a imagem dos apetrechos do avô. “Muitas vezes eu ia buscar as sandálias dele e, depois de calçá-las, entregava a bengala para que ele pudesse ir para a mesa de almoço ou para o quarto. Apoiava uma mão em mim e com a outra segurava a bengala”, pontua Carlos.

Ciro reforça, sorrindo, que era inevitável ouvir as ordens para pegar os objetos,



A família Alcântara em sábado de conversas, na casa da Rua Júlia Vasconcelos, Fortaleza (CE).

EDUARDO FRANÇA



Waldemar Alcântara e a neta Daniela, na calçada da casa em São Gonçalo do Amarante (CE).  
ARQUIVO DA FAMÍLIA

sempre que o avô levantava. Os irmãos visitavam Waldemar e Dolores quase todos os dias, por volta das seis da tarde, acompanhando a mãe, que ia vistoriar a saúde do casal. Quando chegavam, tomavam a benção, e muitas vezes encontravam o avô descansando na rede na sala.

“Eu gostava muito de ir para a casa deles, lá tinha espaço para brincar e correr, além de ser tratado com as regalias de neto que são encontradas nas casas dos avós. Recordo também que, na Júlia Vasconcelos, fizemos algumas festas de aniversário, minhas e de meu irmão”, comenta Ciro, acrescentando que “quase todos os que conheceram meu avô dizem que eu sou ‘a cara do Waldemar’. Quando se olha algumas fotos dele jovem, essas semelhanças físicas ficam realmente bem evidentes”.

Para Leonardo, filho de Lúcio e Beatriz, o mais marcante fragmento está num pedaço de papel: “Quatro gerações. São muitas as lembranças felizes de meus avós. No entanto, a mais intensa recordação, que até hoje me acompanha, paradoxalmente, não tem registro na minha memória. Encontra-se gravada numa fotografia dos 90 anos do meu bisavô, o ‘Padito’, no São Gonçalo do Amarante: eu, no colo de meu pai, cercado por vovô Waldemar e Padito”.

Waldemar, o garoto de São Gonçalo nascido em abril, teve duas netas que vieram

ao mundo nesse mês de chuvas. Joana, que abre o capítulo e Daniela, que o fecha:

*“O meu avô Waldemar fazia aniversário muito perto do meu. Ele no dia 12, eu no dia 15 de abril. E eu gostava tanto dessa ‘coincidência’! Não é que não quisesse ter uma festa só minha, mas sentia que o meu aniversário era mais importante só por ser tão perto do dele. Éramos ele e eu; só depois é que veio a Joana, outra neta de abril.*

*Abril era nosso, e da Semana Santa também, por isso muitas vezes estávamos em São Gonçalo, e então era praticamente só dele, todo mundo passava em frente à casa, ou entrava, parabenizando-o, e ele sempre dizia, com um sorriso: ‘Daqui a uns dias é o dessa menina aqui também’.*

*E ‘essa menina’ estava sempre que podia sentada perto dele, segurando a mão, enorme, como eu a recordo, ou ao pé da cadeira de balanço, desfrutando daquela serenidade, aquela doçura. Eu o via como uma unanimidade indiscutível e incontestável — até mesmo quando vetou a nossa ida, minha e da minha prima Ana Luiza, ao Rock in Rio, por achar que não tínhamos idade. Não tínhamos mesmo, e eu nem fiquei chateada.*

*Acho que as únicas coisas que eu não gostava nele eram gastronômicas: coalhada e murici... aí, vovô, leite coalhado e cambica de murici?!? Mas hoje, eu que gosto de pimenta, sempre escuto da minha mãe: ‘Deve ser por causa do teu avô, que gostava de pimenta e estudou medicina na Bahia’.*

*É pena vovô, que a gente não tenha tido mais tempo juntos, cada um no seu dia de abril, de chuvas mil. Queria tanto saber qual era a tua música preferida...”*

# Cronologia

- 1912** Nasce no dia 12 de abril, José Waldemar Alcântara e Silva, em São Gonçalo do Amarante.
- 1918** É matriculado na escola pública Arraial da Lagoinha.
- 1928** Muda-se para Fortaleza, onde se matricula no Colégio Castelo Branco, do professor Silas Ribeiro.
- 1929** É aprovado no exame de admissão do Liceu do Ceará.
- 1931** Transfere-se para o recém-criado Ginásio São João, a convite do prof. César de Adolfo Campelo.
- 1932** Conclui o ensino médio, então Curso de Humanidades.
- 1933** É aprovado no vestibular da Faculdade de Medicina da Bahia.
- 1938** Diploma-se médico no dia 4 de dezembro e retorna em seguida a Fortaleza.
- 1939** Faz o curso de Sanitarismo. Casa-se com Maria Dolores Brasileiro Alcântara, no dia 20 de maio.
- 1940** Assume, no dia 13 de janeiro, o posto de médico sanitário do Departamento de Saúde Pública, em Quixadá, onde passa a residir.
- 1941** Nascimento no dia 21 de novembro da primeira filha, Luiza, que mais tarde se formaria em biblioteconomia.
- 1942** Faz o curso de Oficial Médico da Reserva do Exército. Retorno a Fortaleza. Presidente da Policlínica Dona Libânia. Participa da fundação do Instituto dos Cegos.
- 1943** Diretor do Centro de Saúde de Fortaleza. Nascimento, no dia 16 de maio, do segundo filho, Lúcio Alcântara, que seria médico e político, como o pai.
- 1944** É presidente do Instituto do Câncer do Ceará (ICC), papel que desempenharia até a morte.
- 1945** Presidente do Centro Médico Cearense
- 1946** É o deputado estadual mais votado do Ceará.
- 1947** Nascimento no dia 12 março da terceira filha, Lúcia, que também seria médica.
- 1952** É secretário de Educação de Raul Barbosa. Inauguração do Sanatório de Maracanaú, que ajudou a fundar. Nascimento no dia 19 de agosto da quarta e última filha, Lília, que se formaria em arquitetura.
- 1954** Com a morte de Walter de Sá Cavalcante, assume a Câmara Federal de 08/07/1954 a 31/01/55. Concorre, nas eleições de três de outubro, à Assembleia Legislativa Estadual e é o mais votado do partido.
- 1957** Diretor da Faculdade de Medicina por duas gestões consecutivas.
- 1965** Diretor do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) até 1968.
- 1968** Assume a vaga de senador pela Arena, ficando em Brasília até 1974.
- 1975** É vice-governador do Estado do Ceará.
- 1978** Assume o Governo do Estado do Ceará, entre 28 de fevereiro de 1978 e 15 de março de 1979.
- 1990** Morre em Fortaleza, no dia 10 de dezembro.

# Bibliografia

- CALDEIRA, Jorge. **Viagem pela história do Brasil**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997. 365 p.
- GIRÃO, Blanchard. **Doutor Valdemar: o médico, o político**. Fortaleza: Anuário do Ceará Publicações, 1992. 196 p.
- \_\_\_\_\_. **Waldemar Alcântara**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. 104 p.
- GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011. 48 p. (Coleção Biblioteca Básica Cearense - Projeto Obras Raras).
- Instituto do Câncer do Ceará: ética, ciência e vida**. Fortaleza: Expressão, 2004. 112 p.
- LEAL, Vinicius Barros. **História da Medicina no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978. 232p. (Coleção Cultura Cearense).
- NASCIMENTO, F. S. **Praíbas do Cauípe: 250 anos de história política**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1997. 282 p.
- NOGUEIRA, Jaana Flávia Fernandes; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **A política educacional cearense expressa nas Mensagens Governamentais de 1945 a 1964**. Disponível em: <[http://www.propgpq.uece.br/semana\\_universitaria/anais/anais2003/trabalhos\\_completos/sociais/sociais\\_08.rtf](http://www.propgpq.uece.br/semana_universitaria/anais/anais2003/trabalhos_completos/sociais/sociais_08.rtf)>. Acesso em: mar. 2012.
- PILAGALLO, Oscar. **A História do Brasil no Século 20**. São Paulo: Publifolha, 2004.
- REGO, Antônio Carlos Pojo do. **O Congresso Brasileiro e o Regime Militar (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2008. 316 p.
- SANTOS, Adailton Ferreira dos. **A Faculdade de Medicina Bahia: percurso e reforma do ensino no século XIX**. Disponível: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/YOZZeNJy.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/YOZZeNJy.pdf)>. Acesso em: mar. 2012.
- SARAIVA, J. Ciro. **No Tempo dos Coronéis: crônicas e episódios da política cearense (1958-1986)**. 2. ed. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2011. 308 p.
- SILVA, Cláudio Gonzaga. **O Clã do Cauípe: prefácio aos Rocha Motta cearense**. 2. ed. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998. 346 p.
- SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (Org.). **I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos: textos e contextos**. Fortaleza: Expressão, 2010. 460 p.



# A autora

Claudia Albuquerque é jornalista graduada pela Universidade Federal do Ceará. Trabalhou em diversos veículos de comunicação, como redatora e editora. Publicou a biografia “Adolfo Caminha – Um Maldito na Província” (Edições Demócrito Rocha) e coordenou a pesquisa iconográfica e a edição de textos do livro “Iracemas – Imagens de uma Lenda” (2006). Tem experiência com textos políticos e institucionais para rádio, televisão e jornal.





Lúcio, Lúcia, Luiza, e Lília agradecem a todos que de alguma maneira colaboraram para a concretização desta publicação.



© Fundação Waldemar Alcântara, 2012

COORDENAÇÃO GERAL  
Lúcio Alcântara

COORDENAÇÃO EXECUTIVA  
Sílvia Furtado

TEXTO E EDIÇÃO  
Cláudia Albuquerque

POESIA  
Maria Beatriz Rosário de Alcântara

PESQUISA  
Janaina Gouveia

REVISÃO DE TEXTO  
Antônio Setembrino de Mesquita e Souza  
Vera Filizola

COLABORADORAS  
Líliã Maria de Alcântara e França  
Lúcia Maria Alcântara de Albuquerque  
Luiza Maria de Alcântara

SELEÇÃO DE FOTOS  
Luiza Maria de Alcântara  
Sílvia Furtado

DIGITALIZAÇÃO DE FOTOS  
Telma Sousa

CAPA  
Alvaro Beleza  
Fernando Brito

PROJETO GRÁFICO E COMPOSIÇÃO  
Alvaro Beleza  
Lívia Torquato

TRATAMENTO DE IMAGEM  
Rubenio Lima

ICONOGRAFIA  
Arquivo da Família Alcântara, Arquivo Fundação Waldemar Alcântara (FWA), Arquivo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Arquivo Instituto do Câncer do Ceará (ICC), Arquivo Nirez, Eduardo França, Joana França, Júlio Alcântara.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Albuquerque, Cláudia  
Waldemar do Ceará e dos Alcântaras / Cláudia Albuquerque.  
— Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2012.  
148p. : Il.  
ISBN 978-85-7563-949-8  
1. Alcântara, Waldemar. 2. Médico-Biografia. 3. Político-Biografia. I. Título.

**FUNDAÇÃO WALDEMAR ALCÂNTARA**  
Rua Júlia Vasconcelos, 100  
Pio XII — Cep 60120-320  
Tel: (85) 3257 6927  
Fax: (85) 3241 2433  
www.fwa.org.br

Realização

2012 ANO DO CENTENÁRIO DE  
WALDEMAR ALCÂNTARA



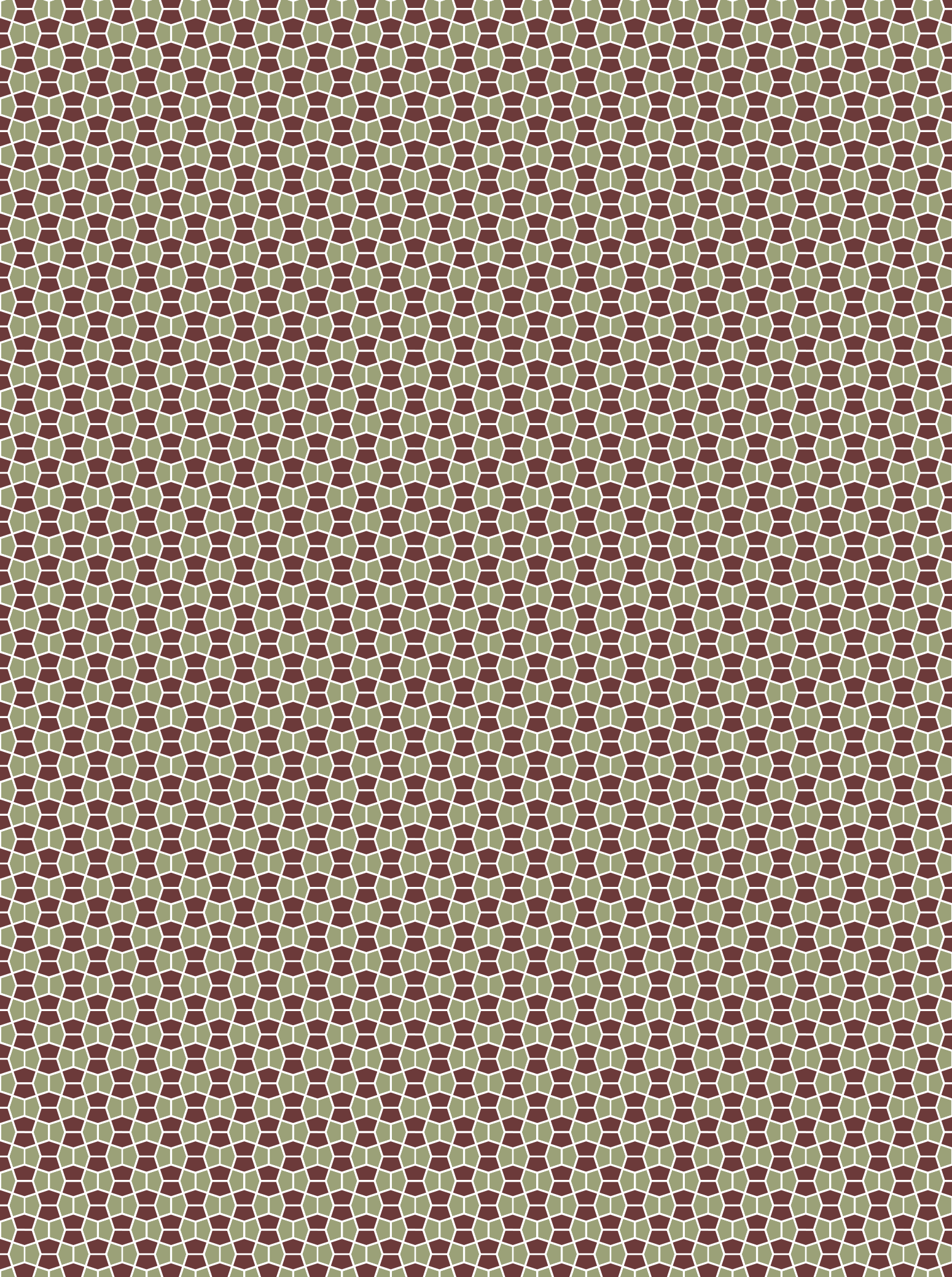
Apoio

**Ivens Dias Branco**





Esta obra foi composta nas fontes  
*Gandhi Sans* e *Gandhi Serif* —  
desenvolvidas por Gabriela Varela,  
David Kimura, Cristóbal Henestrosa  
e Raúl García — e *Acta Poster* —  
desenvolvida por Dino dos Santos.  
Impressa em junho de 2012,  
pela Expressão Gráfica.



Realização

Apoio

2012 ANO DO CENTENÁRIO DE  
WALDEMAR ALCÂNTARA

**Ivens Dias Branco**

